

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Faculdade de Educação

1991

QUE HISTÓRIA É ESSA ?

- uma proposta analítica dos livros paradidáticos de História -

Projeto
Livro Didático
UNICAMP
Biblioteca Central

Autora: Ernesta Zamboni \bar{n}

Orientadora: Profa. Dra. Elza Nadai, 1944 - \bar{n}

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Faculdade de Educação

1991

QUE HISTORIA É ESSA ?

- uma proposta analítica dos livros paradidáticos de História -

Autora: Ernesta Zamboni

Este exemplar corresponde à redação
final da Tese defendida por Ernesta
Zamboni e aprovada pela Comissão

Julgadora em 18/12/1991 -

Data:- 18/12/1991 -

Assinatura:- Ernesta Zamboni -

Orientadora: Profa. Dra. Elza Nadai.

809.249/6

COMISSÃO JULGADORA

Elisodir

Jilvia Flavia Gaudin

Santa Maria da Sud

Raquel Gley

Carli Schubert

Tese apresentada, como exigência parcial para obtenção do Título de DOUTOR EM EDUCAÇÃO na Área de Concentração: Metodologia de Ensino, à Comissão Julgadora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação da Profa. Dra. Elza Nadai.

Aos meus irmãos Luís, Marcelo e César,
em especial à Beatriz e Marina, com afeto.
À amiga Maria Zair.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho deve muito a algumas pessoas, às quais dirijo algumas palavras.

À **Elza Nadai**, orientadora e amiga de anos, com quem tenho aprendido muito, grande incentivadora da pesquisa na área de ensino de História.

À **mamãe**, pela força e afeto.

Ao amigo **Alcir**, pelo carinho, pelas preciosas sugestões, sobretudo pelo estímulo à minha autoconfiança.

À minha irmã **Beatriz**, sempre amiga, dando-me apoio logístico e afetivo.

À **Liane**, que tem colaborado para a minha realização afetiva e intelectual.

À **Katia**, que trouxe preciosa colaboração ao desenvolvimento da pesquisa.

À **Raquel**, pela atenção em me ouvir, pela troca de idéias e indicações bibliográficas.

À **Dulce**, pela sua presença sempre confortadora e sugestões metodológicas.

À **Ida**, por nossas falas telefônicas, empréstimo de livros e palavras de ânimo.

Ao **Regis**, com seu jeito todo especial em resolver meus problemas de digitação e sobretudo pelas importantes informações a respeito do mercado editorial enquanto editor da Revista Leia.

Aos editores **Jaime**, da Editora Contexto, **José Carlos**, da Editora Moderna, **Fernando**, da Editora Ática e ao **José Carlos**, da Editora Atual, pela atenção e prontidão em atenderem as minhas solicitações, generosamente abrindo-me as portas do mundo editorial.

Ao **Edgar** que, durante a longa entrevista, chamou-me a atenção para muitas das perspectivas que abordo neste trabalho.

A **Vera**, que pontuou diretrizes significativas à reflexão do período colonial.

A **Lais**, pela disponibilidade e paciência em ler meus textos e fazer as devidas correções ortográficas.

Ao **Tadeu**, que transformou a desorganização dos meus disquetes em textos organizados.

Enfim, a algumas pessoas muito queridas, que me ajudaram a trazer a bom termo este trabalho. Entre elas, lembro especialmente da **Carolina**, do **Luis de Mariana**, do **Sami** e da **Cida**.

RESUMO

Trata-se de um estudo de paradidáticos de História editados em São Paulo e destinados ao público escolar de primeiro grau. No "corpus" documental estão as coleções *O Cotidiano da História*, publicado pela Editora Ática, *A História em Documentos* da Editora Atual e *Redescobrimo o Brasil*, editado pela Brasiliense.

O trabalho está desenvolvido em três planos distintos mas intimamente interligados. Iniciamos com a descrição do lugar ocupado pelos livros destinados ao público escolar no mercado editorial e destacamos a posição de liderança de São Paulo.

O passo seguinte foi apresentar o conceito de paradidático usado pelos editores, com finalidade essencialmente mercadológica. Estabelecemos também relações entre as propostas e finalidades do ensino de história com o material editorial oferecido às escolas.

A insatisfação dos professores com a maioria dos livros didáticos e a oportunidade mercadológica existente favoreceram a oferta de um outro tipo de livro para a escola, denominado de paradidático, a título de inovação.

Dentre essas ofertas existentes no mercado, escolhemos aquelas três coleções propostas como inovadoras: quanto aos títulos, aos objetivos e à forma de apresentar o conteúdo. A primeira foi - *O cotidiano da História* - na qual analisamos o conceito de cotidiano que permeia toda a coleção, vinculando-o a uma das vertentes historiográficas da História Nova Francesa. A segunda -

História em Documentos - foi analisada, considerando o conceito de documento que dá sentido ao trabalho. Na terceira - **Redescobrimo o Brasil** - focalizamos a história apresentada na ótica das camadas populares.

Analisamos ainda os diferentes tipos de narrativas, ou seja, a ficcional, próxima ao romance, e a história quadrinhos; estudamos também o uso de documentos como suporte da narrativa.

Finalmente, nos detivemos nas manifestações do poder presente no espaço público e na esfera privada. Na conclusão, focalizamos os limites da inovação proposta.

ABSTRACT

This is a study about History books that give support to the teachers' and students' work - paradidáticos - published in São Paulo. They are organized for first grade students.

The History series selected which constitute the documental "Corpus" are: O Cotidiano da História, História em Documentos and Redescobrimo o Brasil. In these series, we analysed their innovation and its limits, detecting the conservative attitude that still remains as far as form and content are concerned.

This text has its focal points in the identification and analysis of the different languages used by the authors - the ficcional narrative, the comic books and the use of documents. The emphasis is also placed on the various aspects of power present in every text studied. So we concentrate in the manifestations of the effective power which is present in the public space and also in the private realm.

ÍNDICE

Apresentação.....	1
Introdução.....	6
Capítulo 1.....	36
Capítulo 2.....	76
Capítulo 3.....	137
Conclusão.....	186
Bibliografia.....	202

APRESENTAÇÃO

"Não nos enganemos: a imagem que fazemos de outros povos, e de nós mesmos, está associada à História que nos ensinaram quando éramos crianças. "

Marc Ferro¹

As editoras constituem uma das instituições responsáveis pela divulgação das informações históricas. Em nossa investigação mercadológica deparamos com grande variedade de ofertas de livros para a escola e para o público em geral. Para uma população que pouco frequenta a escola encontramos numerosas biografias, principalmente de Getúlio Vargas e de Tiradentes². A nossa pretensão inicial era analisar todos esses livros. Paulatinamente, sentimos que esta pretensão era ambiciosa e fugia dos nossos objetivos. Na realidade, estamos especialmente preocupadas com o ensino de história, com as propostas curriculares oferecidas à comunidade escolar, com a formação de professores e com os materiais existentes para este fim.

O público escolar constitui um mercado altamente compensador às editoras. Frequentemente elas oferecem às escolas dois tipos de livros, os didáticos e os paradidáticos.³ A nossa preocupação

¹ FERRO, Marc. *A Manipulação da História no Ensino e nos Meios de Comunicação*. Trad. Wladimir Araújo, São Paulo, IBRASA, 1983, p. 11.

² Segundo a informação de editores, estas publicações têm uma tiragem bastante alta, em torno de milhares de exemplares, e são vendidos em áreas de grande circulação como rodoviárias, supermercados, bancas de jornais.

³ Inúmeros estudos dedicam-se ao livro didático, mas o assunto ainda não se esgotou. Com relação ao paradidático, quase nada

centrou-se nos paradidáticos, postos no mercado com a finalidade de complementar o livro didático, subsidiar o trabalho docente e oferecer ao professor e aos alunos novas abordagens a respeito dos temas estudados e/ou propor outros.

As editoras têm organizado persistentes esquemas visando expandir o mercado consumidor do "paradidático". O incremento mercadológico ocorre por meio de mudanças editoriais, abrangendo aspectos formais e de conteúdo das publicações, em tudo quanto possa atrair o público escolar.

Na década de 60, a Editora Abril revolucionara o mercado editorial publicando livros em fascículos, oferecidos ao público em bancas de jornais, em regime de regularidade definida. Hoje, em 90, essa editora continua precursora no setor de fascículos. Atendendo a um mercado em potencial, constituído de uma massa de estudantes atentos à Tv e ao vídeo, ela oferece pioneiramente o "vídeo print"⁴.

A inovação existente na forma é uma questão de sobrevivência mercadológica. A dinâmica e o crescimento dos meios de comunicação exigem constantes ofertas e mudanças. A mais recente novidade é a transformação dos fascículos em vídeo. É um novo rótulo que surge!

Não há um padrão definido de paradidático e os editores compõem com certa liberdade livros de formatação variada, colori-

existe de estudos e reflexões mais sistematizadas sobre o assunto.

4 MERCADO DE FASCÍCULOS ENTRA NA ERA DO VÍDEO, *in Folha de São Paulo*, 5 de novembro de 1991, p. 3/10.

dos e fundamentalmente dotados de temáticas e propostas teórico-metodológicas aparentemente inovadoras. A invenção do novo é cuidada nos mínimos detalhes: tamanho, a forma dos livros, letras, qualidade do papel, variedade de cores, ilustrações.

A nossa posição frente a esta nova oferta mercadológica vai ao encontro de editoras paulistas que oferecem em seus catálogos coleções de paradidáticos de história à escola de primeiro grau. Nesse procurar deparamos com as editoras Ática, Brasiliense e Atual. Mas há outras, cuja oferta restringiu-se a poucos livros.

Após este procedimento, era importante enredarmos nos meandros da forma e do conteúdo dos livros, com a finalidade de identificarmos o novo neles ofertado. Facilmente apreendemos o novo na forma, armada de maneira a esconder o conteúdo da proposta arrolada.

Após detectarmos a inovação na **aparência**, rastreamos os temas existentes para chegar a possíveis inovações conteudísticas. Notamos grande similitude entre os temas presentes nas propostas curriculares e nos paradidáticos. Somente uma análise mais acurada poderia nos indicar se os paradidáticos efetivamente inovam em algum ponto. Para alguns editores a simples presença deles na sala de aula é sinal de nova concepção de escola e de uma visão mais aberta de educação.

Não podemos concordar com a opinião destes editores. Há inúmeros indícios (também presentes nas falas de professores, ausência de verbas para as bibliotecas, estímulos mercadológicos, desejo de se modernizar), ^{ide} que estes livros vieram de fato substi-

tuir outras fontes de pesquisas bibliográficas e mascarar o novo na educação.

Foi-nos difícil a análise desse material. Em uma primeira leitura ficamos com a impressão de que o material era muito bem sucedido, e poucas eram as perguntas a serem feitas. As "verdades" lá estavam, apresentadas em trechos curtos, de forma agradável e convincente, de fácil assimilação, quase sempre carregadas de humor. Comparamos os títulos dos paradidáticos com os temas das propostas curriculares e constatamos serem os mesmos. As dúvidas surgiram a partir daí. Nos intrigamos, por que estes temas e não outros? Seriam os que melhor explicariam a colônia (o nosso recorte temporal)? A não inovação nos recortes temáticos escondia algum tipo de problema?

Aos poucos fomos penetrando nas artimanhas dos textos e começamos efetivamente o nosso trabalho. Buscamos então relacionar os títulos das coleções com suas propostas e estas com o conteúdo e a representação das imagens. Nesse proceder, podemos constatar que o conjunto dos livros não propõe sequer um conceito de colônia: os textos trazem reiteradamente a marca do poder, da autoridade, do respeito à "ordem social" vigente. Estas posturas passam pelos diálogos, pelas imagens, pelas relações existentes nos micro-organismos sociais; algumas vezes, sua presença é clara, explícita, ostensiva. Noutras, subliminar. No feitio daqueles que lidam os meios de comunicação, em busca do convencimento rápido.

As páginas que se seguem deverão demonstrar que os paradidáticos não são tão inocentes, pois a sua tessitura é montada com o objetivo de consumo imediato e massivo, semelhante a qual-

quer tipo de mercadoria vendável. O livro paradidático, na forma nova de cultura livresca, vem demonstrar até que ponto a crise da cultura chegou: sendo ela domínio da crítica e do conhecimento, o paradidático faz com que ela receba influxos reiterados de desinformação e alienação.

INTRODUÇÃO

"Cultura constitui um corpo complexo de normas, símbolos, mitos e imagens que penetram o indivíduo, em sua intimidade, estruturam os instintos, orientam as emoções".

Edgar Morin¹

O livro é um objeto que difunde a palavra escrita, divulga idéias e mensagens através dos estímulos produzidos pela leitura de seus textos, estimula o pensamento e enriquece o leitor espiritualmente e o seu interior contém um saber racionalizado, organizado, circulador de informações. A prática da leitura costuma ser individual; ela é criativa, produtora de sentidos singulares e significações particulares. De um lado, representa para o leitor um modo diferente de se relacionar com quem escreve e, nesta inter-relação, promove, com o autor, uma simbiose de ricas possibilidades intelectuais. De outro, é um produto típico da indústria cultural, um bem destinado ao consumo que editores e autores têm interesse em comercializar, uma mercadoria entre outras que circula pelo mercado e produz lucro, muito lucro.

O texto didático constitui um momento ímpar nesse circuito, pois destina-se a um público específico, com qualidades determinadas, adequado ao nível de leitura dos consumidores que se pretende conquistar. Destila mensagens que vão além da aparên-

¹ MORIN, Edgar. *Cultura de Massas no Século XX - Espírito do Tempo - Culturas em Debate*. Trad. Maura Ribeiro Sardinha, Forense, 1967, p. 17.

cia; ao analisá-lo, o leitor atento pode estabelecer relações entre a construção do discurso e a mensagem transmitida. Em meio a uma selva de signos, os signos dos livros didáticos são de uma qualidade à parte.

Nas sociedades contemporâneas, com a expansão dos meios de comunicação de massa - TV, rádio, cinema, publicações - as mensagens tornaram-se também produtos de consumo. A sua linguagem deve ser específica e as informações acessíveis aos segmentos sociais que se pretende atingir.

A produção de livros, como seu consumo, constitui invenção das sociedades urbanas industrializadas, com forte densidade demográfica. Sintomaticamente, as maiores editoras do país estão localizadas em São Paulo e Rio de Janeiro.

Segundo a revista Leia, desde 1984 São Paulo é o maior parque editorial do país. Ele ocupa um lugar privilegiado quanto ao volume e à quantidade de novos títulos publicados.

Percentualmente, a distribuição das 100 editoras mais importantes do país é a seguinte:

no ano de 1984	-	54,0% em SP
	-	38,0% no RJ ²
no ano de 1985	-	42,0% em SP
	-	36,0% no RJ ³
no ano de 1986	-	46,0% em SP

² 6% estavam no RS e 2% em MG, Quem é quem no Mercado Editorial, in Revista Leia, jun/1985.

³ 10% estavam no ES e 3% em MG, Quem é Quem no Mercado Editorial, in Revista Leia, jun/1986.

- 30,0% no RJ⁴
- no ano de 1990 - 44,4% em SP
- 27,7% no RJ⁵

Segundo dados de 1989, publicados pela revista Isto é/Senhor, no Estado de São Paulo foram comprados 35% dos livros vendidos no país; no Rio de Janeiro foram comercializados 17%; na região centro-oeste 8,4%; na região norte 6%; no nordeste 13,24%; na região sul 12%⁶.

A maior absorção de vendas de livros em São Paulo é decorrente de sua maior densidade demográfica em relação a outras regiões do Brasil, assim como do padrão de vida da sua população, em termos relativos. As condições de mercado asseguram aos editores e livreiros maiores lucros com a comércio do livro, pois é possível economizar nos transportes e na racionalização da publicidade.

Nos dados acima mencionados não estão incluídas informações a respeito dos livros didáticos. Os segmentos de produção ligados a eles constituem o maior mercado editorial do país, cujos dados são difíceis de serem coletados, pois os editores re-

⁴ 13% estavam no RS e 3,0% em MG, Quem é Quem no Mercado Editorial, in Revista Leia, jun/1987.

⁵ 6,6% estavam no RS e 2,2% em MG, Quem é Quem no Mercado Editorial in Revista Leia, ago/1990.

⁶ MARQUES, Carlos José. Muitos Livros, Poucos Leitores, in Isto é/Senhor, nº 1043, 13/set/1989, p. 72.

cusam-se a fornecê-los sob a alegação "de estarem mantendo uma velha tradição do ramo de não divulgar as tiragens"⁷.

O auge da produção livreira no Brasil, de livros não didáticos, aconteceu nos anos de 79/80⁸. Já na década de 80 a situação não foi tão promissora, apesar do apoio oficial. No governo Sarney, a política de incentivo cultural contribuiu para que empresários de outros setores produtivos financiassem pesquisas, edição de livros de arte, promovessem cursos e concursos literários. A Nestlé, por exemplo, financiou concursos de literatura infanto-juvenil. Os historiadores conheceram também um momento promissor, através da abertura de novos campos de trabalho⁹.

Entretanto, o setor livreiro propriamente dito não sustentou o mesmo crescimento da década anterior. A Record, editora do Rio de Janeiro, publicou em 1985 cem títulos a menos que no ano anterior e o número de exemplares produzidos ficou reduzido a um milhão e meio. Contribuiu para esta situação a escalada inflacionária de 200% no final de 1985, atingindo conseqüentemente o sistema financeiro, afetado pelo congelamento de preços, quando os custos não puderam ser repassados ao consumidor¹⁰.

⁷ PINHEIRO, Sonia. A Divisão da Maior Fatia - Livros Didáticos, *in Revista Leia*, jun/987, p. 13.

⁸ Quem é Quem no Mercado Editorial, *in Revista Leia*, jun/1985.

⁹ Não associados à criação de livros didáticos, evidentemente.

¹⁰ SERRA, Cristina. "A Record Aposta no Pacote", *in Quem é Quem no Mercado Editorial*, *Revista Leia*, jun/1986, p. 29.

A crise no mercado editorial perdurou em 1987. A Brasileira chegou a vender 60% menos unidades de livros do que no ano anterior. Esta crise foi mascarada, na opinião dos editores, pelas vendas de Natal e as editoras que comercializavam livros didáticos só vieram a senti-la a partir do mês de maio¹¹. Entretanto, ela não atingiu igualmente todo o setor. O sistema de vendas da Nova Cultural, através do Círculo do Livro, que trabalha com sócios, manteve um mercado mais ou menos estável, sem ser atingido quer pela euforia quer pela depressão.

Nesta conjuntura, o livro didático manteve-se como o ponto forte das editoras, sendo sua retaguarda econômica. Como afirmamos anteriormente, tais dados não costumam ser explicitados pelo setor livreiro. Mas, algumas mudanças já são notadas. Das quarenta e cinco editoras do país, catalogadas no segmento de "didáticos", segundo pesquisa realizada pela revista Leia - Quem é Quem no Mercado Editorial - 62,2% delas não forneceram dados a respeito da comercialização de seus produtos.

As cinco editoras nacionais que mais venderam livros para a Fundação de Assistência ao Estudante foram:

Brasil	- 6.397.830 exemplares
FTD	- 6.090.570 exemplares
Atica	- 5.397.567 exemplares
Ibep	- 3.989.014 exemplares

¹¹ LEITE, José Correa. A crise chega aos livros, in Revista Leia. jun/1987, p. 9.

Saraiva - 3.583.417 exemplares¹².

As freqüentes crises econômicas por que vem atravessando o país, e com elas a instabilidade no mercado editorial, levaram os editores a publicarem obras dirigidas ao público infanto-juvenil, visando a assegurar um futuro estável no mercado consumidor. Afirma Wander Soares, da Saraiva:

"O livro destinado ao público de 11 a 17 anos é o que deverá vender mais nos anos 90. E não se trata de especulação (...) Se ele (o jovem) criou o hábito da leitura, o mercado poderá crescer como um todo"¹³.

O filão de ouro para o comércio do livro desloca-se para a juventude. Os editores investem em livros didáticos, literatura infanto-juvenil e agora nos denominados **paradidáticos**, que começam a entrar fortemente no mercado desde a década de 1980.

Para os editores, são consideradas paradidáticas as publicações que têm como objetivo subsidiar o trabalho pedagógico. Consideramos como didática toda produção usada pelo professor na sua atividade docente. A diferença que se observa entre o chamado **livro didático** e o **paradidático** é uma questão de forma e não de conteúdo.

A denominação **paradidático**, em catálogos editoriais, apareceu no final da década de 70. Foi lançada numa política de "marketing" com finalidade comercial por Giro Takashi, que na época trabalhava para a Editora Ática.

¹² PINHEIRO, Sonia. Livros Didáticos - A Divisão da Maior Folia, in Revista Leia, jun/1987.

¹³ Revista Leia, ago/1990, p. 23.

A Editora Abril, desde a década de 60, liderava a produção de bens culturais destinados ao grande público, incluindo o escolar. Notava-se, neste período, uma ampliação quantitativa de títulos e simultaneamente expandiam-se a produção e os canais de distribuição.

A grande arrancada comercial de publicações destinadas diretamente ao público escolar aconteceu nas décadas de 70 e 80, com desdobramentos nos anos 90. O investimento neste setor é compensador, pois como afirmou o diretor-gerente da Record, os materiais denominados paradidáticos sempre foram produzidos ao menor custo possível¹⁴. Isto acontece devido à mudança da concepção da mancha gráfica, na qualidade do papel e no tamanho das letras.

Tais publicações encontraram espaço nas editoras para o seu crescimento, pois a venda de livros didáticos se faz maciçamente nos primeiros quatro meses do ano, quando tem início o ano letivo; nos demais meses, as editoras ficam praticamente ociosas, trabalham em ritmo lento. Com o objetivo de aproveitar essa ociosidade, começaram a investir na produção de paradidáticos e novas séries de publicações surgiram, apresentando títulos variados.

Esse tipo de produção penetrou nas escolas e sua difusão passou a ser feita através da montagem de programas educacionais em canais de televisão, apoiados em fascículos¹⁵.

¹⁴ Revista Leia, jun/1986

¹⁵ As editoras Abril e Globo tiveram papel de destaque, pois conseguiram a prioridade nas publicações e distribuições dos fascículos voltados a uma população adulta, como os Cursos de Madureza e a Cartilha Abril de Alfabetização.

A ampliação da escolaridade alargou conseqüentemente o mercado consumidor de leitores em potencial. A preocupação de ensinar ler e escrever, em pouco tempo e sem infra-estrutura adequada, a milhões de brasileiros, fez com que a educação se transformasse em mercadoria cultural de massa. Esta posição foi fortalecida pela postura do Estado que, ao não se ver em condições de atender a demanda educacional, transferiu, ao setor privado, através de inúmeros privilégios oferecidos, o poder de abrir escolas e de organizar os recursos didáticos. Assim, este setor rapidamente se apropria dos cursos supletivos de primeiro e segundo graus, dos vestibulares e do ensino de terceiro grau¹⁶. A educação passa, em detrimento da escola pública, a ser concebida como um investimento comercial, visando a concorrência no mercado profissional e fortalecendo a escola particular.

Na década do "milagre brasileiro" - 1970 - o acentuado crescimento urbano exigia da população um nível de escolaridade inexistente. A classe média em expansão via-se compelida, de alguma forma, a melhorar o nível de informação de seus filhos, até como meio de ascensão social; comprava-lhes então revistas e fascículos visando a ampliar o acesso aos conhecimentos.

As editoras, que conseguiram um espaço no mercado editorial com a publicação do livro didático, encontraram nessa conjuntura social um flanco aberto para a produção de uma outra mercadoria: os paradidáticos, o novo filão lucrativo.

¹⁶ FREITAG, Bárbara. *Política Educacional e Indústria Cultural*. São Paulo, Cortez Autores Associados, 1987, p. 76.

Em São Paulo, as editoras voltadas ao mercado de paradidáticos são: Contexto, Ática, Atual, Global, Moderna, Brasiliense, FTD e Abril¹⁷.

A CONTEXTO Editora foi fundada em setembro de 1987. Tem setenta títulos publicados e destinados às escolas de primeiro, segundo e terceiro graus, com a intenção de subsidiar o trabalho docente. Apresenta uma série denominada *Repensando a História*, com dezesseis temas publicados sobre História do Brasil e dirigidos aos alunos de segundo grau. Além dessa série, a coleção *Textos-Documentos*, formada de nove livros sobre a História do Brasil e dois sobre História Geral, destina-se a universitários e a alunos de segundo grau.

Os títulos mais vendidos foram: *O Mito do Herói Nacional*, *Partidos Políticos* e temas referentes à mulher e ao escravo. De 1988 a 1990, os livros mais comercializados foram aqueles voltados para a escravidão e para a mulher, e continuam sendo vendidos; são temas de oportunidade, pois a mulher tem sido objeto de estudo de muitos trabalhos acadêmicos e, em 1988, comemorou-se o centenário da abolição.

A EDITORA ATICA lidera o mercado de publicações com seiscentos e nove títulos, a partir de 1988. Segundo José Bantin, seu diretor editorial, a empresa está atingindo a marca dos mil e

¹⁷ No momento da pesquisa somente as editoras Atual, Ática, Brasiliense ofereciam coleções de paradidáticos em história, voltadas para o primeiro grau.

oitocentos títulos em catálogo, espera chegar a dois mil e cem em 1991 e manter a atual liderança em publicações, através do investimento nos livros didáticos para jovens e em textos de leitura extra classe¹⁸.

Essa editora foi organizada visando a produção e comercialização de livros didáticos. Na década de 70 começou a publicar materiais cuja finalidade era subsidiar o trabalho docente. Possui quatro grupos de publicações denominadas **Cotidiano da História**, **Textos Universitários**, **Ensaio e Diversos**.

COTIDIANO DA HISTÓRIA - Demonstra a preocupação em registrar o dia-a-dia da população e encontrar um ponto intermediário de estudos entre o "povo" e a história das grandes personagens. Os organizadores da coleção afirmam que tiveram a intenção de colocar como "sujeito histórico as relações sociais entre as pessoas de um determinado momento ou o fato histórico". A particularidade da coleção é que a trama da narrativa é eminentemente ficcional. O projeto dessa coleção começou a ser elaborado no final da década de 70. Trata-se de obra destinada aos alunos do primeiro grau, com dezenove títulos publicados, quinze deles sobre o Brasil e quatro referentes à História Geral.

Segundo o editor da coleção, a concepção de história que orienta os trabalhos é a de uma história dinâmica, conflituosa, produzida por indivíduos integrantes de uma sociedade de classes. Com relação aos grandes personagens, mitos e heróis, são figuras que vencem os conflitos com certa facilidade e apresentam

¹⁸ Bons Desempenhos, Apesar da Inflação, in Revista Leia, ago/1990, p. 25.

alto teor de idealismo, como na obra *Tiradentes*, cuja tiragem da primeira edição foi de vinte e cinco mil exemplares.

TEXTOS UNIVERSITARIOS - é uma série formada de cento e cinqüenta temas variados e abrange as diversas áreas do conhecimento. Há livros sobre sociologia, economia, história e cultura. Dos cento e cinqüenta livros publicados, trinta e quatro deles são sobre História e, desses, catorze referem-se ao Brasil. São obras destinadas ao segundo e terceiro graus, originadas de trabalhos acadêmicos, com a simplificação necessária a um público não especialista.

ENSAIOS - é uma série formada de cento e vinte e sete títulos destinados ao terceiro grau. Desses, dezesseis tratam de assuntos pertinentes à História do Brasil com temática variada. O enfoque dos títulos dos livros centra-se na escravidão e nos movimentos sociais. Muitos dos livros tiveram a sua origem em teses acadêmicas.

A **EDITORA ATUAL** foi organizada, nos anos 60, por dois professores de matemática, a partir da publicação de apostilas que usavam em suas aulas.

Semelhante à Ática, ela entra no mercado oferecendo livros didáticos e, na década de 80, iniciou a publicação de paradidáticos com as seguintes coleções: *Discutindo a História*, *Redescobrimo o Brasil*, *Leituras Complementares* e *Lendo*.

A primeira coleção a ser lançada foi **DISCUTINDO A HISTÓRIA**, com temas de História Geral que abrangem do período

contemporâneo à antiguidade. É uma série destinada aos segundo e terceiro graus.

LEITURAS COMPLEMENTARES é uma obra com apenas um título - uma biografia sobre Getúlio Vargas - com a intenção de atingir alunos de primeiro e segundo graus.

LENDO é formada por um conjunto de doze títulos, basicamente textos literários, onde os assuntos políticos são o tema predominante. Destina-se a alunos de primeiro e segundo graus.

REDESCOBRINDO O BRASIL é a mais recente publicação de paradidáticos. O primeiro volume foi publicado em 1989 e todos os temas estão voltados para o Brasil. É uma obra destinada especialmente ao primeiro grau. A média de tiragem é de seis mil exemplares.

A **EDITORA MODERNA**, como as demais citadas, preocupa-se com a publicação de didáticos. As publicações de paradidáticos em História concentram-se em três coleções: **Polêmica**, **Paz e Terra** e **Biografias**.

POLEMICA é uma coleção de livros que aborda temas da atualidade. Compõe-se de dez livros, sendo que três referem-se ao século XIX e sete, ao período republicano. Visa atingir o segundo grau.

PAZ E TERRA é uma coleção formada de oito títulos sobre o Brasil. Todos enfocam temas da atualidade. Como a coleção anterior, destina-se ao segundo grau.

BIOGRAFIAS é uma coleção, como o próprio título sugere, voltada à história de pessoas que marcaram época. Sete são as

personagens biografadas, três delas brasileiras; ela pretende atingir os alunos do primeiro grau.

Para facilitar a comercialização dos seus livros, as coleções foram incluídas em uma única - **POLEMICA** - denominação mais abrangente, cujos temas estão voltados para as questões da atualidade¹⁹.

A **EDITORIA GLOBAL** é voltada exclusivamente para a produção de obras destinadas ao segundo e terceiro graus. Sua distribuição dos livros é realizada por meio de livrarias. Ela possuía em 1989 uma série diversificada de coleções - **História Popular, Global Universitária, Bases, Universidade Popular, Teses, Que País é Este?, Temas, Educação e Ação Política, Textos, Passado/Presente, Global-Direito, Luta de Classes e Caminhos da Constituinte.**

HISTÓRIA POPULAR é composta de quinze títulos sobre o Brasil. Os temas predominantes referem-se à política, aos movimentos sociais e à abolição.

GLOBAL UNIVERSITARIA é constituída de treze títulos, sendo quatro dedicados à História. Os assuntos enfocados abrangem os campos da política e da teoria e visam a atingir o terceiro grau.

BASES é uma coleção composta de vinte e sete títulos, com temas teóricos nas áreas da economia e da política. Trechos de obras clássicas constituem o conteúdo desses livros como, por

¹⁹ Informação obtida na entrevista com o Sr. José Carlos, editor, 20/06/1990.

exemplo, partes de *O Capital*, de Karl Marx. Destinam-se também ao terceiro grau²⁰.

UNIVERSIDADE POPULAR é formada por um conjunto de cinco títulos. Consta de obras teóricas no campo da política, destinadas ao terceiro grau.

QUE PAÍS É ESTE? é formada por cinco títulos de natureza política, que podem interessar ao segundo e terceiro graus.

TEMAS é uma coleção composta de três títulos referentes à História Política e Social dos séculos XIX e XX.

EDUCAÇÃO E AÇÃO POLÍTICA é uma série de vinte e três títulos. São assuntos atuais de natureza política e visam aos segundo e terceiro graus.

PASSADO/PRESENTE possui apenas um único tema de História ligado ao movimento anarquista e visa a interessar os alunos do segundo e terceiro graus.

GLOBAL-DIREITO apresenta apenas um tema que trata da constituição brasileira, destinado ao segundo e terceiro graus.

LUTA DE CLASSES é composta apenas de dois livros de assunto político, obra destinada ao segundo e terceiro graus.

CAMINHOS DA CONSTITUINTE, como o próprio título diz, trata da Constituinte, com um único exemplar. Destinado aos segundo e terceiro graus.

²⁰ Nesta coleção há textos que já entraram no domínio público, do ponto de vista autoral. É frequente as editoras fazerem compilações de vários textos que não estão em domínio público, evitando, desta forma, pagar os direitos autorais aos seus autores. É a pirataria editorial. Segundo informações obtidas nas entrevistas, a regularização dos pagamentos referentes aos direitos autorais, de forma sistemática, por parte das editoras, no Brasil, é uma prática recente.

A EDITORA BRASILIENSE²¹ tem suas publicações atingindo um público heterogêneo e diversificado. É uma das primeiras editoras a publicar pequenos livros denominados DE BOLSO²², que levaram ao seu barateamento e à ampliação do mercado consumidor. As coleções de maior divulgação são: TUDO É HISTÓRIA, PRIMEIROS PASSOS, BIOGRAFIAS e HISTÓRIA.

Tais coleções têm mais de quinhentos títulos publicados em menos de dez anos. Tiveram boa aceitação por um público que não estava diretamente ligado à escola. Houve possibilidade de ampliar o debate que estava restrito ao meio acadêmico. Não se encontra nestas publicações homogeneidade em relação aos temas e ao tratamento conferido pelos autores. As coleções Tudo é História e Primeiros Passos acompanham o estilo Que sais-je?, repensada para o Brasil dos anos 70 e 80.

Com relação ao primeiro grau, a editora publicou três livros, cujas temáticas estão diretamente ligadas às propostas presentes nos programas oficiais de História: *Olha lá o Brasil! E Finalmente Portugal nos Descobriu; Da Colônia ao Império - Um Brasil para Inglês ver...; Cai o Império! República Vou Ver!*. Essa trilogia é denominada Redescobrimdo o Brasil. A particularidade dessa coleção é seu tom de paródia e a apresentação em forma de história em quadrinhos.

21 Foi fundada em 1943 por Caio Prado Júnior e Monteiro Lobato.

22 As coleções caracterizam-se pela simplificação de textos acadêmicos, buscando com este procedimento a divulgação das informações e do conhecimento. São publicações que atendem a um público de segundo e terceiro graus.

A EDITORA ABRIL foi fundada em 1950 por Victor Civita. No final dos anos 70 a empresa foi subdividida em duas e cada uma delas foi herdada por um filho. Uma delas passou a ser denominada Abril Cultural e a outra, Nova Cultural. Recentemente, do mesmo grupo, surgiu a Best Seller.

A originária Abril obteve grande importância no mercado de livros pelas inovações mercadológicas que introduziu. Na década de 50 publicou várias revistas em quadrinhos: fotonovelas, desenhos como o Pato Donald e outras. As fotonovelas que tiveram grande sucesso junto ao público foram Capricho, Ilusão e Noturno. Constituíam traduções de similares italianas e apresentavam histórias de Cinderela em uma ótica moderna e urbana. Além dessas revistas, uma outra ganhou destaque: Conhecer, também tradução italiana, enciclopédia que alcançou êxito e exerceu influência no meio escolar.

Na década de 60 o número de publicações aumentou de sete para vinte e sete títulos e apareceram revistas especializadas como Transportes Modernos, Máquinas, Quatro Rodas, Metais e Curso Intensivo de Madureza. Os fascículos referentes aos cursos de madureza estavam ligados aos programas televisivos de preparação aos exames finais. Esses programas e publicações objetivavam atingir um determinado leitor de classe média baixa e segmentos populacionais do operariado urbano que buscavam ascensão social através do diploma.

Visando a atingir um público mais diferenciado, em 70, a Abril editou Os Pensadores, coleção destinada ao terceiro grau.

Nessa mesma década publicou uma série de coleções de interesse histórico, que foram vendidas inicialmente na forma de fascículos: **Os Grandes Personagens da Nossa História, Gênios da Pintura, Museus, Saga, Mulheres Imortais**. Para organizá-las a editora contratou profissionais de História, nomes reconhecidos pela comunidade acadêmica.

A grande inovação da Abril foi vender livros e coleções no sistema de fascículos em bancas de jornais, com regularidade definida, semanal ou quinzenal. Quando completada a coleção, era oferecida ao público por vendedores que iam a domicílio. Essa estratégia revolucionou o mercado livreiro, acarretando modificações no comportamento e nas atitudes do público consumidor. O livro, anteriormente adquirido por alguns, uma franja definida da população, passou a ser consumido por um público maior. Essa mudança foi decorrente do fato de a livraria ser um espaço comercial, com códigos específicos de distribuição e classificação de objetos da produção cultural. Somente uma população conhecedora e familiarizada com os mesmos sente-se à vontade em seu interior; os demais leitores em potencial inibem-se no trânsito das livrarias.

A venda de livros e enciclopédias em bancas de jornais, em locais de grande circulação, a domicílio e a possibilidade de aquisição de livros através de pagamento parcelado contribuíram para que um número maior de pessoas tivesse acesso ao livro, imprimindo ao processo de aquisição de bens culturais um caráter democrático.

Como afirma Renato Ortiz:

"a editora cobre o interesse dos leitores potenciais da camada dominante aos setores médios e a franja superior da classe trabalhadora, que em boa parte é excluída do sistema de ensino após a conclusão dos estudos primários. Para esta camada, esses fascículos cumprem uma função didática."²³

A primeira coleção publicada pela Abril destinada ao público universitário foi *Os Grandes Personagens de Nossa História*, que se constituía em cinqüenta e seis fascículos, reunidos em quatro volumes. A coleção *Saga*, destinada ao público de primeiro e segundo graus, era formada por sete volumes, assim constituídos: dois referem-se ao período colonial, dois ao Império e dois à República. Um outro traz a cronologia e as biografias acompanhadas de um glossário.

Outra significativa coleção é *Nosso Século*, composta de cinco volumes, escrita em tom jornalístico. Acompanha-a um número especial dedicado à história da propaganda.

Os livros da *Nova Cultural* são vendidos em bancas. Nesse caso há dois tipos de compradores, o das séries e o dos títulos eventuais, enquanto que as livrarias atraem apenas o segundo. Segundo seu diretor, Roberto Silveira:

"o colecionador demora mais a desistir, apesar da crise, de forma que o mercado de banca demora mais a sentir os seus efeitos (...). Antes as camadas de menor poder de renda compravam nossos livros nas bancas, enquanto os de maior renda compravam nas livrarias. Agora, os segmentos mais pobres podem estar deixando de comprar e parcelas das de maior renda substituindo as compras em livrarias por compras em bancas."²⁴

²³ ORTIZ, Renato. *A Moderna Tradição Brasileira*, São Paulo, Brasiliense, 1988, p. 124.

²⁴ Quem é Quem no Mercado Editorial, in *Revista Leia*, jun/1987, p. 10.

Na ótica das duas editoras, os leitores dos paradidáticos são basicamente alunos das escolas particulares. O livro, de modo geral, é um artigo de luxo nas casas brasileiras. Nos dados colhidos, pelo recenseamento de 1980, e publicados em 1982, 25% das unidades familiares visitadas não tinham nenhum livro de qualquer natureza em casa²⁵.

Atualmente, há editores que buscam organizar estratégias de vendas que incluam outros espaços, como supermercados, papelarias, drogarias, bancas de jornais, onde se ofereçam os paradidáticos. Mas o mais freqüente é a compra de livros via professores e divulgadores.

A concepção e a utilização de paradidático, para alguns editores de São Paulo, têm a ver com uma proposta mais aberta e avançada de escola e de ensino, que não se restrinja aos manuais didáticos e ofereça aos alunos oportunidade de outras leituras. Com relação ao professor, cria-lhe a possibilidade de organizar o seu próprio currículo, imprimindo em seu trabalho dinâmica especial. Para isso, a qualidade do texto é fundamental. Será que essa intenção se efetiva na prática? Sendo os textos paradidáticos mais compactos, podem ser melhor articulados que os didáticos, pois são mais livres quanto à organização e seleção de temas. Com tais características, será que fornecem aos alunos mais dados e argumentos para fundamentarem suas opiniões e ampliarem sua visão sobre os assuntos propostos?

²⁵ Quem é Quem no Mercado Editorial, in Revista Leia, jun/1985.

Tais preocupações não constituem o centro do nosso trabalho mas são possíveis de serem inferidas através de análises a serem feitas a respeito do objeto da pesquisa.

De modo geral, o paradidático vulgariza o conhecimento, não no sentido lato da palavra, mas no da simplificação das informações. Essa vulgarização começa na seleção temática, continua na decisão do coordenador e editor, e complementa-se por meio de suplementos de exercícios, sob a batuta criativa dos *copy desks*.

Os critérios que norteiam a seleção dos temas a serem publicados estão condicionados pela constância com que são explorados nas salas de aula e pela sua pertinência nos programas escolares. **Descobrimento do Brasil, Inconfidência Mineira, Abolição, Estado Novo** são alguns dos temas mais explorados nos paradidáticos.

O tema é desenvolvido levando em consideração, fundamentalmente, o seu público consumidor, isto é, os textos são organizados de tal maneira que cubram as expectativas da população a atingir. É preciso verificar a sua abordagem metodológica e do conteúdo, ou se visam tão somente despertar o interesse dos alunos, manter o consumo por determinado número de anos, garantir sucessivas edições.

Todavia a permanência temática é relativa, uma vez que os objetos da indústria cultural precisam ser substituídos rapidamente por outros, de modo que o consumo seja preservado. A mesma proposição, frequentemente, é reeditada com outra maquiagem. Para que o tratamento dos temas não fique superado, os pro-

jetos editoriais são submetidos *a priori* a um programa regular e sistemático de definição.

No processo de "montagem" de uma coleção de paradidáticos as editoras lançam um *livro piloto*, com tiragem especial, distribuída em algumas salas de aula e para alguns professores. Os livros são acompanhados de um questionário que professores e alunos são convidados a responder. O fascículo *Engenho Colonial* da coleção *O Cotidiano da História*, da Editora Ática, por exemplo, foi usado como teste em escolas particulares e públicas de São Paulo. Dos resultados obtidos o projeto é ampliado e/ou modificado.

Outro cuidado que acompanha editores e coordenadores das coleções é a escolha do autor. Normalmente, os textos são encomendados aos "bons professores", com larga experiência em sala de aula de primeiro e segundo graus, mas o mais freqüente é convidarem professores universitários e autores que têm experiência neste tipo de redação²⁶. Não é "exigido" do autor um conhecimento profundo sobre o assunto e não é necessário "ser da área". Com relação à coleção *Cotidiano da História*, alguns autores nem mesmo são historiadores e sim escritores profissionais, como Marcos

²⁶ Até meados dos anos 70, o campo de mercado de trabalho para o historiador estava voltado basicamente para o magistério de primeiro e segundo graus e a universidade. Havia poucas atividades de pesquisa - museus, arquivos. Poucos profissionais se interessavam pela área de divulgação. À medida que a história como produto de divulgação do conhecimento é aceita, novas perspectivas se abriram como: assessoria de pesquisa e projetos de cinema, tv, rádio, teatro; livros de divulgação, e de *business history* (Os Estados Unidos foram os grandes divulgadores da história encomendada por empresários - biografias ou históricos da própria empresa).

Rey, Francisco Marins, Julieta de Godoy Ladeira, Luis Galdino e José Geraldo Couto²⁷. Estes escritores estão a postos para introduzir as novidades necessárias à ativação dos temas e têm larga experiência em escrever textos com vistas a uma criação industrializada pois dominam as técnicas de redação.

O texto escrito obedece a certas normas de estilo, indispensáveis à transmissão das suas idéias. Precisa ser claro, simples, com pensamentos curtos e de fácil apreensão, com mensagens diretas, transparentes, evitando a opacidade da linguagem²⁸.

O coordenador discute com o autor as linhas norteadoras do projeto, os princípios que o orientam, a organização dos livros. Dá apoio teórico, fornece material e exerce o papel de *copy desk*, que imprime ao texto um estilo homogeneizado - um estilo universal²⁹.

Outro aspecto cuidado nas obras paradidáticas é o papel desempenhado pelo ilustrador, mesmo porque a imagem gráfica complementa o texto, reforçando-o ou dando-lhe outra significação.

Para a divulgação da mensagem escrita e gráfica há uma fonte emissora e outra receptora. Antes de se chegar à emissão e,

²⁷ LADEIRA, Julieta de Godoy. *Recife dos Holandeses*. MARINS, Francisco. *A Guerra dos Canudos*. REY, Marcos. *Proclamação da República*. COUTO, José Geraldo. *Brasil, Anos 60*. Editora Atica, São Paulo.

²⁸ BORJA, Wagner. *et alli*. *Linguagem e Canção - uma Proposta para o Ensino de História*, in *Revista Brasileira de História*, São Paulo, Marco Zero, v. 7, nº 13, set/86, fev/87, pp. 177-188.

²⁹ MORIN, Edgar. *Cultura de Massas, no Século XX - o Espírito do Tempo - Culturas em Debate*. Trad. de Maria Ribeiro Sardinha, Forense, 1967, p. 38.

posteriormente, à recepção da mensagem, impõe-se o importante momento da criação da imagem. Os autores dos textos, o coordenador e o ilustrador constituem a fonte emissora, que cria o texto e a imagem, sendo o público escolar, no caso, a fonte receptora, é aquela que lê, que recebe a mensagem. Entre as fontes emissora e receptora interpõe-se o canal de transmissão, a editora.

A composição gráfica é complexa. Inicialmente os desenhistas lêem o texto e tomam conhecimento da sua mensagem, analisam as idéias com os autores. Expostas as intenções que desejam introduzir, a criação passa para as mãos dos desenhistas, que discutem com o coordenador as suas sugestões e esboços. A imagem deve complementar as informações do texto.

A estrutura da ilustração gráfica é diferente da estrutura linguística e, como a imagem complementa as informações, as duas linguagens precisam convergir para um ponto comum. Mas como suas unidades são heterogêneas, não podem se misturar³⁰. A estrutura do texto é constituída de palavras e a da imagem é tecida de traços, cores, tamanho, planos e posições, entre outros itens. Na composição dos livros os dois textos ocupam espaços distintos, contíguos, mas não se homogeneizam³¹.

³⁰ BARTHES, Roland. *A Mensagem Fotográfica*, in *Teoria da Cultura de Massas*, seleção de Luiz Costa Lima, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982, 3ª ed., pp. 303-316.

³¹ Os livros de divulgação de conhecimentos, da mesma natureza dos paradidáticos, como as coleções *Tudo é História*, *Teses*, *O que é*, *Princípios*, são informativos, divulgam as discussões teóricas, as tendências historiográficas contemporâneas, os métodos e as posturas inovadoras que são travadas em ambiente mais especializado, como a universidade. Para atingir um público maior e heterogêneo os assuntos tratados são simplificados e acessíveis.

A utilização dos paradidáticos em sala de aula está diretamente relacionada às solicitações dos professores; não raras vezes tais livros são introduzidos artificialmente nas escolas, através de necessidades criadas pelos próprios divulgadores dos livros didáticos.

Visando analisar se o paradidático é efetivamente inovador, como consta nas propostas dos editores, escolhemos do conjunto existente no mercado editorial e aqui esboçado como "corpus documental" as coleções Cotidiano da História, da EDITORA ATICA, História em Documentos, da ATUAL EDITORA, e Redescobrimo o Brasil, da EDITORA BRASILIENSE, e destas, selecionamos temas referentes ao período colonial e dirigidos ao primeiro grau.

A coleção Cotidiano da História da EDITORA ATICA possui uma tiragem alta, de oito mil exemplares para cada título, com múltiplas edições (dado não revelado nem pelo editor, nem pelo autor).

Este título aparentemente nos reporta à história do cotidiano - tendência historiográfica ligada à *história nova* e a outras produções francesas, mais antigas, dirigidas ao público escolar, como *A Vida Cotidiana dos Povos*, publicada no Brasil pela Melhoramentos. A sua particularidade, como já nos referimos, segundo as intenções contidas nas contras-capas, é aproximar o homem comum do conhecimento histórico; para isso, utiliza na narrativa histórica um referencial ficcional.

Outra editora escolhida foi a ATUAL; suas publicações concentram-se maciçamente no público escolar. A coleção selecionada foi História em Documentos. Neste trabalho a preocupação dos

seus autores foi de aproximar o aluno do primeiro grau ao "metier" do historiador - o uso e a interpretação de documentos. Esta proposta foi pensada e executada no momento em que se discutiam entre os professores de primeiro e segundo graus, a construção do conhecimento histórico pelos alunos e como aliar o ensino à pesquisa.

Quanto à **BRASILIENSE**, escolhemos a coleção **Redescobrimo o Brasil**, que tem como particularidade empregar tanto uma linguagem como recursos gráficos nada convencionais em história, exemplificada pelo uso de histórias em quadrinhos, ilustradas por cartunistas consagrados nacionalmente (Angeli e Miguel Paiva). Nesses textos predominam uma linguagem escrachada, um vocabulário chulo e o passado colonial recebe uma versão inteiramente humorizada.

Que razões justificaram a seleção de alguns temas vinculados à Colônia como eixo periodizador?

A eleição de tal período justifica-se pelo fato de que em todas as propostas curriculares de História dirigidas às escolas de primeiro grau, há tópicos relacionados aos séculos XVI, XVII e XVIII, ocupando, inclusive, espaços significativos, apesar dos diferentes princípios teóricos e metodológicos que as têm orientado.

Além disso, ao longo de mais de trezentos anos, fomos uma colônia de Portugal e, nesta época, foram alicerçados os princípios e as diretrizes que nortearam a formação cultural e da nacionalidade brasileiras. Sobre aqueles anos milhares de artigos, livros, trabalhos foram elaborados; os diversos temas refe-

rentes à colônia por não serem novos, já foram submetidos a constantes reelaborações teóricas e metodológicas.

Uma, portanto, entre as derivações do objeto do presente trabalho, foi analisar o discurso histórico referente à colônia emanado das três coleções de paradidáticos citados, tentando desvendar os seus significados. Assim, a forma e o conteúdo foram tratados como faces ora complementares, ora díspares, na procura da sua unicidade. Procuramos, desta forma, compreender no que consistiu, efetivamente, a inovação proposta pelos editores e autores, bem como suas características e limites. Teria ela rompido com o tradicionalismo reinante que se reproduzia desde as primeiras publicações para a escola? Ou manteve os mesmos padrões sob novas roupagens, reforçando o conservadorismo?

A identificação, nos diferentes textos paradidáticos, da matriz discursiva que lhe deu sustentação, sempre que pertinente, foi realizada, com o objetivo de esclarecer a permanência ou não, no conteúdo e na metodologia, do tratamento proposto pelos autores considerados "clássicos" da historiografia, como por exemplo Adolpho Francisco de Varnhagen, Capistrano de Abreu, João Ribeiro, Sérgio Buarque de Holanda, Raimundo Faoro, Caio Prado Júnior e Gilberto Freire.

Portanto, como afirmamos, o tratamento metodológico implicou na análise de prismas que fornecem arestas de investigação nos matizes da forma e do conteúdo.

Quanto à forma, folheamos e analisamos cuidadosamente cada um dos paradidáticos, observamos com atenção os recursos narrativos e a apresentação gráfica: o jogo de cores, o tipo de

letras, as ilustrações, o vocabulário, o tipo de papel e a quantidade de páginas, enfim, sua linguagem.

Em relação aos recursos narrativos, encontramos no *corpus* documental selecionado, a história em quadrinhos, a narrativa ficcional e o emprego de documentos. Restava-nos saber se a utilização destas diferentes técnicas era uma questão apenas de "marketing" ou se implicava, efetivamente, uma nova concepção de reconstrução do passado histórico.

O conteúdo, por sua vez, foi tratado apreendendo-se o contexto social e a identificação dos sujeitos históricos presentes ou não nas relações sociais e qual o perfil de cada um deles.

As novas tendências historiográficas têm se preocupado em estudar, investigar os papéis sociais desempenhados pelas mulheres, pelos escravos, pelos homens livres pobres, enfim, pelos excluídos da história. Como a proposta dos paradidáticos se diz inovadora, foi fundamental identificar como as relações de poder ocorriam neste espaço e também como os *excluídos* eram considerados. A relação dominado/dominador foi um prisma que norteou a análise do material. A identificação e a explicitação destas preocupações conduziram à percepção da *visão de história* que perpassava as referidas coleções. Os autores têm uma visão homogeneizadora ou conflituosa da realidade social?

Cada uma das coleções escolhidas tem sua maneira particular de rerepresentar as imagens do passado e mostrar como foram construídas as relações sociais e de poder na história. Antes de promover a análise dos princípios que nortearam as relações entre

os homens, no Brasil colonial, apresentamos as persistências temáticas nos livros de divulgação do conhecimento histórico, na estratégia que pretende desvendar uma das artimanhas constitutivas do livro paradidático, sempre pronto a apresentar novos rótulos para as mesmas garrafas. A persistência temática nas coleções selecionadas facilitou a análise comparativa entre elas.

Assim sendo, o presente trabalho está dividido em três capítulos.

No primeiro capítulo, focalizamos as temáticas mais frequentes dos chamados livros didáticos e as relacionamos com as proposições existentes nos paradidáticos. Em seguida, apresentamos as coleções de paradidáticos, analisando em cada uma o recurso narrativo predominante.

Com relação a *O Cotidiano da História*, por exemplo, identificamos a proposta teórico-metodológica e realizamos uma análise comparativa referente às proposições teóricas do cotidiano na história.

Com relação à *História em documentos*, preocupamo-nos em focalizar a concepção de documento para os autores e para o historiador.

Em *Redescobrimo o Brasil*, ficamos atentos aos recursos narrativos empregados pelos autores para elaborarem um discurso historiográfico sob a ótica popular.

No segundo capítulo, considerando que a preocupação dos editores é oferecer livros com novos pressupostos, a nossa atenção centrou-se nos aspectos mais visíveis da inovação - a forma. A história em quadrinhos, o uso de documentos e a narra-

tiva ficcional são três de suas manifestações. Como cada coleção tem a sua peculiaridade, ocupamo-nos, principalmente, da história em quadrinhos. Ela é um dos recursos narrativos mais atraentes para despertar o interesse, porque o autor assume uma liberdade maior no emprego da linguagem e na criação de personagens e situações. Detectamos as mensagens contidas na imagem gráfica e emitidas em um estilo irônico e gozador.

Quanto ao uso de documentos, característica de outra série de paradidáticos, a nossa preocupação foi identificar os marcos da renovação da própria renovação proposta.

Finalmente, analisamos a narrativa ficcional a partir apenas do fascículo *O Engenho Colonial*, explorado no capítulo seguinte.

No terceiro capítulo, ocupamo-nos predominantemente do conteúdo. Nossa atenção se voltou para os diferentes sujeitos históricos e a explicitação da dominação em duas esferas distintas, a do Estado e a da sociedade civil. Com relação à primeira, identificamos a ação do poder real em alguns momentos significativos do povoamento, da colonização e da Inconfidência Mineira.

Quanto à sociedade civil na esfera privada, analisamos as relações de poder e dominação nos micro organismos sociais. Finalmente, nas considerações finais abordamos as figuras de "Tiradentes" e do "Bandeirante", como exemplos poderosos na trajetória de constituição de símbolos da nacionalidade brasileira.

A descoberta da responsabilidade e atuação individual ou coletiva, no movimento histórico, bem como na construção das representações sobre o passado colonial do país, ajudaram a expli-

citar inquestionavelmente os limites da renovação proposta nos paradidáticos. O presente trabalho encerra-se com a indicação da bibliografia utilizada.

CAPÍTULO 1

NAVEGAR É PRECISO

Um primeiro olhar

"Cada história é o ensejo de uma nova história, que desencadeia uma outra, que traz uma quarta..."

Paul Veyne¹

A análise dos livros de história produzidos para o público escolar é uma tarefa fascinante, pois permite procurar como um detetive, nas entrelinhas da narrativa histórica, as intenções, explícitas ou não, de editores e autores, manipuladoras do conhecimento histórico destinado à formação da juventude.

Aparentemente, o ensino da história é visto por autoridades escolares e alunos como menos importante em relação a outras disciplinas. Seja pelo conservadorismo de muitos professores, seja pela inquietação de outros tantos, tem mudado a perspectiva com que se avalia a importância do estudo da história, quer pela dimensão crítica que oferece, quer pela dimensão pedagógica que encerra.

Nesse sentido, a história como campo de conhecimento executa hoje um papel importante no currículo escolar. Entretanto, vem de longe o legado de uma disciplina altamente instrumentalizada para difundir valores conservadores na formação dos alunos. Ao surgir como disciplina curricular nas escolas secundá-

¹ VEYNE, Paul. *Comment on Écrit l'Histoire*. Paris, éditions du Seuil, 1971.

rias da França, no final do século XVIII, já trazia consigo a meta da formação da juventude, além da perpetuação da memória nacional. Naquele momento, como afirma Furet,

"A história se torna uma disciplina suspeita, que deve ser mantida sob estreita vigilância dos poderes públicos não só nos estabelecimentos de ensino secundário, como também nas faculdades de letras, cujas conferências são nessa altura acontecimentos políticos e mundanos."².

No século posterior, de certa forma o ensino da história inverteu a ordem das prioridades, pois enfatizou e constituiu a genealogia da nação a serviço do Estado. Seu ensino era cronológico e com clara intenção de reafirmar as idéias de Nação, Pátria e Cidadania.

As contribuições do pensamento liberal foram sentidas na organização curricular das nossas escolas públicas e nos princípios que nortearam a formação da juventude. Nem por isso o tratamento conservador deixou de predominar, ficando esse campo de conhecimento limitado às injunções da dominação de classes, fosse para obliterar a dominação burguesa, fosse para exaltar os feitos da classe vitoriosa.

Ainda hoje, a organização curricular pouco tem variado quanto ao binômio apontado. A instalação da escola de oito anos e a ampliação da rede pública escolar provocaram uma mudança quantitativa nas matrículas do primeiro e segundo graus. Dominar esse mercado passou a significar um lucro vultoso³. Para isso, as edi-

² FURET, François. *A Oficina da História*. Trad. revista por Adriano D. Rodrigues, Lisboa, Gradiva, s/d, p. 124.

³ Segundo informações de um editor, um livro de ensaio, quando se vendem três mil exemplares, é um sucesso editorial;

toras criaram os mais diferentes esquemas e artifícios, agressivos até, a fim de penetrarem nas escolas. No momento em que os professores adotam um livro, o seu consumo pelos alunos torna-se obrigatório.

A mesma política governamental, que nos anos 70 expandiu o número de matrículas na escola pública, propiciou também a elevação do número de cursos para a formação de professores, que deveriam atender a uma clientela ampliada no primeiro e segundo graus. Infelizmente, a qualidade desses cursos deixava muito a desejar.

Para isso concorreu a implantação da Lei 5692/71. Ao mesmo tempo que ampliava a rede escolar, impunha uma pseudo-disciplina - Estudos Sociais - em substituição à História e à Geografia, no primeiro grau. Em decorrência, no terceiro grau, a maioria das escolas de formação de professores constituiu-se em Licenciaturas Curtas em Estudos Sociais.

Como conseqüência da fragilidade de sua formação, os professores buscaram apoio no livro didático. Na pesquisa realizada por Franco, dos 347 professores de História do Brasil entrevistados, 80% utilizavam o livro didático e a maioria afirmou que ele era sua principal fonte de informação⁴. Este tem sido um instrumento de trabalho indispensável ao docente e, muitas vezes, o seu único guia e critério de saber.

entretanto, com relação ao livro didático, uma venda de trinta mil exemplares é considerada baixa.

⁴ FRANCO, M. L. C. *O Livro Didático de História do Brasil - a Versão Fabricada*. São Paulo, Global Editora, 1982 (Tese: 9) p. 17.

No processo de aprendizagem, o livro é colocado como mediador entre o professor e o aluno. Nele o aluno encontra um conhecimento articulado que deve aprender, já definido anteriormente pelo professor, através dos planejamentos. Essa cadeia, de um lado, expressa a hierarquia existente na escola, aliada à autoridade do conhecimento imposto pelo livro didático; de outro, provoca entre os alunos uma atitude de pouca criatividade. O conhecimento já está pronto e acabado: cabe ao aluno digeri-lo. A informação histórica contida nos livros didáticos obedece a uma seqüência rigorosamente linear, dificultando ao aluno estabelecer diálogos com os textos.

Os autores dos manuais didáticos colocam em seus livros fatos históricos que estão sendo transmitidos de geração a geração, perpetuando, desta forma, uma dada memória que tem muito a ver com o poder e com os vencedores. Assim, a obra didática acaba por difundir e reproduzir o poder⁵.

Nos manuais escolares, através da rede de relações entre fatos, os autores articulam vários temas em um só nó. Tome-mos, como exemplo, um tema do período colonial: A Ocupação do Litoral. Este assunto surge geralmente articulado a outros recortes: As Capitanias Hereditárias, As Primeiras Vilas e as Câmaras Municipais, A Exploração Agrícola da Costa, A Sociedade do Nor-

⁵ Conferir a tese de Carlos Alberto Vesentini *A Teia do Fato*, FFLCH/USP, 1983, na qual o autor detalha o lugar do ensino de história numa ampla rede de poder. Conferir também o seu artigo *Escola e o Livro Didático de História in*, SILVA, Marcos A. (org), *Repensando a História*, São Paulo, Marco Zero, 1984, p. 76.

deste, O Negro no Brasil. O tema central A ocupação do Litoral torna-se o definidor e o periodizador. Como afirma Vesentini:

"A visão do passado é transmitida como pequenos "nós", pontos centrais, em torno dos quais todo um conjunto de outros temas passa a ser referido."⁶

Nos manuais didáticos de História do Brasil, os temas constituem os títulos dos seus capítulos⁷. Nos primeiros, há exaltação da nação portuguesa recheada de informações a respeito da centralização do poder, da epopéia marítima, dos grandes descobrimentos. Após a descoberta do Brasil, semelhante ao que ocorria com a Espanha, em face da conquista da América, a preocupação de Portugal no Oriente foi encontrar e comercializar riquezas e mercadorias. Na falta delas, a colonização foi a alternativa criada para proteger a posse da nova terra das invasões estrangeiras. Daí decorrem os temas subseqüentes:

População Indígena (tratada de forma muito genérica);

Exploração e Ocupação do Litoral;

Organização Administrativa (após a instalação dos governos gerais);

Exploração Agrícola do Litoral (cana de açúcar);

Consolidação da Ocupação Litorânea (expressa através da expulsão dos franceses e dos holandeses);

Conquista do Interior;

⁶ *Idem, Escola e o Livro Didático de História, in SILVA, Marcos A. (org). Repensando a História, São Paulo, Marco Zero, 1984, p. 76.*

⁷ I - A Era dos Descobrimientos; II - Exploração e Posse da Terra; III - A Formação Territorial Brasileira; IV - A Era do Ouro no Brasil; V - A Era das Revoluções; VI - A Independência; VII - A Vida no Brasil Colônia.

As Etapas do Povoamento;

A Exploração das Minas de Ouro e Pedras;

A Pecuária;

A Sociedade Mineradora;

A Crise da Sociedade Colonial;

Revoltas: Inconfidência Mineira.

A escolha dos temas e a distribuição dos conteúdos nos manuais didáticos, entre os diferentes autores e editoras, estão organizadas segundo critérios estabelecidos nos programas oficiais. Não há, nem na temática, nem no desenvolvimento dos conteúdos, nada de original. O que é apresentado nos livros didáticos expressa as orientações contidas nas propostas curriculares e a escolha dos conteúdos se apóia na historiografia do século XIX, quando passou a se desenvolver a pesquisa histórica, tendo como objeto a formação do Brasil. As obras de membros do Instituto Histórico como Von Martius, Varnhagen e Capistrano de Abreu, exerceram influência profunda em autores de manuais, por exemplo João Ribeiro, que foram sendo sucessivamente reproduzidos⁸. No comentário de uma historiadora:

"Esta corrente tinha como maior preocupação a construção de um discurso cuja tônica fosse a da imparcialidade - a História seria científica quando o historiador narrasse a verdade dos fatos, sem análise ou interpretação, o que a transformaria em algo subjetivo, já que a opinião pessoal do autor aí estaria envolvida (...) a História Oficial seria compreendida como a única História verídica, já que a documentação preservada permite o resgate da História dos governantes. Também a periodização

⁸ RODRIGUES, José H. *Teoria da História do Brasil: Introdução Metodológica*. São Paulo, Ed. Nacional, 1978, 5ª ed. atualizada, *passim*.

passa a ser exclusivamente ligada à História Política e Administrativa do Brasil, privilegiando sempre a concepção de História, como História dos governantes."⁹

A partir daí são postos os critérios de periodização que estão assentados em marcos políticos, ligados quase que estritamente à história política e administrativa do Brasil.

Já as contribuições historiográficas originadas das pesquisas, reflexões e textos (de cientistas sociais como Gilberto Freire e de historiadores como Caio Prado Júnior e Sérgio Buarque de Hollanda), timidamente influenciaram as produções didáticas por meio da introdução de textos interpretativos, com enfoque sócio-econômico e cultural. Alguns desses poucos aproveitamentos ficaram célebres pelos efeitos negativos que incidiram sobre a obra desses pesquisadores: Gilberto Freyre, por exemplo, acabou ficando mais conhecido pelas suas afirmações sobre as determinações climáticas sobre o homem e pela amenidade do escravismo português, assim como foi digerida discriminadamente a dimensão do homem cordial de Sérgio Buarque de Hollanda, ou ainda o sentido da colonização em Caio Prado Júnior.

Diferentes trabalhos já chamaram a atenção para o fato de que os temas tratados nos livros didáticos estão basicamente assentados em fatos políticos, econômicos e administrativos¹⁰. O social aflora nos itens referentes à cultura da cana-de-açúcar, à mineração, quando a preocupação com o mundo do trabalho aparece,

⁹ ABUD, Katia. *O Livro Didático e a Popularização do Saber Histórico*, in SILVA, Marcos (org), *Repensando a História*, São Paulo, Marco Zero, 1984, p. 83.

¹⁰ *O Que Sabemos Sobre o Livro Didático: Catálogo Analítico*, Campinas, Ed. Unicamp, 1989.

ainda que a disposição das informações raramente desobedeça à ordem seqüencial linear e cronológica adotada.

Não se consegue trabalhar com a categoria de colônia como um todo. Ao tratarem, por exemplo, das invasões holandesas, não é possível saber-se da dinâmica que percorria o interior da colônia. Em outras palavras, a categoria Colônia surge como uma construção anacrônica, mas necessária, pois é preciso visualizar para os alunos o que o Brasil de hoje era, e como necessariamente evoluirá do passado para o presente. Cada fato é tratado isoladamente. A parcialidade no tratamento dos fatos impede a percepção das possíveis relações estabelecidas entre as diversas regiões, dificultando a visão de conjunto da vida social na Colônia.

A fragmentação não ocorre somente quando se compartimenta um fato em detrimento de outro, comprometendo a visão de totalidade, como também na compreensão da ação da metrópole Portugal sobre a colônia. O poder da metrópole aparece nas ordens que fiscalizam a extração do ouro e das pedras preciosas, na repressão aos levantes populares, mormente na Inconfidência Mineira. A ação do Rei é explicitada nos decretos que reprimem as iniciativas da colônia, como a proibição da abertura de manufaturas nos contratos que faz com a Inglaterra. A relação metrópole/colônia não se torna operacional, de modo a explicitar a especificidade das relações sociais entre os colonizadores e, muito menos ainda, entre colonizadores e colonizados.

Não se avança nem mesmo no porquê do empobrecimento de Portugal, apesar de suas colônias, um elo explicativo necessário a um encadeamento mínimo à narrativa histórica. Como meio de su-

perar a pobreza e levar avante o projeto de colonização da nova terra, a metrópole montou um projeto de colonização assentado sobre o sistema de capitanias hereditárias. Neste regime, a autoridade e o poder de cada capitania ficaram centrados nos donatários: a presença da metrópole praticamente desaparece. O insucesso do sistema fica reputado aos donatários. Na prática, a coroa não foi afetada pelo problema, e a solução encontrada é a de dissolver o sistema de capitanias e promover a instalação do governo geral. A ação dos governadores centra-se na fundação da cidade do Rio de Janeiro, nos conflitos entre o governador e o poder da Igreja e na "pacificação" dos índios.

Em síntese, a maioria dos autores dos manuais didáticos, ao tratarem do insucesso do sistema das capitanias hereditárias, não mencionam a falta de recursos da coroa, como também dos colonizadores, para levarem avante o projeto colonizador, o que demandaria discutir sobre a natureza do capitalismo no período e as especificidades das relações sociais nesse contexto histórico específico.

O processo de urbanização no período colonial somente fica evidente em dois momentos: por ocasião da presença dos holandeses no nordeste, e em Ouro Preto, com o desenvolvimento da mineração. As transformações culturais e urbanas aparecem com os holandeses, em Recife. Geralmente, os textos são tão carentes de informações e estas são tratadas isoladamente, que impedem o leitor de estabelecer relações necessárias para a compreensão dos próprios textos.

Nesses livros didáticos o discurso do passado é totalizar e os sujeitos dos fatos históricos se fazem ausentes. São mencionados somente aqueles que representam o Rei e aqueles que ousam enfrentar a autoridade real, como Calabar, Martin Afonso de Souza e outros. Perpetua-se uma concepção de passado uniforme, absoluto, o domínio da História Oficial, o domínio do controle do passado:

"Controlar o passado ajuda a dominar o presente e a legitimar tanto as dominações como as rebeldias. Ora, são os poderes dominantes, Estados, Igrejas, partidos políticos ou interesses privados que possuem ou financiam livros didáticos ou histórias em quadrinhos, filmes e programas de televisão."¹¹

Como Marc Ferro, outros historiadores da História Nova chamaram a atenção para a importância que os *mass media* exercem na formação e na informação da juventude e da população em geral. Hoje, como nota Le Goff, o consumo de obras históricas publicadas pelas editoras é muito grande. A ampliação do mercado editorial e a expansão de outros meios de comunicação como a TV, o rádio, o cinema provocaram uma nova relação do historiador com a população.

"O livro de História de há cem ou cinquenta anos tinha sobretudo um papel de identificação (nacional, patriótica, social, religiosa) para o grupo onde circulava. Legitimava, circunscrevia, doutrinava igualmente. Ancorava-se num passado. Dava validade a uma ambição do grupo ou à pretensão de uma elite sobre o todo da sociedade."¹²

¹¹ FERRO, Marc. *A Manipulação da História no Ensino e nos Meios de Comunicação*. Trad. de Wladimir Araújo, São Paulo, Ibrasa, 1983, p. 11.

¹² LE GOFF, Jacques, *et alli*. *A Nova História*. Trad. de Ana Maria Bessa, Porto, Edições 70, 1984, p. 17.

A história para a *École des Annales* e para seus sucessores da História Nova é uma produção social; não se aceita uma produção histórica voltada para a narração dos grandes feitos de alguns homens e menos ainda de um passado único, homogêneo e uniforme para toda a sociedade. O passado é construído pelo historiador com a problemática posta pelo presente. Não há uma história pronta e acabada; o papel do historiador é construí-la, de maneira complexa, sustentada por posturas metodológicas e opções teóricas claramente definidas. Esses questionamentos metodológicos tiveram ressonância nas produções historiográficas das principais universidades brasileiras que, de alguma forma, vêm transmitindo suas inquietações para os seus alunos, futuros professores.

Entretanto, a maioria dos manuais didáticos de hoje não acompanharam as mudanças historiográficas do momento, e continuam reproduzindo, e mal, os antigos livros didáticos. Embora seguissem os mesmos princípios, o cronológico e o factual, que orientavam a divisão interna do assunto em capítulos, os conteúdos mantêm-se pobres em informações, a perspectiva crítica é rarefeita, os mapas continuam ausentes e as reproduções gráficas, por sua vez, descuidadas. Por sua vez os exercícios de fixação somente acentuam os marcos cronológicos e, para completar esse quadro de deficiências e insuficiências, os livros tornam-se descartáveis, enquanto o papel do professor modificou-se na década de 70: de sujeito do processo ensino/aprendizagem, tornou-se objeto do livro didático descartável.

Os melhores professores (possivelmente oriundos daquelas universidades), descontentes com a sua prática docente, não têm deixado de expressar suas insatisfações em Encontros e Seminários de História e Educação. O alvo de suas críticas é o livro didático. Afirmam que os manuais não apresentam novidades; o desejo de inovar levou-os a buscarem outras alternativas, lançando mão de recursos produzidos pela indústria cultural, como jornais, artigos de revistas, músicas, fascículos, textos literários. Enquanto essa minoria tenta criar dentro de um amplo quadro de limitações, a maioria se torna presa fácil da estratégia das grandes editoras, ávidas em promover os didáticos e os paradidáticos como a panacéia de todos os problemas do ensino.

AS NOVAS OFERTAS

Editora Ática

A partir de 1978, a editora Ática vem lançando periodicamente no mercado editorial uma coleção de livros - **O Cotidiano da História**, denominados pela editora como paradidáticos e destinados aos alunos do primeiro grau. Esta coleção cobre os domínios da História Geral e do Brasil.

Com relação ao domínio da História do Brasil há atualmente quinze títulos, sendo que cinco deles referem-se à colônia, cinco ao período imperial e cinco à República. Os títulos são os seguintes:

Período Colonial:

- 1 - *O Engenho Colonial* - (1983)
autor: Luis Alexandre Teixeira Júnior (pseudônimo)
- 2 - *Caravelas do Novo Mundo* - (1984)
autor: Antonio da Costa Faria
- 3 - *Os Bandeirantes* - (1985)
autor: Mustafa Yazbek
- 4 - *Tiradentes e a Inconfidência Mineira* - (1986)
autor: Carlos Guilherme Mota - colaboração de Edgar Luis de Barros¹³
- 5 - *Recife dos Holandeses* - (1987)

13 Os outros volumes são:

Período imperial:

- 1 - *Independência* (3ª ed.).
autor: Edgar Luis de Barros.
- 2 - *O Fracasso do Imperador - A Abdicação de D. Pedro I.*
autor: Luis Henrique Dias Tavares.
- 3 - *A Fazenda de Café* (1985).
autor: Antonio Carlos R. Moraes.
- 4 - *Os Abolicionistas.*
autores: Antonio Augusto da Costa Faria e Edgar Luiz de Barros.
- 5 - *A Guerra do Paraguai.*
autor: Julio José Chiavenato.

Período Republicano:

- 1 - *Proclamação da República* (1988, 2ª ed.).
autor: Marcos Rey.
- 2 - *A Guerra dos Canudos* (1987).
autor: Francisco Marins.
- 3 - *A Revolução de 1930.*
autor: Júlio José Chiavenato.
- 4 - *O Estado Novo* (1986).
autor: Luis Galdino.
- 5 - *O Brasil Anos 60.*
autor: José Geraldo Couto.

autor: Julieta de Godoy Ladeira.

Os dados coletados nas entrevistas com o editor e o autor do fascículo *Os Bandeirantes* evidenciaram uma preocupação em "chamar atenção para o dia-a-dia do povo, diferentemente do tipo de história voltada para os grandes personagens. Pretende-se agora fazer recair a ênfase sobre personagens populares"¹⁴. Essa intenção encontra-se também explicitada nos objetivos acusados na contracapa dos fascículos:

"Será que os grandes personagens da História do Brasil realizaram sozinhos todas aquelas ações que lhes são atribuídas ? O que se passava à retaguarda deles ? Quem eram as outras centenas e mesmo milhares de pessoas que trabalhavam e lutavam, fazendo parte também da História do Brasil ?".

Quanto a essas perguntas, os autores parecem acompanhar as palavras de Brecht em *Perguntas a um Trabalhador que Lê*¹⁵, quando indagava sobre quem construía as Muralhas da China, quem cozinhou para César. Os autores desta proposta de trabalho "histórico" pretendem projetar um novo viés da história do cotidiano, fundamentada nos pressupostos metodológicos da *École des Annales*, cuja atenção volta-se para o homem comum e às suas atividades. Parecem preocupar-se em resgatar o papel do povo, dos oprimidos, dos homens comuns na história, que vivem o seu dia-a-dia na luta pela sua sobrevivência, no confronto diário com seus

¹⁴ Dados coletados na entrevista feita com o editor da Ática, no próprio prédio da editora - Sr. Fernando Paixão. O autor do fascículo *Bandeirantes*, sr. Mustafa Yazbek, no momento é o coordenador da coleção *O Cotidiano da História*.

¹⁵ BRECHT, Bertold. *Perguntas a um Trabalhador que Lê*, in *Poemas*. 1913 -1956. Trad. de Paulo César Souza. São Paulo, Brasiliense, 1986, p. 167.

pares, no seu espaço de trabalho, na sua casa. Suas prioridades estão centradas também sobre os grupos sociais, as estruturas sócio-econômicas e os fenômenos de longa duração¹⁶, descartando os heróis e os indivíduos considerados isoladamente.

A história do cotidiano, vertente da história nova francesa, estabelece um diálogo muito próximo com a etnologia, a antropologia e a psicologia, no momento em que busca explicitar e reconstruir a vida do homem comum - uma entidade abstrata e universal. Ela é também chamada de pequena história, do tempo subjacente dominado pela história oficial¹⁷.

Ao analisar a proposta dos fascículos, embora os seus autores afirmem ser ela inspirada na vertente historiográfica francesa da história do cotidiano, entretanto, notamos não existir entre elas pontos comuns. Tomando como referencial o título das coleções - uma, a *História do cotidiano*, a outra, *O Cotidiano da História* - indica-nos que os seus objetos de estudo são distintos. A primeira tem como preocupação emaranhar-se na pesquisa sobre o dia-a-dia dos homens comuns do povo, não como uma entidade abstrata mas como sujeito, com quem o historiador se preocupa em estabelecer um diálogo íntimo, explicitando evidências, situando-o temporalmente. A segunda tem como sujeito do conhecimento o passado já construído. A primeira constrói o seu conhecimento sobre dados coletados em suas investigações e nas en-

¹⁶ *Ecole des Annales - Dictionnaire des Sciences Historiques*. Presses Universitaires de France - publié sous la direction de André Burguière, 1986. pp. 46-56.

¹⁷ LE GOFF, Jacques. Obra citada, p. 73.

trelinhas dos documentos; a segunda busca na produção historiográfica já existente o que poderia ter sido o dia-a-dia da história.

A proposta dos fascículos, pelo que vem explicitado nos objetivos, leva-nos a deparar com a coexistência de pólos de poder; de um lado, a aceitação na história do grande personagem; de outro, a presença do povo que lhe dá suporte através da manutenção de uma base necessária à existência dos heróis. A presença desse dualismo, o grande personagem - representativo dos que mandam - e o povo - os que obedecem - vem explicitar as relações sociais e tecer o curso história. Pelo visto, não se avançou muito em termos de enfoque teórico, como nos foi prometido. Para atingir os objetivos propostos, os autores, ao narrarem os fatos históricos escolhidos (invasão holandesa, descobrimento do Brasil, e outros), criaram tramas de relações sociais com a intenção de dar voz ao povo e mostrar que são eles os grandes personagens da história. As dificuldades em tratar o povo/sujeito já aparecem expressas na introdução do fascículo *Caravelas do Novo Mundo*, quando deparamos com a seguinte afirmação: "O povo não sabe o que acontece"¹⁸, contrariando frontalmente a proposta apresentada.

Os autores da coleção, apesar de pretenderem se inspirar na vertente francesa da história do cotidiano, utilizam-se da expressão "*existência real*", contida no propósito da coleção, e que carrega forte conotação positivista, na medida em que, nas diferentes narrativas contidas nos diversos fascículos, apresen-

¹⁸ FARIA, A. C. *Caravelas do Novo Mundo*, São Paulo, Ática Ed., 1984, p. 2.

tam alguns episódios que poderiam ter existido na vida cotidiana dos homens e das famílias, sem nenhum tipo de problematização sobre os fatos que narra. Muitos dos personagens existentes são fictícios e têm uma estreita ligação com outros, cuja existência é historicamente comprovada. Como se pode notar, explicitamente, na introdução do fascículo Brasil dos Holandeses: "Vão aparecer algumas pessoas que não existiram historicamente e (...) a síntese de muitos personagens anônimos que conviveram com Matias de Albuquerque, como D. Remiro, Maria Luiza, Van Nell."¹⁹ Em *Os Bandeirantes*, há a seguinte afirmação: "Você agora vai viajar com uma bandeira imaginária, que sai em busca de índios (...). Embora imaginária, a história que você vai ler foi inteiramente inspirada e fundamentada em documentos históricos referentes à epopéia do bandeirante. Com ela você vai conhecer um pouco do cotidiano dos primeiros habitantes de São Paulo..."²⁰

A história dos fascículos é eminentemente descritiva e não vai além de substituir os fatos grandiosos, os grandes personagens da história positivista, pelos fatos cotidianos e por personagens comuns criados pelos autores. Os textos nunca transcendem à imperiosa narrativa dos "fatos históricos".

Essa coleção - *O Cotidiano da História* - pretende dar vida aos indivíduos em seu tempo e espaço e para tal realização, inspirou-se nos pressupostos da história do cotidiano, que possui

¹⁹ LADEIRA, J. G. *Recife dos Holandeses*. São Paulo, Ática Ed., 1987, p. 2.

²⁰ YAZBEK, M. *Os Bandeirantes*. São Paulo, Ática Ed., 1985, p. 2.

uma ordem conteudística e conceitual, enquanto que o cotidiano da história, como é apresentado, é essencialmente uma ficção.

A concepção de tempo existente nos fascículos está fundamentada em critérios de medida alicerçados em periodizações rígidas e definidas como datas, séculos e marcos políticos. O tratamento dispensado aos fatos narrados são considerados pelos autores dos fascículos como fatos de curta duração, de tempo breve. Braudel já chamou a atenção para esse recurso: "A História tradicional, atenta ao tempo breve, ao indivíduo e ao acontecimento, habituou-se desde há muito à narração precipitada, dramática, de pouco fôlego"²¹.

Os fascículos apresentam uma visão processual dos fatos históricos enquanto imprimem sentido a um acontecimento isolado e definem a relação entre fatos e situações. No fascículo *Caravelas do Novo Mundo*, a chegada dos portugueses ao Brasil é vista na dinâmica dos grandes descobrimentos. Os motivos que o autor considera fundamentais para as grandes navegações são expressos claramente: "A insuficiência de metais nobres no reino, a baixa produtividade agrícola e a falta de braços para o campo, a excelente posição geográfica, uma velha tradição pesqueira que há muito levava os portugueses até o mar do norte, a Escola de Sagres, o desejo cruzadista de expandir a fé cristã."²²

²¹ BRAUDEL, Fernand. *História e Ciências Sociais*. Trad. de Rui Nazaré. Biblioteca Ciências Sociais, Editorial Presença, 1972, p. 9.

²² FARIA, A. C. Obra citada p. 2.

Como é possível verificar, os motivos que levaram os portugueses às grandes navegações são causas de natureza econômica, geográfica - a localização, a tradição e o desejo de expandir a fé cristã. Esse conjunto de elementos é de tal ordem fatalista que não restava outra solução ao reino português senão lançar-se às viagens marítimas. Outra característica das causas acima mencionadas é a ausência de sujeito, não pela metodologia foucaultiana e sim porque os sujeitos desse conjunto são dispostos abstratamente.

Já no fascículo *Inconfidência Mineira*, o fato focalizado, eminentemente político, é mostrado superficialmente na sua relação com fatos nacionais e internacionais. "... a Capitania de Minas Gerais, a mais rica do Brasil, sentia duramente as restrições e a violência da situação colonial (...) O quinto, a velha taxaço que obrigava os mineradores a entregarem 1/5 de todo o metal extraído para Portugal... Ao mesmo tempo, uma série de restrições econômicas paralisava a vida da Colônia, obrigando-a a viver sem indústrias e a importar tudo que consumia... No plano internacional... novas idéias aplicadas na prática demonstravam que era possível a libertação da dominação colonial, e nas colônias da América muita gente sonhava em extirpar de sua terra a violência, a opressão, a injustiça."²³ Entre as causas que levaram à Inconfidência Mineira, as definitivas são as duras restrições que sentia a capitania de Minas Gerais. E o povo? A quem pesavam as restrições e as cobranças da Metrópole? Ao apresentar

²³ MOTA, C. G. *Tiradentes e a Inconfidência Mineira*, São Paulo, Ática Ed., 1986, p. 2.

os motivos da Inconfidência, as diferentes camadas da população ficavam ausentes. Esse tratamento contraria a própria proposta dos fascículos, preocupados em dar voz às camadas populares. Mais uma vez as intenções dos fascículos negam os seus próprios objetivos - o conhecimento do dia-a-dia dos homens de uma determinada época, em determinado momento. As intenções dos fascículos estão presas a uma visão global e geral, inibidora dos seus objetivos específicos.

Em *Recife dos Holandeses*, nota-se uma preocupação em estabelecer as causas da presença dos holandeses em Recife, graças à dominação de Portugal pela Espanha: "Em 1580, Portugal passou a pertencer à Coroa espanhola. Os inimigos da Espanha - entre os quais figurava a Holanda - tornaram-se, assim, inimigos de Portugal..."²⁴. É a partir do domínio espanhol sobre Portugal que a autora se preocupa em analisar a presença dos holandeses no Brasil. A causa primordial que justifica a invasão holandesa é política.

No *Engenho Colonial*, o fato estudado, fictício, é o batizado do neto de um senhor de engenho; através desse acontecimento, o autor procura explicitar a trama de relações inter-pessoais presentes na estrutura social e política de um engenho no nordeste.

Esse tipo de tratamento dispendido aos fatos narrados nos fascículos expressa uma prospectiva positivista da história, ao atribuir aos acontecimentos uma visão impessoal e determi-

²⁴ LADEIRA, J. G. Obra citada, p. 2.

nista. A natureza dos fatos é predominantemente política e há, entre as causas e o fato, uma relação mecânica, como se pode notar claramente na exposição das causas que levaram Portugal às grandes navegações. Outro aspecto que merece atenção é o tratamento dado aos fatos narrados, que atribui ao procedimento histórico um sentido de falsa dinamicidade, transmitindo-lhe a idéia de mudança, em relação ao passado. São-lhe atribuídos contornos rígidos e homogêneos. Esta idéia de passado expressa uma concepção de algo pronto e acabado. Le Goff afirma a este respeito:

"A produção da história é sempre uma forma do poder, uma forma de poder. Creio que numa sociedade o poder se exprime, em particular, como tentativa consciente ou inconsciente de imprimir uma imagem sobre o futuro."²⁵

A ocultação do passado é um procedimento que agrada ao poder e não tem nada a ver com a proposta metodológica da História do Cotidiano, que tem sua atenção voltada para o homem comum, tomando a História como um processo em construção.

De outro lado, os sujeitos da ação, dos fatos citados, não representam, como está proposto nos objetivos dos fascículos, as personagens populares.

Na apresentação do fascículo, *Engenho Colonial*, lê-se: "Não se pode conhecer acontecimentos importantes sem compreender seus homens"²⁶. Esta afirmação leva-nos a questionar: o que se

²⁵ LE GOFF, Jacques. *Reflexões Sobre a História*. Trad. de Antonio José Pinto Ribeiro, Porto, Edições 70, 1982.

²⁶ TEIXEIRA JÚNIOR, L. A. (pseudônimo). *O Engenho Colonial*. São Paulo, Ática Editora, 1983, p. 2.

entende por acontecimentos importantes? Trata-se do acontecimento provocado e produzido pelo senhor ?

O fato só se torna acontecimento quando assim querem os historiadores, em função do que este acontecimento tenha provocado. Nora afirma:

"Eram os historiadores que faziam ascender este ou aquele acontecimento à dignidade histórica e, de certo modo toda a História consistia em decidir se isto era ou não um acontecimento, a reavaliar a sua importância..."²⁷.

Os autores atribuíram ao batizado do neto de D. Luís Teixeira a categoria de acontecimento importante porque, em torno dele, explicitaram a trama de relações sociais que possivelmente teria existido no nordeste açucareiro, no período colonial. O foco de atenção não vai além do estrato social que exerce o poder e não no povo anônimo, como consta das propostas da coleção *O Cotidiano da História*.

O objeto imediato do conhecimento histórico, como afirma E. P. Thompson, são os fatos - certamente dotados de existência real, mas só se tornam cognoscíveis, compreendidos pela ação do diálogo que se estabelece entre eles e o historiador²⁸. Somente podemos dar um significado ao passado após uma discussão de valores.

²⁷ NORA, Pierre. *O Acontecimento e o Historiador do Presente*, in *A Nova História*, trad. Ana Maria Besao, Porto, Edições 70, 1984, p. 48.

²⁸ THOMPSON, E. P. *A Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros*. Trad. de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1981, p. 49.

O historiador, ao fazer o levantamento de sua documentação e ao trabalhar com as fontes, seleciona-as, estabelece a trama de relações entre as evidências pesquisadas e nesse proceder, dá vida ao fato.

Os fatos tratados nos fascículos não têm existência real, pois foram criados pelos autores baseados na literatura existente sobre o assunto.

Os temas épicos, clássicos da História do Brasil, restringem-se a uma concepção linear de tempo e com marcadores temporais de natureza exclusivamente política. É uma concepção de história que busca a valorização do passado e a exaltação de alguns personagens. Como é obra dirigida ao grande público, busca o enaltecimento de vultos bem como a valorização de determinados fatos que marcam a História Nacional.

Atual Editora

A Atual Editora é voltada unicamente à publicação de livros didáticos. Por exigências mercadológicas e aproveitamento do espaço ocioso, a empresa elaborou, a partir de 1984, um projeto editorial com a finalidade de publicar outra categoria de livros, destinados também ao atendimento do público escolar. Os temas deveriam estar diretamente relacionados aos propostos pelos programas curriculares, de modo a superar os limites existentes nos livros didáticos.

A primeira coleção publicada, no campo da História, foi **Discutindo a História**. Os temas escolhidos são abrangentes e não se prendem a uma determinada periodização. Há títulos voltados à história contemporânea, como também há outros cujo conteúdo diz respeito à antiguidade. Abordam assuntos políticos, sociais, econômicos. Apesar da variedade de títulos, nenhum é relativo à história brasileira.

Em 1989, cinco anos mais tarde, foi lançada uma outra coleção de livros, cujos temas estavam diretamente relacionados à História do Brasil, **História em Documentos**.

Foram publicados sete volumes, sendo dois referentes ao período colonial, dois sobre o Império e três relativos à república²⁹. Os títulos referentes ao período colonial são:

- 1 - *Navegar é Preciso* - Grandes descobrimentos marítimos europeus - (1989)

autores: Janaína Amado e Ledonias Franco Garcia

²⁹ Os temas são:

Período imperial:

- 1 - *Império do Café - A Grande Lavoura no Brasil. 1850 a 1890*. (1990).
autora: Ana Luiza Martini.
- 2 - *Reinventando a Liberdade - A Abolição da Escravatura no Brasil*. (1989).
autor: Antonio Torres Montenegro.

Período Republicano:

- 1 - *Uma Trama Revolucionária? Do Tenentismo à Revolução de 30*. (1990).
autor: Sonia de Deus Rodrigues.
- 2 - *O Brasil da Abertura - de 1974 à Constituinte*. (1990).
autor: Marly Rodrigues.

2 - *Os Sonhadores de Vila Rica* - A Inconfidência Mineira de 1789 - (1989)

autor: Edgar Luiz de Barros.

A coleção *História em Documentos*, como o próprio título sugere, tem como fundamento e princípio organizativo no desenvolvimento dos temas, o uso e a interpretação de documentos. Esse tratamento, como os autores afirmam, é definido "no sentido mais abrangente: desde os textos oficiais até os registros, em diferentes linguagens, de experiências humanas no período enfocado: depoimentos, letras de música, textos literários, descrições de viajantes, artigos de jornal, pinturas, charges, fotos."³⁰

A proposta da coleção, ao atribuir ao documento um significado abrangente, é levar diferentes tipos de objetos - textos literários, letras de música e outros, à categoria de documento. Neste sentido, os autores acompanham as inovações teóricas que tomaram conta deste domínio do conhecimento histórico.

A ampliação do conceito de documento deveu-se às propostas teóricas dos historiadores da *École des Annales*, como Marc Bloch e Lucien Febvre, que chamaram a atenção dos historiadores para novos objetos na pesquisa histórica. Um novo conceito de "fazer história" surgiu, e com ele a valorização de outras fontes, que não exclusivamente o documento escrito. Melhor dizendo, o sentido de documento foi se alargando.

³⁰ AMADO, Janaína. *et alli. Navegar é Preciso - Grandes Descobrimentos Marítimos Europeus*. São Paulo, Atual, 1989, contracapa.

"A diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo quanto o homem diz ou escreve, tudo quanto fabrica, tudo quanto toca pode e deve fornecer dados a seu respeito."³¹

"A história faz-se com documentos escritos, certamente. Quando existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, no caso da inexistência destes."³²

Tradicionalmente, foram definidos como documentos somente as decisões escritas oriundas dos poderes públicos e/ou particulares, conservados em arquivos. Após a invenção da imprensa e a difusão da escrita, no século XVI, multiplicaram-se os documentos escritos.

Tal conceito de documento correspondia a um conceito de História, que privilegiava a História Política, Militar, Administrativa, trabalhada descritivamente de modo a ficar isenta de problematizações.

Os autores da coleção utilizam como documentos textos oficiais - cartas, ordenações, autos de devassa, textos contemporâneos à época como memórias, crônicas, relatos de viajantes,

³¹ BLOCH, Marc. *Introdução a História*. Trad. Ana Manuel e Rui Grácio. Publicações Europa-América, s/d, 4ª ed., p. 61.

³² FEBVRE, Lucien. *Combats pour l'Histoire*, in GLENISON, Jean. Iniciação aos Estudos Históricos. São Paulo, DIFEL, 1961, p.138.

O documento passou a ter um significativo papel para a História a partir do século XVII, quando Mabillon, monge da Congregação de Saint - Maur, escreveu *De res diplomatica*. A partir daí, o documento escrito, de origem oficial, passou a ser a única "fonte" para a pesquisa, tornando-se, portanto, o fundamento da história.

No século XIX, com o advento da escola positivista, que procurava a objetividade do conhecimento, o documento triunfou. Ele foi valorizado como o único transmissor da verdade possível no campo do saber histórico.

diários de viagens e textos atuais, poesias e outros, extraídos de livros de História.

Estes documentos constituem recursos que permitem ao historiador chegar a níveis de conhecimento sobre as atividades dos homens de uma determinada época. As fontes passam a ter vida no momento em que o historiador, com olhos postos no presente, cria-lhes perguntas, estabelecendo um intenso diálogo com cada uma delas.

O documento reporta o historiador ao passado com os olhos do presente. Ele é o testemunho de uma época, nunca inocente. Como afirma Le Goff, o documento "é uma tentativa consciente ou inconsciente de procurar hipotecar o futuro (...) O passado procurou impor uma certa visão da história."³³

A intenção dos autores, em colocar os leitores em contato com o documento, expressa o desejo de familiarizá-los com o fazer histórico, mostrar-lhes as possibilidades de organização e interpretação dos documentos. A proposta contida no livro, *Navegar é Preciso*, é chegar, através das fontes, o mais próximo possível dos homens dos séculos XV e XVI, ouvi-los, perguntar e ficar atento a suas respostas. No livro *Os Sonhadores de Vila Rica*, o autor coloca os leitores em contato com os *Autos da Devassa* e outros textos que não são da época, com a intenção provável de aproximá-los da realidade daquele momento.

Quando o historiador tem a intenção de conhecer a sensibilidade, a mentalidade, o imaginário dos homens de uma deter-

³³ LE GOFF, Jacques. Obra citada, p. 86.

minada época, ele tem necessidade de recorrer, e é importante que o faça, a outras categorias de fontes, tais como: textos literários, músicas, charges, pinturas. "A postura do historiador ao escolher os documentos, extraíndo-o do conjunto dos dados do passado, preferindo-o a outros, atribuindo-lhe um valor de testemunho que, pelo menos em parte, depende da sua própria posição na sociedade da sua época e da sua organização mental insere-se numa situação inicial que é ainda menos 'neutra' do que a sua intervenção."³⁴

Naturalmente, esta postura é distinta daquela proposta pelos positivistas pois, enquanto eles vêem o documento como uma fonte de verdade, esta o toma como uma fonte de informação que precisa ser trabalhada e questionada.

Em *Navegar é Preciso*, os autores utilizaram os documentos de época no sentido de descobrir neles a visão das conquistas. Os documentos utilizados não são tão inocentes, são testemunhos de pessoas que tinham a função de informar o governo, divulgar decisões administrativas, registrar os acontecimentos. Os documentos utilizados foram produzidos por pessoas especiais e que gozavam de certa posição na sociedade.

"As fontes escritas são em geral, de autoria de indivíduos, uns mais outros menos abertamente ligados à cultura dominante. Isso significa que os pensamentos, crenças, esperanças (...) chegam até

³⁴ Documento/Momento, in *Enciclopédia Einaudi - Memória-História*. Trad. Suzana Ferreira Borges. Porto, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1984, p. 103.

nós através de filtros e intermediários que os deformam."³⁵

De posse de ampla documentação, para apresentar os grandes descobrimentos marítimos europeus, os autores chegaram aos seguintes recortes temáticos: *A transformação, O medo, A aventura, O espanto, A conquista*. Esta disposição temática rompe com a periodização clássica que enfoca os grandes descobrimentos sob outra ótica. Tradicionalmente, a periodização desta temática é a seguinte: *Razões do expansionismo português, A conquista de Ceuta, A expansão pelo Atlântico, A exploração da costa africana, O caminho para as índias, A viagem de Vasco da Gama, A esquadra de Pedro Álvares Cabral, O Brasil e a expansão portuguesa*. O critério factual e diacrônico é o orientador de tal periodização.

Ao objetivar o estudo sobre os grandes descobrimentos sob uma nova ótica (o medo, o espanto, a aventura, a conquista), os autores chamam a atenção para o homem, para sua emoção, para os aspectos psicológicos. As abordagens anteriores sobre as grandes viagens foram assentadas sobre o fato e, nesta obra, a atenção está voltada para a emoção, os sentimentos.

O tratamento sincrônico dado aos fatos contribui para que se encontre o comum entre os homens de seu tempo, no comportamento e nas atitudes. Explicita a preocupação com o dia-a-dia das pessoas, com a psicologia coletiva das sociedades.

Os autores pretenderam buscar, na documentação existente, dados que testemunhem tais sentimentos. Para explicitar que da ignorância decorria o medo, um dos recortes documentais

³⁵ G. INSBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes*. Trad. Antonio da Silveira Mendonça. São Paulo, Cia. das Letras, 1987, p. 18.

apreendido do Relato do português Francisco Correia a respeito do naufrágio da nau Nossa Senhora da Candelária, na ilha Incógnita, século XVII, foi assim disposto:

"... Tinha somente a aparência de homem na cara, na cabeça não tinha cabelos mas uma armação, como de carneiro, revirada com duas voltas; as orelhas eram maiores que as de um burro, a cor era parda, o nariz com quatro ventas, um só olho no meio da testa, a boca rasgada de orelha a orelha e duas ordens de dentes, as mãos como de bugio, os pés como de boi e o corpo de escamas, mais duras que conchas..."³⁶.

No livro *Os Sonhadores de Vila Rica - A Inconfidência Mineira de 1789*, o autor usa como documentação básica do seu trabalho os Autos de Devassa da Inconfidência Mineira. Os recortes temáticos são os tradicionais para o estudo da Inconfidência Mineira:

- I) Panorama da Inconfidência.
- II) Documentos para a história do movimento:
 - 1 - As Minas Gerais no final do século XVIII;
 - 2 - Os inconfidentes e seus planos;
 - 3 - O alferes Tiradentes;
 - 4 - A justiça da Coroa.
- III) O que aconteceu com os inconfidentes.

Enquanto em *Navegar é Preciso*, vê-se a preocupação em explicitar o imaginário popular, em outro livro da coleção - *Os Sonhadores de Vila Rica* - o tema está centralizado em fatos políticos e a sua abordagem é meramente tradicional.

³⁶ AMADO, J. Obra citada, p. 27.

Neste livro, o autor usa documentos da época - os *Autos da Devassa* - e trechos do poema de Cecília Meireles, escrito em 1953, *O Romanceiro da Inconfidência*, que reatualiza, através da linguagem literária, a visão de hoje sobre o fato ocorrido no século XVIII. Os *Autos da Devassa* e *O Romanceiro da Inconfidência* são considerados documentos, distintos entre si, pois são de épocas e natureza diferentes e escritos com intenções distintas.

Os livros *Navegar é Preciso* e *Sonhadores de Vila Rica* têm objetivos diferenciados, daí não serem iguais as fontes documentais selecionadas.

Os marcos de reconstrução do período das grandes navegações estão assentados sobre as transformações sociais que ocorreram na Europa nos séculos XV e XVI. Buscaram os autores, nos textos utilizados, salientar as mudanças sociais e econômicas operadas no *modus vivendi*, no interior da sociedade européia, desde o século XI. Inicialmente, o processo de transformação foi lento, imperceptível, até chegar a ser substancial e intenso. São contradições que surgiram no interior das sociedades provocando mudanças.

Neste livro, a abordagem do tema, evidenciando o imaginário popular, explicita uma nova concepção e uma outra metodologia na construção do conhecimento histórico.

Os recortes documentais feitos pelos autores não destacam as transformações sociais, sob a ótica popular. Os registros documentais citados foram escritos por pessoas ligadas, de alguma forma, ao poder político e/ou da igreja. A visão das transformações, portanto, está assentada sobre um determinado prisma.

O livro *Sonhadores de Vila Rica*, como citamos acima, trata do processo judicial que os inconfidentes sofreram ao tentarem organizar um movimento de independência política em relação a Portugal. Provavelmente as intenções do autor, ao escrever sobre este assunto, "determinaram" a escolha das fontes consultadas - documentos oficiais: *Os Autos da Inconfidência*. - A concepção de produção do conhecimento histórico está presente na forma política de abordagem do tema e nos recortes de periodização que fez no trabalho. Embora tenha sido usado um texto literário, não podemos afirmar que tenha sido feita alguma inovação no tratamento do assunto, limite da representação tradicional da Inconfidência Mineira.

Editora Brasiliense

Conceituada editora paulista, a Brasiliense se diferencia das anteriores por não ter a sua origem ligada à publicação de livros didáticos.

Firmou-se no mercado, como editora de ensaios, foi a primeira editora paulista a publicar pequenos livros, denominados *de bolso*, levando, conseqüentemente, ao barateamento dos livros e ampliando o mercado consumidor. Tais coleções se caracterizam pela simplificação de textos acadêmicos, buscando com este procedimento a divulgação das informações e do conhecimento. São publicações que atendem um público de segundo e terceiro graus. As

coleções de maior divulgação são: Tudo é História, Primeiros Passos, Biografias e História.

Com relação ao primeiro grau, a editora publicou uma coleção de três livros, denominada Redescobrimdo o Brasil, cuja temática está diretamente ligada às propostas presentes nos programas oficiais de História: *Olha Lá o Brasil! E Finalmente Portugal nos Descobriu...*, *Da Colônia ao Império - um Brasil para Inglês ver...* e *Latifundiário Nenhum Botar Defeito, Cai o Império! República vou ver!*

Os livros:

1 - *Olha Lá o Brasil! e Finalmente Portugal nos Descobriu...* é de autoria de Júlio José Chiavenatto e ilustrado por Miguel Paiva, sem data.

2 - *Da Colônia ao Império - um Brasil para Inglês ver... e Latifundiário Nenhum Botar Defeito* foi escrito por Lilia Moritz Schwarcz e ilustrado por Miguel Paiva. A primeira edição é de 1982 e a sexta edição, de 1987.

3 - *Cai o Império! República Vou Ver!*, escrito por Lilia Moritz Schwarcz e ilustrado por Angeli. A primeira edição é de 1983 e a quinta edição, de 1987.

A proposta dos livros é a seguinte:

Olha Lá o Brasil! e Finalmente Portugal nos Descobriu... visa estudar "a história do Brasil diretamente da boca do povo ao consumidor, sem patranhas nem falsas porandubas; tudo comprovado pelos mais sérios alfarrábios do ramo e os mais ranço-

sos documentos; folhetim histórico puro e verdadeiro, falado em brasileiro"³⁷.

As intenções do autor contidas na contracapa do livro convergem para a transmissão de informações sobre a história do Brasil a partir da visão do vencido. A recuperação da memória histórica é feita através da ótica popular. A construção desta memória "sem patranhas", isto é, sem mentiras e nem falsas notícias, é comprovada pelos mais antigos e sérios livros. No caso, o "alfarrábio" citado é *Crônicas de Don João I*, de Fernão Lopes.

Este folhetim histórico é falado em brasileiro e não em português, como consta na contra-capa. O autor possivelmente pretendeu, ao fazer esta afirmação, reafirmar a sua intenção em transmitir as informações históricas sob a ótica da memória popular. Nesta perspectiva, ele busca o rompimento com a visão eurocêntrica da história do Brasil, pontuando como sujeito da ação - o povo.

O título do livro *Olha Lá o Brasil ! e Finalmente Portugal nos Descobriu...* questiona com um humor irônico a expressão descobrimento. Não se descobre o que se conhece; Portugal marcou a sua presença na América, com a posse do território brasileiro.

No volume *Da Colônia ao Império - um Brasil para Inglês Ver... e Latifundiário Nenhum Botar Defeito*, o humor é o elemento constitutivo da narrativa:

"através do humor, sublinha pontos-chave para a compreensão desse período de nossa história. Com

³⁷ CHI AVENATTO, J. J. e PAIVA, Miguel. *Olha Lá o Brasil! e Finalmente Portugal nos Descobriu...*, São Paulo, Brasiliense, s/d, contracapa.

pesquisa e citações originais, a simplicidade da linguagem e a fina ironia com que a matéria é tratada resultam numa visão crítica da independência do Brasil"³⁸.

Nas intenções dos autores, alguns aspectos merecem destaque, a começar pelo título: ironicamente e com humor pretende mostrar um Brasil da classe dominante - latifundiário e ingleses. Internamente, o Brasil é dominado pelos grandes proprietários de terra e, externamente, Portugal está sob o jugo da Inglaterra. Outro aspecto que merece destaque é a crítica a ser feita ao processo da independência, com simplicidade de linguagem e uso de citações extraídas de documentos da época.

O título da coleção é sugestivo - *Redescobrimo o Brasil* - e para ilustrar o título, está desenhada uma luneta, no canto direito da página. Os sinais atestam a intenção dos autores em apresentar, sob uma nova ótica, a história do Brasil. A palavra redescobrir, usada neste contexto, tem o sentido de revelar com outros paradigmas (ironia e o humor) nova versão da história nacional.

O primeiro volume da coleção *Olha o Brasil ! e Finalmente Portugal nos Descobriu...* tem uma capa bastante sugestiva. Ao fundo, vê-se a chegada de três naus portuguesas e, no primeiro plano, há dois índios estilizados ao lado de pequenos pássaros observando a chegada das naus portuguesas. Esta aparente tranqüilidade da terra, certamente a brasileira, vê-se tumultuada pelo lixo circundante, composto de garrafas, pratos e sapatos ve-

³⁸ SCHWARCZ, Lilia M. e PAIVA, Miguel. *Da Colônia ao Império - um Brasil para Inglês Ver... e Latifundiário Nenhum Botar Defeito*. São Paulo, Brasiliense, 1987, 6ª ed., contracapa.

lhos e estragados, chapéu, machados, insetos, e com sinais de pegadas de pés. Estes objetos naturalmente não fazem parte do repertório cultural dos indígenas e muito menos são elementos pertencentes ao meio. São testemunhos da cultura européia, são sinais da presença de outros homens na terra, anterior à chegada da comitiva de Pedro Álvares Cabral, como também podem simbolizar a destruição e o lixo, que novos povos trouxeram à nova terra.

O primeiro volume apresenta os seguintes temas que definem os recortes:

1 - "Vocês não podem acreditar, mas tudo começou assim..." - relata, através de uma história em quadrinhos, a fundação da Dinastia de Avis, por D. João I.

2 - "Como reconhecer um Judeu" - Momento Antropológico - tem a intenção de chamar a atenção do papel representado pelos judeus em Portugal.

3 - "Mais fácil é achar um anti-semita" e "Surge o Infante (Aquele de Sagres)" - relata o nascimento da Escola de Sagres. Subdividido em dois itens:

3a - "Vejam o que é o destino..."

3b - "Vejam vocês o que é a História"

4 - "Momento Científico - SAGRES" - são as grandes descobertas portuguesas. Subdividido em:

4a - "E então, um dia Portugal achou que navegar era preciso"

4b - "Nosso Judeu em Lisboa"

4c - "Navegação a Sotavento"

5 - "Putá emoção - olha lá o Brasil !!"

6 - "Um questão de colhões... e de colheitas (necessidade de explorar e colonizar o Brasil)"

7 - "Maravilhas da fauna brasiliense"

8 - "Brasil, um fato pois... "

Com chamadas originais, um tanto irônicas, os autores utilizaram os mesmos critérios de demarcação factual e temporal presentes na periodização clássica da História do Brasil.

O segundo volume: *Da Colônia ao Império um Brasil para Inglês Ver... e Latifundiário Nenhum Botar Defeito* começa com charges alusivas à independência do Brasil e à figura de D.Pedro.

Para construir o processo da independência, as chamadas são:

1 - "A arte de colonizar" - (No canto direito da folha há uma charge de um mestre-cuca português que traz em uma de suas mãos uma colher de pau e na outra, um livro de receitas; ao fundo, a casa-grande, e ao lado esquerdo, negros-escravos transportando mercadorias).

2 - "A inconfidência mineira"

3 - "A conjuração baiana"

4 - "A vinda da família real: o bloqueio ou a invasão!?"

4a - "A frota real de Portugal zarpou... e no Rio de Janeiro aportou..."

5 - "A Colônia Ilustrada; chegou a Família Real".

5a - "Abertura dos portos brasileiros"

5b - "Liquidação: Sensacional venda de produtos ingleses. Tudo a preços de fábrica".

5c - "Moda na Colônia".

6 - "... pequeno mas importante diálogo à beira do cais na cidade do Porto".

7 - "A imprensa e a crise"

8 - "O Fico - como uma frase de efeito se transforma num famoso momento histórico..."

9 - "Teatro Real de Comédias apresenta: O Príncipe e a Cortesã - Interlúdio d'amor"

10 - "Independência ou Morte !"

10 a - "A nova constituição".

Esta coleção tem originalidade quanto aos títulos das temáticas que apresenta mas, quanto aos critérios implícitos na periodização, não há nenhuma novidade. Chama a atenção do leitor pelo novo gênero de ilustrações, pelo recurso da charge, uma representação caricatural que satiriza os fatos políticos.

Os fatos apresentados são do conhecimento público, não há informação nova, resultado de pesquisas recentes. O conteúdo apresentado é o tradicional, presente nos livros didáticos; a mudança observada restringe-se à forma de apresentação do conteúdo - uma paródia em quadrinhos - com linguagem bastante peculiar que é a sátira irônica. Com um estilo que procura causar a hilaridade, através de um vocabulário chulo, e atribuindo aos personagens adjetivações pouco conservadoras, permeadas com textos literários de Fernando Pessoa, buscam os autores a cumplicidade do leitor na apresentação do conteúdo.

São decorridos mais de um século, desde o momento em que o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, na pessoa de

Januário da Cunha Barbosa, lançou em 1838 um concurso entre os historiadores para quem oferecesse um plano para se escrever a história antiga e moderna do Brasil³⁹. Da proposta vencedora, de autoria de Karl Friedrich Philip von Martius, nasceram os programas de história que orientaram a formação da juventude brasileira, como também foi o norteador dos manuais didáticos produzidos.

Desta época aos dias atuais, a matriz dos livros didáticos continuou sendo a mesma; mudanças insignificantes são observadas. A grande inovação, a nível de material destinado ao ensino, se fez presente em produções editoriais, nas décadas de 1960 a 1990, cujo objetivo era dar suporte e complementar o trabalho docente. Estas produções que as editoras denominam de "paradidáticas" não inovaram a nível de recortes temáticos. A aparente modernidade apresentada não vai além da forma, com a utilização de recursos variados como: história em quadrinhos, uso de documentos, a apresentação de fatos sob a ótica do cotidiano. Outro recurso utilizado é o lingüístico: a narração ficcional romanceada, presente na "história do cotidiano", a linguagem irônica e escrachada presente na coleção **Redescobrimo o Brasil**, ou uma linguagem interpretativa assentada no uso de documentos.

Como afirma Glezer: "Estas duas propostas (O cotidiano da História e Redescobrimo o Brasil) recobrem uma dupla ilusão de seus autores: a primeira é de que os livros de história são os culpados pelo desinteresse dos alunos pela disciplina (...) A se-

³⁹ RODRIGUES, J. A. Obra citada, p. 130.

gunda ilusão é a de que com 'humor' ou com o 'cotidiano' faz-se uma história inovadora"⁴⁰.

⁴⁰ GLEZER, Raquel. Novos Livros e Velhas Idéias, in Revista Brasileira de História, São Paulo, nov/1984, Ed. Marco Zero, p. 153.

CAPÍTULO 2

A TEIA DA INOVAÇÃO: RECURSOS NARRATIVOS

"As paródias revelam uma semelhança interna com as formas da praça pública."

Mikhail Bakhtin¹

A eficácia na transmissão de um determinado conteúdo é significativa na medida em que a sua linguagem vai, paulatinamente, envolvendo o leitor, assim como a aranha emaranha a presa em sua teia. Para comunicar, a mídia estende os seus tentáculos a um público enorme e heterogêneo e utiliza múltiplas linguagens: a televisiva, a história em quadrinhos, os desenhos, a jornalística, a cinematográfica, a literária, a musical, a tátil, num simbiótico envolvimento com o público receptor.

Idéias e informações circulam na escola. Ali, que poderia ser o lugar privilegiado para a formação da informação, predomina, em seu cotidiano, mais a imposição do que o debate, mais o conservadorismo do que a inovação. Conservador é o verbalismo presente na sala de aula. Timidamente, linguagens menos convencionais, como as citadas acima, são precariamente usadas na escola, em particular, no ensino da história.

Os professores, na procura do novo, buscam nos filmes, nas revistas, nos jornais, recursos que possam lançar mão para

¹ BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento. O Contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Frateschi Vieira, São Paulo/Brasília, Hucitec/Ed. UnB, 1987, p.134.

inovar em sua prática docente. Entretanto, a sua precária formação, acrescida pela falta de informações a respeito das diferentes linguagens, impede-os de explorar de modo satisfatório todas as possíveis dimensões existentes nestes veículos de comunicação.

É fundamental que se rompa na escola com o verbalismo existente, que se introduza novas e diversificadas linguagens, visando ultrapassar o conservadorismo reinante.

Os adolescentes vivem numa dicotomia entre os textos formalizados dos livros didáticos e as mensagens que recebem, via meios de comunicação, com regras mais livres e de fácil apreensão. Estão familiarizados, especialmente os adolescentes de classe média², com as linguagens e o manuseio da história em quadrinhos, do gibi, da charge e do jornal. Para compreenderem as mensagens destes materiais, é necessário que relacionem o texto ao desenho, observem os detalhes, associem imagens, estabeleçam relações entre os diferentes elementos, possibilitando-os a terem múltiplas visões sobre um mesmo fato.

A leitura atenta da história em quadrinhos, da charge, do desenho de época, do filme, se faz através da observação minuciosa de cada particularidade e das relações que se estabelecem entre os detalhes e o texto escrito.

² Em uma pesquisa realizada entre alunos das escolas públicas da grande São Paulo foi constatado que a preferência pela leitura de história em quadrinhos é maior entre os meninos, pertencentes aos segmentos de classe média. In ANSELMO, Zilda Augusta. *História em Quadrinhos*, Petrópolis, Rio de Janeiro, 1975.

Estes procedimentos permitem a caracterização de época, a detecção da ironia e da crítica embutidas nas imagens e nos textos presentes, como, por exemplo, nas revistas da "Mafalda", do "Asterix", nos desenhos de Debret e de outros viajantes.

Não é raro encontrarmos professores, a título de renovação, que utilizam em suas aulas de história aqueles recursos e apostilas organizadas com a compilação de textos acadêmicos. Neste procedimento, tais materiais usados em substituição ao livro didático tornam-se fins em si mesmos, incidindo na fragmentação da visão do todo. Em sala de aula, tais meios, além de outros, devem ser usados como elementos que auxiliarão a explicitar a metodologia de trabalho do professor³ e a percepção do tema estudado em uma ótica multidimensional.

As editoras de São Paulo lançaram no mercado vários paradidáticos de história, fundamentalmente consumidos por alunos de classe média⁴. Na conquista deste público, a sedução ocorre em várias direções: oferecem uma coleção de livros bonitos, com temas variados e conhecidos, sem originalidade, aparentemente interdependentes. A sua inovação ocorre pelos aspectos mais visíveis e exteriores; a apresentação se caracteriza por ser fora do convencional, colorida. Lançam mão do recurso de novas formas narrativas com textos curtos e letras grandes.

³ SILVA, Zélia Lopes da. Asterix e a dominação romana, in Revista Brasileira de História, órgão da Associação Nacional dos Professores Universitários de História, Edit. Marco Zero, São Paulo, v. 5, nº 10, março a agosto de 1985, pp. 232-247.

⁴ o mercado consumidor destes livros são os segmentos sociais pertencentes à classe média, em razão do preço dos mesmos.

Das editoras que publicaram paradidáticos em história, destinados ao segundo segmento do primeiro grau, com temas referentes ao período colonial, somente a Ática, a Atual e a Brasiliense fogem do convencional na apresentação dos seus livros. A editora Brasiliense lança mão da história em quadrinhos, com a caracterização de tipos humanos e com diálogos informais a nível de tratamento e de vocabulário. A Ática apresenta os temas, usando como recurso a narrativa ficcional romanceada, marcada pela criação de personagens. A Atual editora inova na apresentação de textos assentados em documentos e com a intenção de familiarizar o aluno com o "affair" do historiador.

Os primeiros paradidáticos lançados com uma apresentação renovadora foram os livros da Editora Brasiliense: *Olha lá o Brasil ! e finalmente Portugal nos descobriu...* e *Da Colônia ao Império um Brasil para inglês ver... e latifundiário nenhum botar defeito*⁴. Estes livros foram ilustrados por Miguel Paiva.

A apresentação deles se diferencia dos demais por se utilizarem de três diferentes recursos narrativos: a história em quadrinhos, os quadros com textos explicativos e os textos ilustrados. A ilustração da capa contém os elementos fundamentais do tema.

4 CHIAVENATTO, J. J. e PAIVA, Miguel. *Olha lá o Brasil! e finalmente Portugal nos descobriu...*, Brasiliense, São Paulo, s/d, e SCHWARCZ, L. M. e ANGELI. *Da Colônia ao Império um Brasil para inglês ver... e latifundiário nenhum botar defeito*. Brasiliense, São Paulo, 6ª ed., 1987.

CAPA e TÍTULO



OLHA LÁ O BRASIL

ENTÃO É O BRASIL QUE ESTÁ DESFEITO

JÚLIO JOSÉ CHIAVENATTO
MIGUEL PAIVA

A história do Brasil diretamente da boca do povo ao consumidor, sem patranhos nem falsas porandubas; tudo comprovado pelos mais sérios alfarrábios do ramo e os mais rançosos documentos, folhetim histórico puro e verdadeiro, falado em brasileiro

REDESCOBRINDO
O BRASIL

A capa do livro *Olha lá o Brasil! e Portugal finalmente nos descobriu...* é ilustrada por uma vegetação tropical litorânea, com predomínio de bananeiras, coqueiros, folhagens gigantescas em diferentes tons de verde; índios, aves estilizadas e macaquinhos completam a paisagem.

Ao lado esquerdo da capa, um casal de índios observa a chegada de três caravelas e em seus mastros encontra-se impressa a bandeira portuguesa. Ao lado direito, em primeiro plano, estão escondidos entre a exuberante vegetação tropical objetos que reportam à época atual: pratos estragados, botas, boné, machado fincado em um tronco de árvore já derrubada, pegadas de pés, garrafas vazias, líquido esparramado e insetos circulando entre os objetos. Tais marcas "civilizacionais" se contrapõem à exuberância da paisagem tropical.

Estas imagens são intermediadas pela chegada das caravelas portuguesas, símbolos da "colonização" imposta pelos europeus. Colonizar fica entendido, até o momento, como o processo de transformação cultural e sobre o meio ambiente, com a intenção de produzir mercadorias lucrativas para o mercado externo. Os métodos utilizados para a implantação de uma agricultura exportadora, para a extração de produtos vegetais e minerais, para a fixação do europeu na nova terra, destruíram os valores e os costumes dos indígenas, dos negros que aqui vieram trabalhar, e a natureza. A imagem do machado cravado em um tronco de árvore já destruída,

como se nota ao lado direito, no canto da página, é o símbolo destruidor da colonização⁶.

A ilustração da capa tem a ver com o primeiro texto inserido no interior do fascículo: um índio diz à mulher que os portugueses chegariam, mais cedo ou mais tarde, como afirmaram os franceses, os nórdicos e os ingleses⁷. Esta fala sugere que a nova terra era conhecida pelos europeus, antes dos portugueses e a chegada dos lusos era tida como certa e reforça o título "Olha lá o Brasil! e finalmente Portugal nos descobriu..." pondo em destaque a intencionalidade do descobrimento.

A intencionalidade está presente no título, em dois momentos, no uso da partícula e que, na frase, exerce a função de conjunção aditiva promovendo a ligação entre dois discursos: um, "Olha lá o Brasil"- expressão de quem chega - e o outro, "finalmente Portugal nos descobriu..."; e no uso da palavra **finalmente** com função conclusiva, visto na ótica indígena. Já era esperado que Portugal descobrisse a nova terra.

A palavra **descobrimento** usada pelos europeus é expressão adotada por aqueles que chegaram, que estão fora e reforçada pela fala do indígena "(...) acabariam nos descobrindo..."⁸. O reforço ao discurso europeu é reafirmado na página seguinte: no

⁶ Colonizar não aceita a diferença; é a expressão da dominação e da destruição.

⁷ CHIAVENATTO, J. J. e PAIVA, Miguel. Obra citada, p. 3.

⁸ Idem, Ibidem, p. 3.

centro do círculo está Pedro Alvares Cabral olhando. Em cima lê-se: "Olha lá o Brasil"⁹.

Além da idéia de intencionalidade que perpassa o título "Olha lá o Brasil! e finalmente Portugal nos descobriu..." há dois outros discursos que se opõem, o do europeu e o do indígena.

Orlandi, ao analisar os discursos do Novo Mundo, o do europeu e o do indígena, afirma: são "duas formações discursivas em confronto que impedem outros discursos de significar, entre eles o do "brasileiro"¹⁰.

Na escola, até meados dos anos 70, havia apenas um único discurso - o da história oficial - que afirmava ter sido o Brasil descoberto pelos portugueses. A questão que se colocava, então, era a respeito da intencionalidade ou o acaso no descobrimento.

Nos finais daquela década e durante os anos 80, no aprofundamento das pesquisas a respeito dos grupos minoritários como os do negro, da mulher, dos pobres, dos índios, ventila-se um outro discurso: "o Brasil foi invadido". Diante desta polarização, o *descobrimento* de um lado, e a *invasão* de outro, é necessário que a pesquisa historiográfica e a escola construam um terceiro discurso, o do brasileiro.

O título do livro reafirma a polarização entre os discursos do europeu e do indígena, nada acrescentando ao já conhe-

⁹ Idem, *Ibidem*, p. 1.

¹⁰ ORLANDI, Eni P. *Terra à Vista. - Discurso do confronto: velho e novo mundo*. São Paulo, Cortez / Campinas, Editora da UNICAMP, 1990, p. 121.

cido, e não ultrapassa a dicotomia existente. O elo norteador no desenvolvimento do tema é a visão europocêntrica da história, cuja revisão não denota nem renovação, nem originalidade.

Constitui inovação nos livros destinados ao público de primeiro grau (professores e alunos - não familiarizados com este tipo de leitura), a inclusão de uma nota introdutória, datada do século XIV, de autoria de Fernão Lopes - *Crônica de Don João I*¹¹, fundamentando a primeira parte do texto.

RECURSOS NARRATIVOS

A narrativa foi construída sobre quadros com legendas, textos ilustrados e história em quadrinhos.

A história em quadrinhos é um recurso instigante, pois exige do leitor perspicácia para identificar os personagens, entender o significado dos gestos, dos diálogos e "sacar" as críticas e as ironias. A atração que exerce passa pelo humor e, segundo a opinião de alguns alunos de segundo grau, do colégio Equipe, em São Paulo, as histórias em quadrinhos constituem uma forma saudável de alienação, são relaxantes e não inspiram violência.

A história em quadrinhos aparece no livro como recurso narrativo em três momentos distintos:

a) "Vocês podem não acreditar, mas tudo começou assim" é o título que inicia a narrativa, em forma de intriga, dos episódios ligados ao assassinato do conde de Andeiro - amante da

¹¹ CHIAVENATTO, J. J. e PAIVA, Miguel. Obra citada, p. 7.

rainha Leonor - e a fundação da dinastia de Aviz por Don João I¹².

b) trata da viagem de Vasco da Gama às índias; a figura central do texto é um cristão novo, Chaim Pinkas, o língua da esquadra; condenado pela inquisição com os nomes de Jaime Pinha, Jácomo Pinheiro recebeu de Vasco da Gama o nome de Gaspar da Gama e foi o língua da expedição de Cabral¹³.

c) sob o título de "Olha lá o Brasil!! - Puta emoção!" é o terceiro momento em que é empregada a história em quadrinhos. O tema desenvolvido é referente aos primeiros contatos dos portugueses com os índios; os personagens centrais são Gaspar da Gama e Caminha, encantados com a sensualidade das indígenas¹⁴.

Com a intenção de mostrar o uso da história em quadrinhos como elemento de humor e de ironia, separamos quadros de cada um dos momentos.

¹² Idem, Ibidem, pp. 8-13.

¹³ Idem, Ibidem, pp. 40-47.

¹⁴ Idem, Ibidem, pp. 58-67.

A - Primeiro Momento - Corte da rainha Leonor

Vocês podem não acreditar, mas tudo começou assim.

Os palacianos estavam ali como sempre. A rainha Leonor, já meio gordota, porém apetecível, fazia cara de enfado. Os puxa-sacos puxavam e João Fernandes, conde de Andeiro, guapo e jeitoso, pensava na vida. Ele e a rainha eram amantes, qualquer um que leu o Fernão Lópes sabe disso.



A figura feminina é burlesca: gorda, porta um decote exagerado permitindo visualizar as linhas e a abundância de seus seios, boca pequena em forma de coração, pinta no rosto, olhos grandes, cabelos encaracolados. Sobre a cabeça leva uma coroa. A sua aparência é mais próxima a uma "dona de pensão" do que a uma rainha. Tem uma expressão despreocupada; ouvindo sons pouco habituais, pede ao cortesão ver o que se passa.

Sentado aos pés desta figura feminina encontra-se o conde de Andeiro, amante da rainha. Ele tem uma aparência próxima a um bufo da corte. Suas roupas reforçam esta imagem, as expressões faciais denotam apreensão e desconfiança, os traços do desenho chamam a atenção, disfarçadamente, para o baixo ventre do personagem.

No chão, há vários insetos espalhados pela sala.

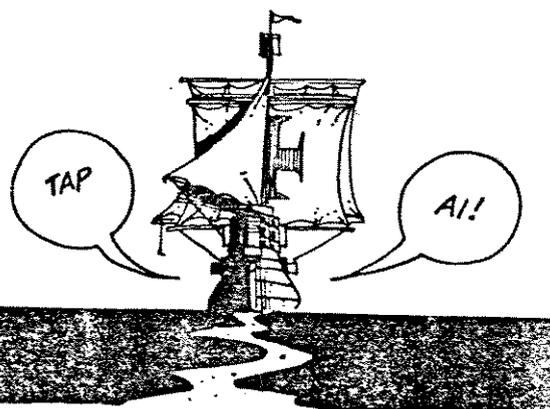
A história começa com a rainha perguntando a causa da algazarra; um palaciano informa-lhe que é o João alborotando o povo. O conde de Andeiro pensa: "Ai meu saco, esse cara é invocado comigo".

Este quadro, pela representação pouco convencional dos elementos integrantes de uma corte, e a explicitação das falas, cria o suspense da história, emaranha o leitor. A curiosidade foi suscitada: quem é o João? por que ele alvoroça o povo? qual é a razão do pensamento do conde?

B - Segundo momento - Viagem de Vasco da Gama



Por mais vulgares e chulas que apareçam algumas personagens da história, assim é, se lhe parece. O que emputeceu mesmo Vasco da Gama é que ele não tinha a menor vontade de mandar queimar Chaim Pinkas.



O quadro seguinte realça os traços grotescos de Vasco da Gama: olhos, mãos, nariz grandes e sombrancelhas cerradas. Apesar destes traços, ele não tem uma cara de maldoso. À sua frente está Chaim Pinkas, com poucos detalhes faciais, e expressão curiosa.

O terceiro quadro, como se vê, é uma nau portuguesa solitária, em alto mar; esta imagem completa o diálogo dos dois anteriores.

Nestes quadros, além das figuras humanas, chama-nos a atenção o diálogo e a natureza do vocabulário. No primeiro, ficam evidentes os preconceitos com relação ao português e ao judeu. É reforçado o preconceito de que o português é burro e de que o judeu é esperto, como fica implícito no diálogo o papel da inquisição quando Chaim Pinkas afirma: "(...) como português, entendes a minha dor e me mandas à fogueira."

No quadro seguinte, é reafirmada a safadeza do judeu; aos berros, Vasco da Gama, com um vocabulário chulo, reporta à possibilidade de que o judeu seja um pederasta passivo e o leitor supõe que sua ordem fora cumprida (pelas expressões contidas nos balões).

Dois pontos precisam de comentários: o primeiro refere-se ao uso dos estereótipos de preconceito que, à primeira vista, poderia ser apreciado como um recurso para esvaziar o próprio preconceito. A reafirmação do mesmo parece se tornar impositiva. O uso reiterado da fórmula acaba por reforçar o estereótipo até mesmo como recurso da explicação histórica. O segundo ponto diz respeito às próprias referências que a fala dos quadrinhos expli-

cita sobre a linguagem adotada: por mais vulgares e chulas que pareçam, o fato de não problematizar o próprio recurso - "assim é se lhe parece" - expressa claramente o que se pretende do leitor, capturá-lo pelo recurso. O recurso constitui a finalidade em si mesmo, não passível de questionamento.

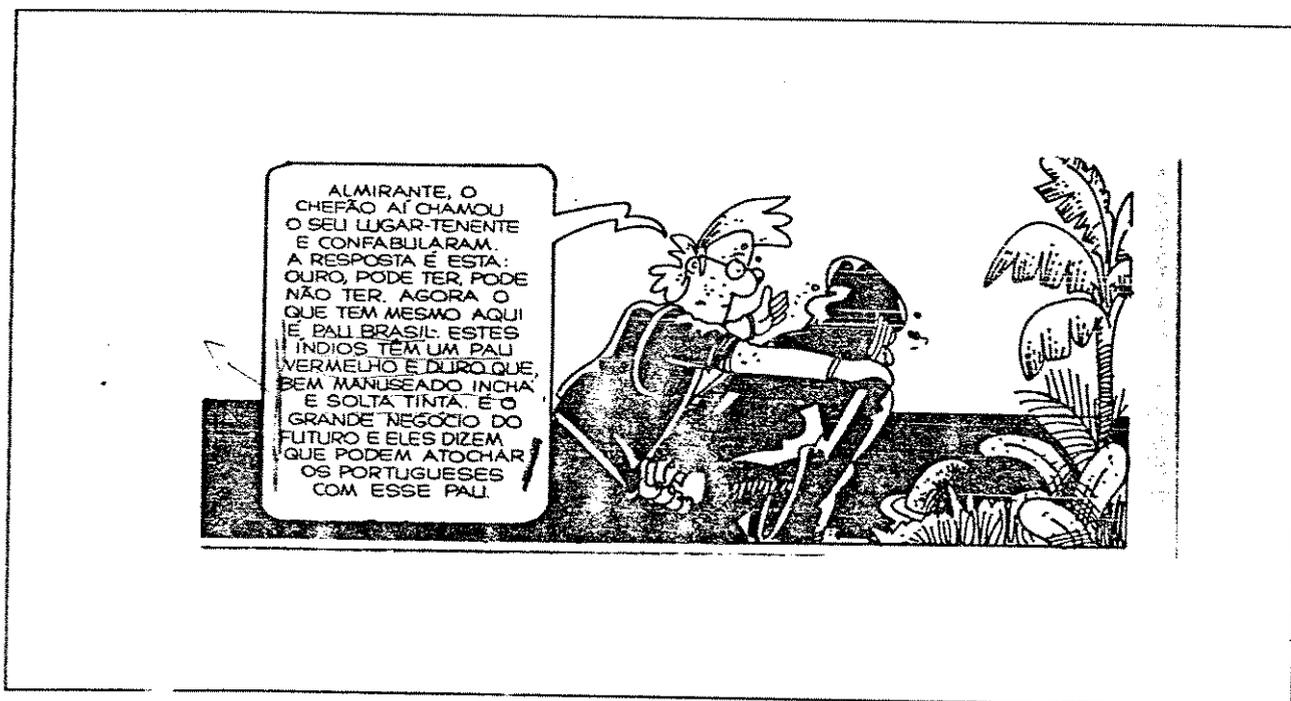
C - Contatos dos portugueses com os índios



Neste quadro, o língua da esquadra de Cabral, de costas para o leitor, acompanha a conversa dos indígenas. Observando o quadro, resulta a imagem de uma vegetação tropical, possivelmente bananeiras. Os nativos têm uma expressão pesada, feia, intimidadora. Essas características constituem a manifestação da ótica do europeu sobre a população que já habitava a nova terra. A pintura do rosto é estereotipada, tanto vale para os indígenas do Brasil como para os da América do Norte. Os autores construíram um discurso indígena sobre a presença portuguesa na América, na possi-

vel ótica dos nativos. Por falta de documentação, de pesquisas mais apuradas, é o discurso do branco que aparece na fala dos índios. A construção das frases e do vocabulário coteja uma linguagem atualizada e corriqueira. Por exemplo: "tá não". Outro aspecto é o reforço sobre a "burrice" portuguesa e, aparentemente, o empenho em apresentar os índios como espertos, portanto, não ingênuos e com consciência de sua própria natureza: "ficam olhando pra gente como se nós fôssemos índios, pô! parece que nunca viram gente". Entretanto, as frases finais do texto contradizem o pensamento anterior: "Negócio é não ligar e pegar os espelinhos que eles distribuem. Logo vão embora. Deixa eles."

O quadro seguinte:





Em seqüência ao quadro anterior, num ambiente litorâneo, Gaspar da Gama, com o braço sobre os ombros de Pedro Álvares Cabral, numa expressão de intimidade, afirma que ouro pode não existir, a solução é explorar o pau-brasil. É o predomínio de um tratamento informal e de uma linguagem chula, maliciosa, com duplo sentido. Ao fazer referência ao pau-brasil, o faz da seguinte forma: "Estes índios têm um pau vermelho e duro que, bem manuseado incha e solta tinta". Esta expressão é reforçada, como se observa no quadrinho acima, com o uso da palavra "atochar", que é um insulto bastante vulgar e de baixo calão.

O investimento nesses recursos de comunicação é essencialmente limitado, pobre e cínico. O esforço da criação limita-se, obsessivamente, a explorar as possibilidades de uma cultura falocrática ainda dominante: é muito fácil comunicar fazendo apelo ao que está arraigado e pronto para ser consumido. Até mesmo para se referir à possibilidade de reação dos indígenas não

se vai além do premeditado: "e se a indiada se zangasse e começasse um pau?"

Os autores, sob a ótica do novo e da modernidade, imprimiram à história em quadrinho uma visão dúbia, maliciosa; transpuseram aos diálogos preconceitos com relação ao português, ao judeu e ao sexo masculino.

Este procedimento concebe a construção do conhecimento histórico muito próximo dos livrinhos de sacanagens vendidos em bancas de jornais, destinados basicamente aos adolescentes, na tentativa de conquistá-los como público consumidor.

Retomando a observação dos quadrinhos escolhidos, nota-se, em oposição ao colorido da capa, o uso de duas cores, o branco e o preto. O branco põe em destaque personagens e/ou detalhes. Do grupo A, as imagens mais claras incidem sobre a figura da rainha Leonor e do conde de Andeiro, dando-lhes realce. O jogo de branco e preto auxilia na identificação das roupas.

Com relação ao grupo B, as cores claras são usadas para chamar atenção das expressões e dos traços fisionômicos das pessoas, distinguindo-as. O mesmo procedimento é visível nos quadrinhos do grupo C. Gaspar da Gama, um cristão novo, é sempre representado com cores claras. Este procedimento gráfico dá maior força ao personagem.

QUADROS COM NOTAS EXPLICATIVAS

Outro recurso narrativo são os quadros com notas explicativas ao lado ou abaixo, aplicados em partes que facilitam ao leitor ter conhecimento de situações específicas. Por exemplo: "Momento Antropológico - Como reconhecer um judeu"¹⁵; e "E Surge o Infante (Aquele de Sagres)"¹⁶; "Maravilhas da fauna brasileira"¹⁷; e finalmente, "Brasil, um fato pois..."¹⁸ referente à catequização dos indígenas pelos jesuítas.

A - Como reconhecer um judeu

Os autores denominaram de "Momento antropológico" várias características que "possivelmente" identificariam o povo judaico: o solidéu, o sexo, o violino, o nome, o dinheiro, a menstruação, a dieta, o nariz. Excluindo a menstruação, as demais citações estão relacionadas por sinais religiosos, étnicos e culturais e, ao agrupá-los, os autores acabaram por reforçar a estereotipia judaica.

A um leitor desavisado, a estereotipia pode até chegar a ser engraçada, cômica, porque cria clichês, tipos, lugares comuns. Na prática, ela iguala a todos, não aceita a diferença. Aparentemente, em uma obra que tem a pretensão de divulgar as in-

¹⁵ Idem, Ibidem, pp. 14-17.

¹⁶ Idem, Ibidem, pp. 19-27.

¹⁷ Idem, Ibidem, pp. 72-75.

¹⁸ Idem, Ibidem, pp. 76-85.

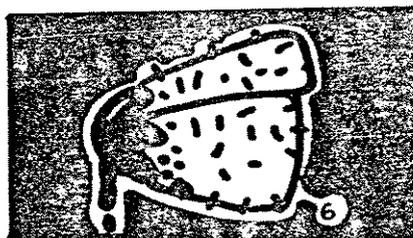
formações históricas, este procedimento pode ser interpretado como inovador.

Para analisar tal procedimento, escolhemos o quadro "Pela menstruação", o título que parece ser o mais absurdo de todos. A construção do texto denota preconceitos de ordem sexual, étnica e religiosa, assim como abre possibilidades de estabelecer relações imediatas com outros quadros, trabalhados com os mesmos recursos.

Pela Menstruação

Fontes das mais sérias, pagas pelo czar Nicolau, garantem que os judeus, mesmo sendo homens, menstruam.

Esta porém é uma verdade nunca cabalmente provada. Altos estudos paleontológicos, cruzados à luz da semiologia, induzem à crença que eles *MENSTRUAVAM*, mas já abandonaram esse feio hábito, mais próprio das damas. Em muitos mosteiros da velha Rússia, os velhos crentes guardavam como relíquias autênticas uns paninhos ensangüen-



tados, afirmando que eram absorventes masculinos para a menstruação dos judeus.

Ora, o mênstruo saindo de um homem, mesmo sendo judeu, certamente escoaria por um orifício que ficaria na ponta de um apêndice carnal. Assim, o absorvente seria logicamente um paninho enrolado em forma de cône. Por aí se vê que se os judeus menstruaram um dia, já não se pode provar hoje.

O exótico e o enigma da menstruação atraem o público leitor, principalmente o adolescente. Para ele, todas as questões relacionadas ao sexo despertam-lhe muita curiosidade, pelo que possa parecer inexplicável, proibido. Com relação à menstruação, ela não é bem explicada nem para as próprias meninas. É rodeada de tabus, proibições e perigos.

Sendo a menstruação uma característica específica da mulher e diretamente relacionada à procriação, perguntamos: quais os fundamentos de tal assertiva? Onde os autores foram buscar tal afirmativa? Biologicamente é impossível ao homem menstruar.

Por estas razões o texto induz, naturalmente, à curiosidade e à dúvida. Esta é dissipada pela argumentação de sua veracidade: "fontes das mais sérias, pagas pelo czar Nicolau (...) Altos estudos paleontológicos, cruzados a luz da semiologia, induzem à crença que eles menstruavam (...) guardavam como relíquias autênticas uns paninhos ensangüentados, afirmando que eram abscrventes masculinos para menstruação dos judeus."

As curiosas afirmações despertam risinhos e comentários entre os adolescentes, seu público consumidor, além de induzi-los, assim como a um leitor incauto, a supor que as fontes acima mencionadas tenham força de verdade.

A bizarra argumentação presente no texto enfraquece a dúvida existente: "esta porém é uma verdade nunca cabalmente provada".

O próprio texto, pela sua natureza, seria per si repudiado; sob a capa da novidade apresenta dados absurdos. Explicita preconceitos com relação aos judeus e às mulheres: "... mas já abandonaram esse feio hábito, mais próprio das damas."

Em nenhum momento, os autores aventaram a hipótese de que esta argumentação fazia parte do discurso jesuítico, que dos púlpitos das igrejas tinham por costume afirmar que os judeus

eram seres estranhos, manifestações de comportamento francamente anti-semita¹⁹.

¹⁹ Informação obtida através da professora Dra. Anita Novinski.

Fundação da escola de Sagres

Caceta, lá vou eu de novo com meus mapas servir a outro príncipe viciado. Ah, os sacrifícios que faço pela ciência! E em Portugal! Tudo bem, aqui os judeus têm certa liberdade, mas até quando? E Portugal é uma coisinha à toa, um mero jardim à beira-mar plantado. Não tem exército, agora começa a pensar numa marinha. Não tem tecnologia alguma. Nós judeus somos uns desgraçados: não temos pátria e a Inglaterra não quer saber de nós. E vai levar séculos até que inventem os Estados Unidos da América.

Maldito meu pai que me botou nessa. Quer dizer, quis me pôr pra fora do jogo. Agora vai ter que me engolir. Vou pegar uns judeus, uns árabes, essa gente da ralé, e criar uma grande marinhagem. Vou lançar navios ao mar, descobrir novas terras e quero ver! Daqui uns tempos, ninguém vai lembrar do nome do meu pai, mas dom Henrique será festejado como o fundador da Escola de Sagres. Deixe estar, assim que eu reunir a judeuzada... Deixe estar.



Há vários quadros referentes às articulações de D. Henrique para fundar uma escola de navegação em Sagres. Entretanto, predomina, no tema, o encontro do príncipe com um certo judeu - Jafuda Cresques - caracterizado como "membranudo". O interesse do príncipe por ele é orientado por seus dotes físicos e há insinuações explícitas de relações homossexuais entre eles.



— Abraão Cresques é seu pai?
— Sim, alteza.



Dom Henrique tinha razão de estar bravo. Afinal ele transou a fuga dos dois judeus, subornou espanhóis, traçou um caminho para Jafuda e Abraão chegarem em segurança à terra lusitana e agora o membranudo aparecia ali, vindo ao deus dará, arriscando-se a ser preso e pôr a perder todo o plano.

26



Aí dom Henrique encrespou-se.

— Seu vagabundo irresponsável. E como fica aí na praia, com esse pinto peiado apontando o sol? Eu enfrento meu pai, a corte, os políticos, os cambau, arrisco uma guerra com o rei de Espanha, e você aí folgado. Por que não chegou a Portugal pelos canais combinados? Cadê seu pai, miserável?



E qual era o plano de dom Henrique?

Ora, fundar uma escola de navegação, pegando os melhores profissionais do ramo, traçar os caminhos dos mares, aperfeiçoar os instrumentos náuticos, construir os melhores navios e sair por aí, descobrindo o mundo, que navegar é preciso, viver...

Nos quadros acima, há informações a respeito da relação política de Portugal com a Espanha. Como já foi notado em situações anteriores, a articulação do tema ficou centrada nas relações do príncipe com o judeu. O tratamento informal e o vocabulário chulo falseiam e descaracterizam as relações de época e as de um príncipe com um subordinado. Na busca da inovação, da conquista do adolescente, parentam lidar com uma falsa modernidade.

O vocabulário e o tratamento sobre o comportamento sexual do príncipe não ultrapassam o limite do grosseiro, da vulgaridade. No quadro maior, D. Henrique vai à frente e Jafuda, atrás; são interessantes os pensamentos contidos nos balões: nos de Jafuda há clara insinuação dos conhecimentos dos judeus com relação à cartografia, à liberdade deles em Portugal (se comparada a outros países, como Espanha e Inglaterra); há insinuações anti-lusitanas quando são feitas referências à posição geográfica de Portugal, "... é uma coisinha à toa, um mero jardim à beiramar plantado..."

Como judeu, Jafuda expressa sentimentos de baixa estima: "Nós judeus somos uns desgraçados: não temos pátria e a Inglaterra não quer saber de nós. E vai levar séculos até que inventem os Estados Unidos da América."

O pensamento de Jafuda reafirma o caráter ficcional e enganoso do conteúdo do livro. Os personagens históricos não são videntes, a previsão de que os Estados Unidos seriam a "nova pátria judaica" é descaracterizar a história e o trabalho do historiador. O mesmo procedimento é observável na explicitação do pen-

samento de D. Henrique, ao afirmar que ele será mais lembrado que o seu pai.

O mesmo engodo histórico aparece a seguir no quadro sobre a catequização dos índios, quando se afirma que há necessidade de inventar Minas Gerais - um Estado de conciliação - e o liberalismo, reduzido a um sistema político de pura fisiologia, evidente no modo como é associado à palavra *conciliação*.



E levaram um pau feio, que trabalhar é serviço de negro, os índios já sabiam disso: os jesuítas não andavam aí pela colônia por acaso. Dessa forma, a missão de paz dos padres Nóbrega e Anchieta estava à beira do fracasso.

Certo dia conseguiram um progresso: convenceram Coaquira a ser mais tolerante e que Pindobuçu esfriasse os mais radicais.

Nóbrega aliás, já dizia:

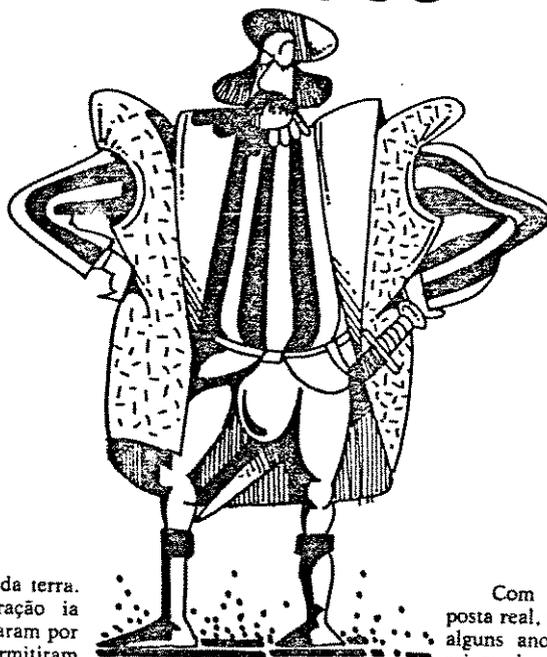
— Este país, Anchieta, tem que acabar com os radicais. O negócio é o liberalismo. A gente tem que conversar. Vamos conciliar. Conciliar. Urge inventar Minas Gerais o quanto antes.

79

Ainda nesse quadro, em atitude de proteção, o jesuíta apóia um de seus braços sobre os ombros do índio; o outro indica um caminho, uma direção - é a catequização. O índio tem em suas mãos um grande porrete com as características de um símbolo fálico. Completando a imagem, o cachorro vem atrás, lambendo o chão.

O texto abaixo: UMA QUESTÃO DE COLHÕES

Uma questão de colhões



Tomaram posse da terra. Mas como a exploração ia custar uma nota, deixaram por conta dos judeus. Permitiram Fernando de Noronha, o homem que virou ilha, negociar com o pau brasil. Fernando ficou muito rico. Aí os portugueses botaram olho gordo nele.

— Se esse judeu fatura os tubos, por que não nós?

A pergunta era do tesoureiro do rei dom Manuel. Este rei aliás, era uma besta venturosa. Mas, pensou lá com ele, meu tesoureiro é um bolha. Na hora de comercializar o pau brasil, disse que não havia dinheiro, agora que o judeu ganha fortunas, me vem com essa. Em todo caso, vou-lhe responder à altura.

— É que em Portugal não há mais homens com colhões.

Com esta elegante resposta real, a corte calou-se. Só alguns anos depois, morto o rei, mudando a política do reino, e talvez aparecendo alguns portugueses sacudidos, é que se lembraram do Brasil. Assim que, na era de 1530, sábado, 3 dias do mês de dezembro, de Lisboa se mandou para o Brasil Martim Afonso de Sousa.

Como diria dom Manuel — nessa altura já comido pelos vermes — era preciso colhão para enfrentar a viagem. Um mês depois, conta o irmão do Martim, o Pero Lopes de Sousa, a nau capitânea, enquanto se preparava de ló, arreventou-lhe o mastro do traquete pelos tamboretas. Mas nem deram pelo perigo, continuaram correndo ao som do mar.

Em pleno mar alto, consertaram o mastro do traquete com umas arrataduras e se manda-

O terceiro recurso procede dos textos com uma representação gráfica. Há total coerência entre o título e a gravura; o colonizador português tem salientados os seus órgãos genitais e a espada representa um símbolo fálico. Este símbolo é apresentado com a intenção de afirmar que a colonização do Brasil foi algo muito pesado, maçante, e que requeria muita paciência. Para enfrentar as dificuldades reinantes, era preciso ser homem de força, ter coragem e muita sorte.

O uso de palavras de duplo sentido está presente em cada uma das partes do texto. Aqui a expressão é *pau*, antes fora *caceta*, *pinto pelado*, *bosta*, *membranudo*, todas, expressões de baixo calão. A grande fixação dos autores está centrada sobre as partes genitais masculinas. Durante anos, pornográficas eram as insinuações e a exposição explícita e/ou implícita das partes sexuais femininas. Esta postura denotava machismo, o poder do homem sobre a mulher. O novo agora é a exaltação reiterativa da genitália masculina, uma nova modalidade de discurso de poder, da exaltação do machismo, da virilidade, da força do homem.

O uso indiscriminado de um vocabulário chulo e vulgar é tão preconceituoso como o é a atitude de ocultação e repressão. A pretensa liberação feminina, centrada apenas como elemento de força produtiva, é incompleta e míope; este procedimento reforça o machismo sob o discurso da liberdade.

O último texto é bastante irônico e enganoso ao afirmar que os episódios narrados estão fundamentados "na mais pura investigação histórica". Entretanto, não se encontra qualquer referência bibliográfica, e o próprio texto conclui afirmando que "os

bugres perderam de vez a parada e desperdiçaram o momento histórico de acabar com a invasão portuguesa"²⁰. Parafraseando os autores, diremos que eles perderam a oportunidade de divulgar o conhecimento histórico para o adolescente, de forma séria e inteligente; no lugar, ofereceram ao público informações históricas muito próximas a notas de alcovas e a de folhetins de bastidores, sob a aparência do novo, do moderno e mais avançado em termos de linguagem didática.

²⁰ CHIAVENATTO, J. J. e PAIVA, Miguel. Obra citada, p. 87.

DA COLONIA AO IMPÉRIO. UM BRASIL PARA INGLÊS VER... E LATIFUNDIÁRIO NENHUM BOTAR DEFEITO²¹

É este o outro livro da coleção Redescobrimdo o Brasil. Ao analisá-lo, é interessante chamar atenção para os seus aspectos mais exteriores, a começar pela capa. É lastimável que não possamos reproduzi-la em suas cores originais. Na medida do possível:



²¹ SCHWARCZ, Lilia M. e PAIVA, Miguel. *Da Colônia ao Império, um Brasil para inglês ver... e latifundiário nenhum botar defeito*. Brasiliense, São Paulo, 6ª ed., 1987.

A cor verde nos atrai, indício de uma paisagem tropical, vegetação de bananeiras e coqueiros, um forte céu azul. À esquerda, um homem elegantemente vestido, possivelmente um inglês, postura altiva, observa ao longe a casa grande, típica construção da área açucareira do Brasil colonial. Em um ponto intermediário entre o homem elegante e a casa, notamos a presença de negros que equilibram fardos sobre suas cabeças. Ao longe, o horizonte azul simboliza o mar.

Aqui estão presentes os elementos básicos da colonização para nenhum latifundiário botar defeito: casa-grande - símbolo do poder sobre terras e escravos; negros - que transportam pesadas cargas, mão de obra escrava; ao fundo o mar - elo de ligação da nova terra com a Europa e o senhor - que à distância observa e administra.

Ao lado esquerdo, em primeiro plano, a figura de D. Pedro sob a proteção da bandeira inglesa - "um Brasil para inglês ver...". Em um plano intermediário, entre D. Pedro e o símbolo inglês, um sol nascente. "O Brasil nasce sob a proteção da Inglaterra."

A capa é o preâmbulo do tema a ser desenvolvido²².

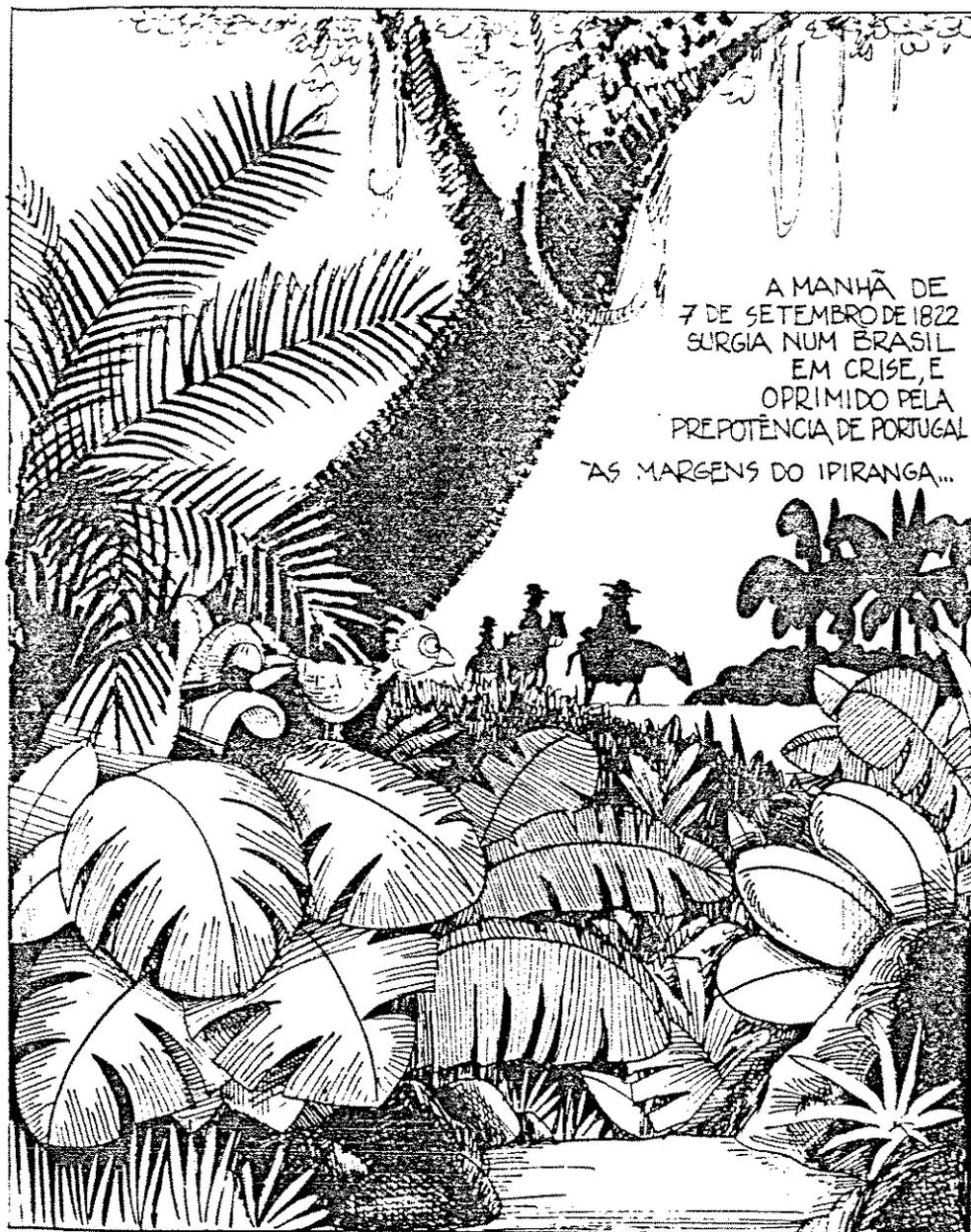
Os recursos narrativos para o desenvolvimento da proposta foram: a história em quadrinhos, charges, diferentes tipos

²² Na temática referente à transição do Brasil Colônia ao Império, os conteúdos abordados são: a colonização, a influência das idéias liberais no Brasil, a Inconfidência Mineira, a Conjuração Baiana, a vinda da família real ao Brasil, a Colônia Ilustrada, a moda na Colônia, a revolução do Porto, a Independência. Como se pode notar, não há nenhuma inovação conteudística nestes recortes temáticos.

de desenhos e notícias, como se fossem anúncios de jornais. Comparando-o ao trabalho anterior, o uso da história em quadrinho foi bem menor.

Em meio a uma paisagem tropical, a trama da narrativa começa a se desenrolar. Um pássaro assustado observa o passar melancólico de alguns cavaleiros cabisbaixos. Essa é a representação do Brasil? A legenda do texto parece indicar a confirmação da pergunta... "A manhã de 7 de setembro de 1822 surgia num Brasil em crise, e oprimido pela prepotência de Portugal às margens do Ipiranga..."²³

²³ Idem, *Ibidem*, p. 5.



Na história em quadrinhos das páginas seguintes surge viva a imagem tragicômica de Pedro recebendo a mensagem da Corte, exigindo o seu retorno a Portugal. Em um ato impetuoso de bravura, palavras mágicas foram ditas: INDEPENDÊNCIA OU MORTE! contestada imediatamente por um inglês: "Um momento! não é assim!" Ao fundo, a representação do poder local: a casa-grande.



Através da representação gráfica, nota-se a preocupação dos autores em chamar a atenção do leitor para o fato de que não se pode contar com uma única visão. A proposta do tema é a construção do processo da Independência do Brasil, através da retomada da colonização.

Representações sobre a Independência



Duas são as representações.

Uma delas é a versão da história dos bastidores, que a memória oficial insiste em conservar; a segunda é a versão presente nos livros didáticos, mantida pela escola, pelos órgãos oficiais.

No quadro da esquerda, notamos um pajem a mostrar a pintura de Pedro Américo, quando afirma estar o príncipe herdeiro montado em um belo cavalo, acompanhado por oficiais.

É a imagem criada e perpetuada pela história oficial, destacando a independência política como um marco significativo na vida de todo país de futuro, e a importância do povo em honrar e respeitar seus heróis nacionais.

No quadro à direita, são outros os olhares sobre a independência do Brasil. No canto, à esquerda, o comerciante português está preocupado com o seu futuro e a aristocracia rural sente que chegou o seu momento de liderança; à direita do quadro, um homem comum segura em suas mãos uma enxada. A sua pergunta manifesta o desconhecimento das articulações políticas feitas pelas camadas sociais mais privilegiadas. Ele é alijado de todo processo político, não identifica quem é quem. No centro estão D. Pedro e seu acompanhante - os interesses britânicos no Brasil. É a visão da ação inglesa no país.

Em primeiro plano, à esquerda, nota-se a cabeça de um negro, afirmando que estes acontecimentos não são novos - trata-se de uma história já conhecida.

Os dois textos sobre a independência do Brasil representam pelo menos duas visões sobre os acontecimentos que cons-

truíram a sua história. As diversas falas, presentes no quadro da direita, explicitam o que cada camada social apresenta em sua ótica interpretativa. Indiretamente, esta representação não polariza a interpretação dos acontecimentos históricos em uma postura dualista, pois tenta construir o conhecimento sob vários ângulos, negando uma postura homogeneizadora da história.

Reafirmando, a intenção do livro é construir a história dependente (dos interesses nacionais e internacionais) da independência do Brasil.

O primeiro ponto destacado foi mostrar como a aristocracia rural, de origem portuguesa, devia seguir à risca um receituário vindo de Portugal, para bem realizar a "arte de colonizar". O item mais importante das diretrizes é produzir produtos agrícolas, visando o mercado externo.

Para mostrar a atuação da aristocracia rural, os autores lançam mão da "história em quadrinhos", como um recurso narrativo.



As idéias liberais manifestas nas falas penetraram no Brasil, no final do século XVIII, nas áreas urbanizadas onde havia segmentos sociais alfabetizados, como na região de Ouro Preto, informam os autores.

O questionamento relativo ao pagamento de impostos foi marcante. Nas áreas da mineração, os grandes proprietários territoriais mantêm esquemas para burlar os impostos. A afirmação de que o Brasil é por excelência o lugar da liberdade e a de que somos todos uma grande família são expressões do pensamento liberal. As raízes desta postura historiográfica parece ancorar em Gilberto Freyre. Além do mais, os autores manifestam uma postura anacrônica, ao atribuir esta fala ao grande proprietário territorial.

A afirmação: "... ter liberdade é também conhecer os próprios limites", como se nota no quadro acima, visa acentuar a fala liberal da classe dominante, por sinal um discurso enraizado na sociedade contemporânea brasileira, uma fala muito mais dirigida ao discurso neo-liberal de hoje, do que uma tentativa real de capturar as linhas mentais do passado.

Outro aspecto a ser pontuado é a transferência para todo o território brasileiro das condições peculiares que vigiam em Pernambuco, nos latifúndios açucareiros. Os autores não consideraram as diferenças regionais e trabalharam com uma visão homogênea de Colônia. Esta postura contradiz a ótica proposta no começo do livro.

A sociedade colonial é apresentada como se existissem apenas dois segmentos sociais: o senhor, proprietário de terras,

e o escravo. Esse tratamento contradiz os trabalhos pioneiros de Caio Prado²⁴, reiterados por pesquisas recentes que têm chamado a atenção sobre grupos sociais intermediários no nordeste açucareiro como os trabalhadores livres, os pequenos proprietários, os mercadores, os artesãos²⁵.

Outro recurso existente no texto é diferenciar os discursos através da apresentação gráfica:

As manifestações populares ganham tons mais escuros e são mulheres as que denunciam a situação caótica em que vive a população. Talvez, com a intenção de universalizar os problemas nacionais, inúmeros conceitos como clientelismo, corrupção, muito comuns no atual vocabulário do povo brasileiro, surgem deslocados, entretanto, para a época mencionada.

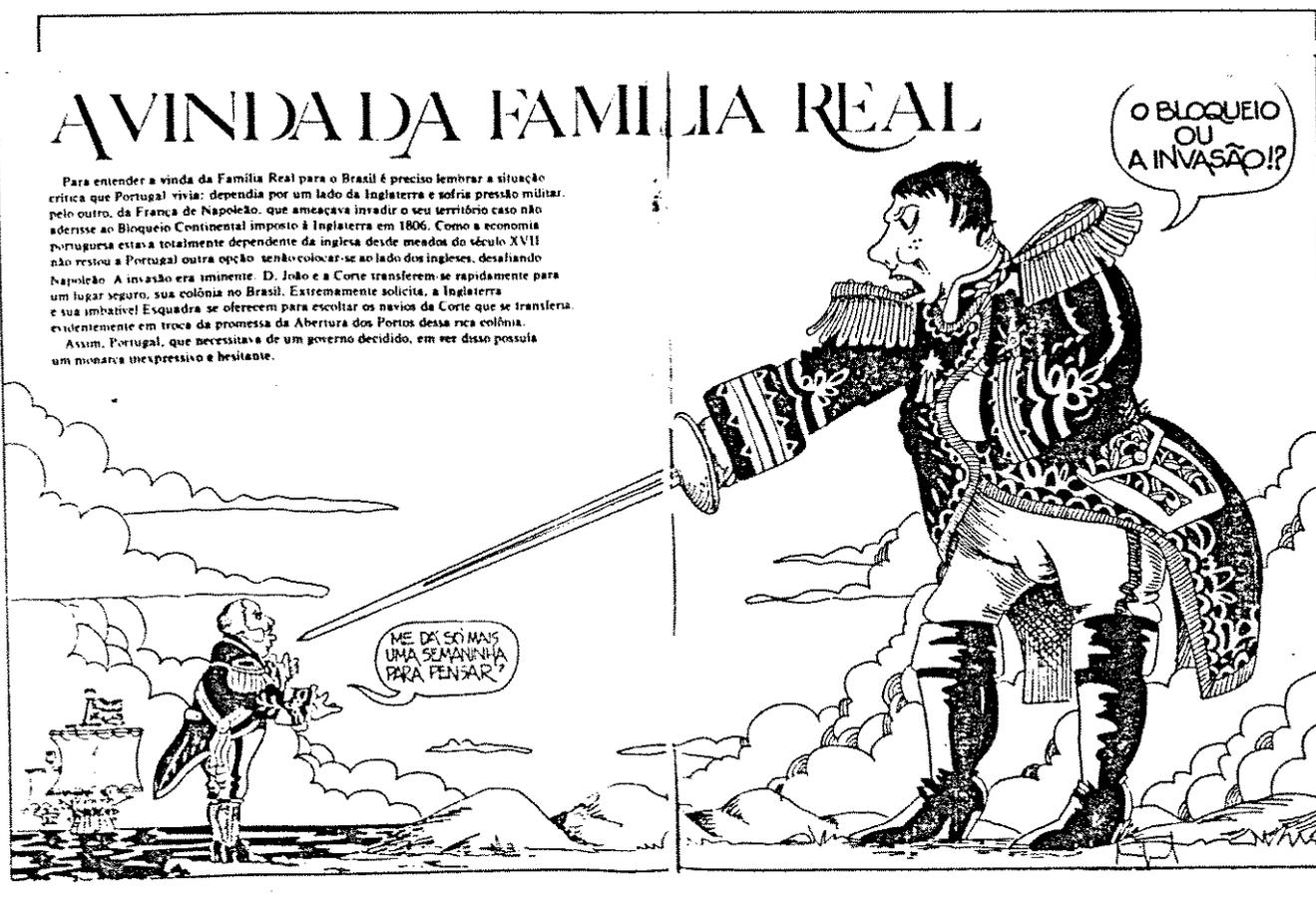
Com o recurso de uma imagem figurada, os autores apresentam o Visconde de Barbacena da seguinte forma:



²⁴ PRADO, Caio. *Evolução política do Brasil e outros estudos*. São Paulo, Brasiliense, 1975, 9ª ed., p. 28 e *Formação do Brasil Contemporâneo*, São Paulo, Brasiliense, 1957 p. 341, entre outras.

²⁵ FERLINI, Vera L. A. *Terra, Trabalho e Poder - O mundo dos engenhos no Nordeste Colonial*. Brasiliense, São Paulo, 1988, pp. 220-224.

Esta imagem caricata, enorme, cercada de sacos de moedas, pretende conter os elementos que caracterizam a insaciável avidez pelo ouro dos representantes do governo português. Os autores, em diferentes momentos, como vimos acima, usam o recurso da "charge" para transmitir suas idéias. A figura socorre quando se pretende enfatizar uma determinada idéia - no caso, a arbitrariedade do fisco lusitano. O texto, entretanto, não assegura um tratamento historiográfico mais adequado de certas questões. Basta assinalar a ênfase tradicional sobre o caráter de certos personagens como o fator decisivo dos acontecimentos históricos (o pequeno, "inexpressivo e hesitante" D. João diante do grande invasor francês).



A transcrição de uma notícia de "jornal" surge como um outro recurso usado para divulgar a influência inglesa no Brasil.

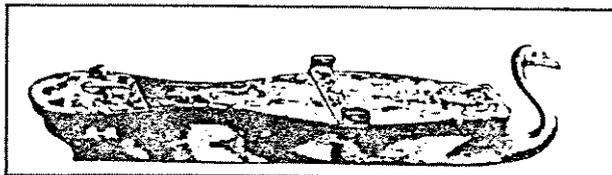
LIQUIDAÇÃO

SENSACIONAL VENDA DE PRODUTOS INGLESES. TUDO A PREÇOS DE FÁBRICA.

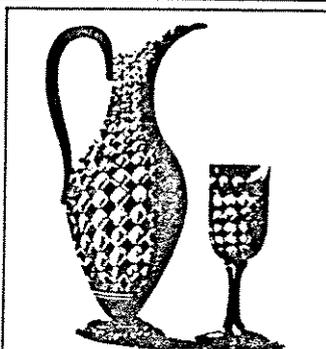
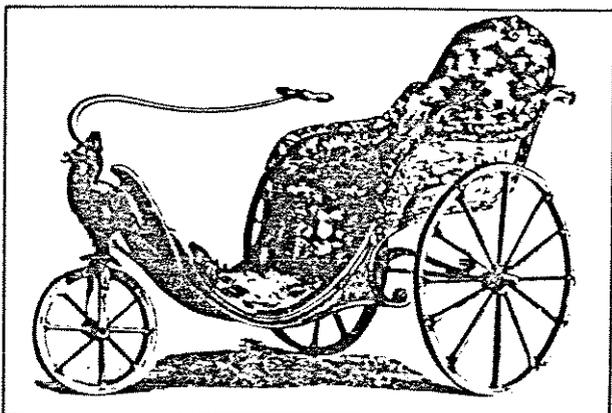
Estamos liquidando nossos estoques (escoando toda nossa produção). Chapéus, carruagens, tecidos, porce-

lanas, cristais, louças, artigos de armarinho... Tudo a preço de custo.

Smith & Smith Company.



Trenós, cachimbos escoceses de madeira aromatizada, sapatos com sola especial para neve, e muito, muito mais você poderá encontrar em nosso estabelecimento.



Classificados

Vende-se ou aluga-se

Um escravo de 32 anos, alto e robusto, bom para todo o serviço de roça. Peça de bom funcionamento.
Rua D. João VI, 89

Alugada

Precisa-se de uma escrava alugada para todo o serviço. Prefere-se que seja fiel.
Rua da Esquina, 33

Precisa-se

De um moleque escravo para distribuir papéis. É necessário que seja bom e sem vícios.
Largo da Matriz, 43

Vende-se

Uma ama-de-leite sadia e limpa. Peça totalmente boa.
Rua dos Ingleses, 101

Atenção

Fugiram da fazenda do Boqueirão os seguintes escravos:

Antônio — 32 anos mais ou menos, é violento, tem falta de dois dentes na frente, é manco, tem sinais de castigos no rosto e nas costas.

Maria — 23 anos mais ou menos, costuma dizer que é forra, tem falta de 2 dedos do pé e uma orelha.

Ignácio — 16 anos, rosto barbado, cheio de bexigas, é gago, tem marcas de castigo nas nádegas.

Não se sabe o motivo da fuga, já que todos os escravos eram amados e respeitados.

Apoiando-se em reproduções da época, é mostrada a variedade dos produtos ingleses vendidos no Brasil. Muitos dos produtos eram totalmente inúteis, pelas condições do meio ambiente, além das condições sociais da maior parte da população.

As diversas informações existentes no livro são totalmente desarticuladas entre si: não há explicações que favoreçam a concatenação entre elas. Voltamos a insistir, se a preocupação dos autores é, de fato, a de criar um clima para se perceber as várias interpretações dos fatos históricos, a proposta foi abandonada.

Os fatos e informações citados a respeito da presença inglesa estão colocados como "flashes", desarticulados; o leitor só poderá fazer uma ligação entre eles se acompanhado por outras leituras. As informações são esparsas e descontextualizadas.

Característica interessante deste livro é o "jogo de imagens", por meio da qual é transmitida a mensagem que se deseja.

A Independência do Brasil foi fruto de articulação dos grandes proprietários rurais e representantes da elite local contra interesses sediados em Portugal. A dicotomia de interesses é manifestada através do recurso gráfico, uso de letras grandes e mensagens telegráficas mas, de novo, não se consegue esconder a pobreza do quadro de oposições, apoiado no genérico Portugal.

Portugal pretendia a todo custo
manter e garantir os seus privilégios



os grandes proprietários brasileiros
viram em D. Pedro o instrumento ide-
al para a conquista e consolidação da
autonomia

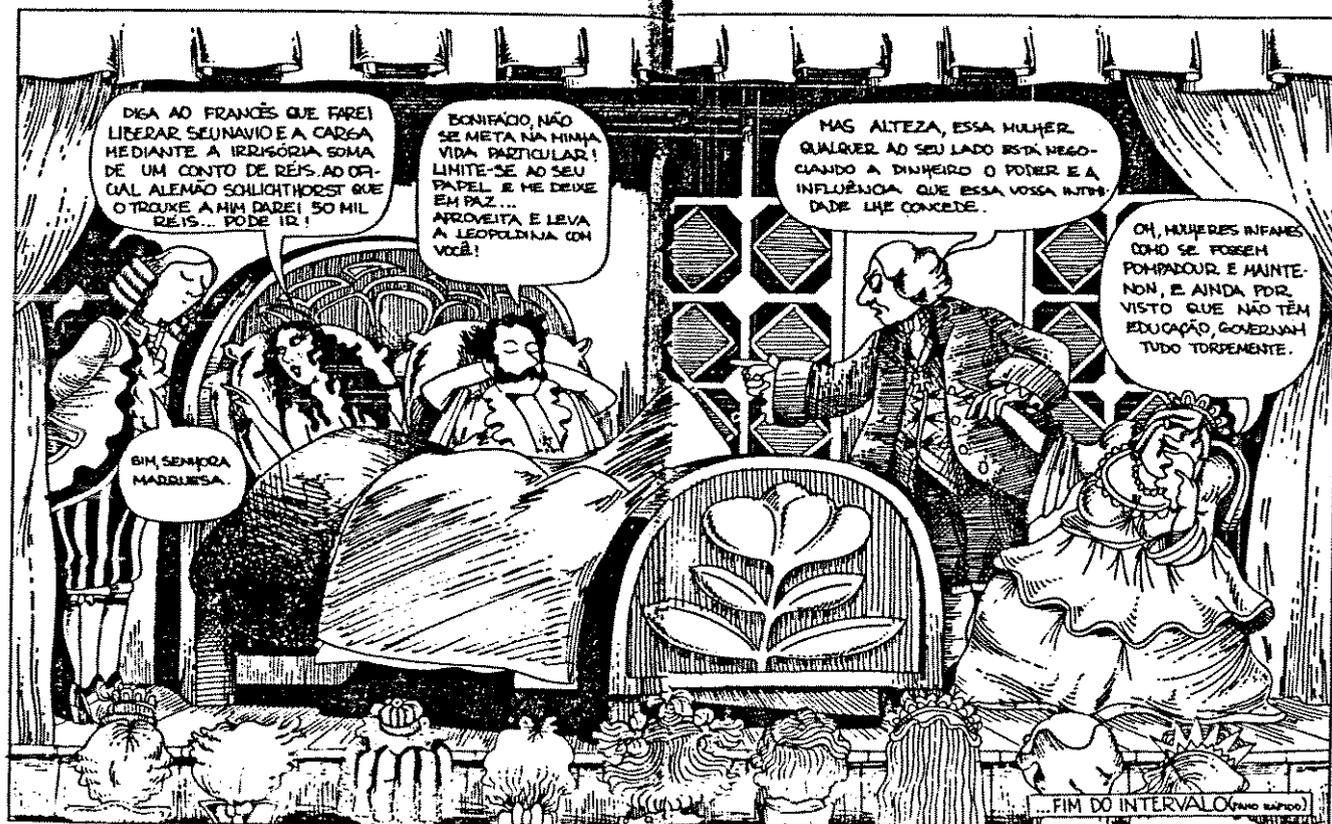
É O HOMEM IDEAL!
DEFENDERÁ OS NOSSOS
INTERESSES...

SEM PRECISAR
MOBILIZAR A
POPULAÇÃO!



Pelo visto, D. Pedro foi objeto de manipulação da elite. O diálogo entre os representantes da aristocracia nacional manifesta a consciência dos seus desejos e sua capacidade de persuasão.

Sob a denominação de "Arquivo Secreto", foi criada uma série de fichas de tipo policial, com dados referentes às características físicas e psicológicas de José Bonifácio, D. Pedro, Maria Leopoldina e Domitília de Castro. A forma como as informações estão organizadas beiram a bisbilhotice histórica. Os dados a respeito da vida particular destes personagens restam distantes de uma compreensão mais ampla da sociedade brasileira e do século passado e não se aproximam em nada à proposta metodológica prometida. E para completar a "importância" do denominado "Arquivo Histórico", os dados nele contidos são concretizados em uma peça de teatro, que lembra muito o clima de erotização do filme de Carlos Coimbra, "Independência ou Morte", com o casal de atores da Tv, Tarcísio Meira e Glória Menezes.

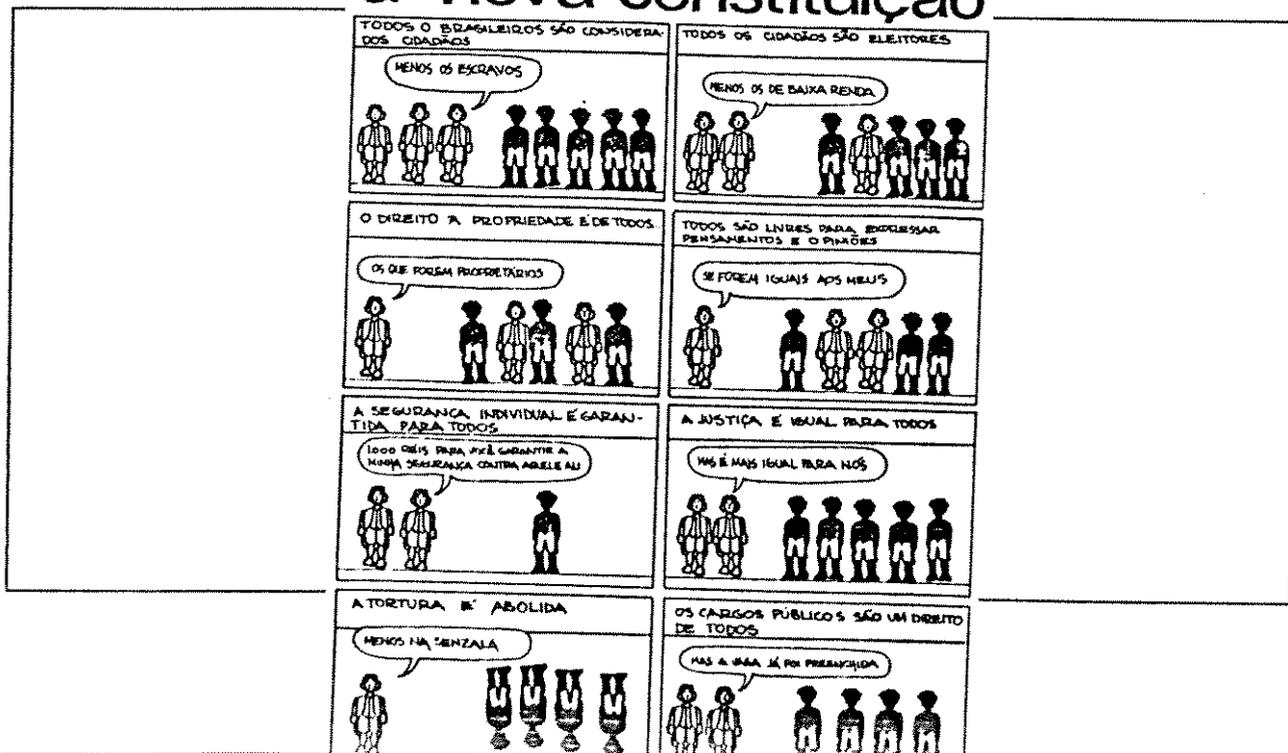


Neste quadro, estão em destaque personagens como a Marquesa de Santos que, usufruindo da qualidade de amante, manipula em seu próprio benefício o primeiro imperador do Brasil. D. Leopoldina, a esposa abandonada, chora. Nesta cena, fica evidente a dicotomia impingida à figura feminina: cortesã ou "Amélia". Confinada a uma história de grandes personagens, a narrativa aqui também não vai além de tentar diminuir a figura da grande personagem, isto é, não consegue evadir do mesmo universo que tenta criticar.

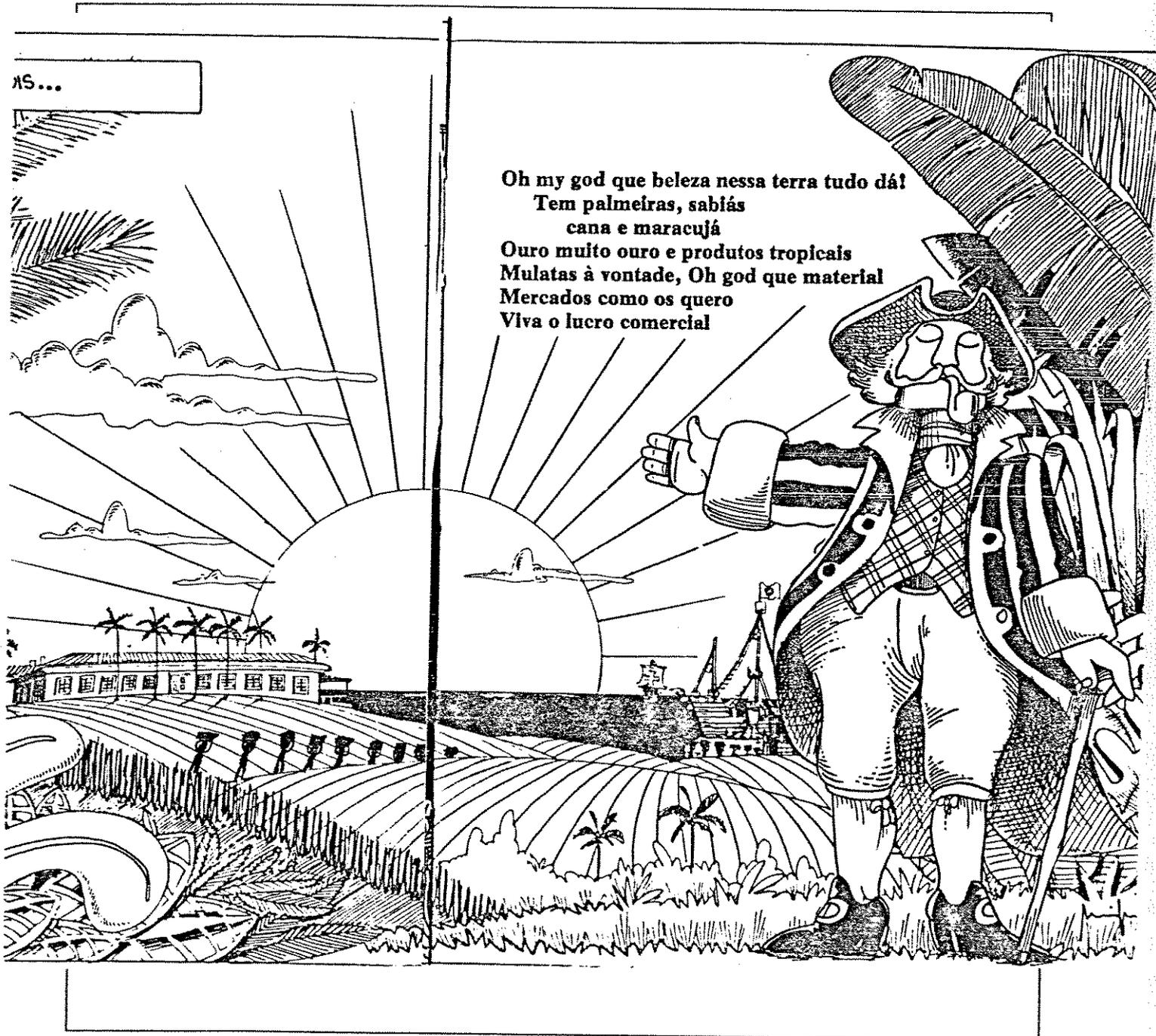
De outro lado, após a independência, sob a tutela inglesa, urgia que se organizasse uma constituição de caráter liberal.

O quadro da nova constituição joga com claro e escuro, explicitando didaticamente os critérios que a nortearam. Nesse momento, o tratamento maniqueísta prende muito mais, pois assegura uma percepção crítica do texto constitucional, cuja dimensão liberal encontrava seus limites nas diferenças sociais e étnicas.

a nova constituição



A parte final do tema volta à mesma imagem usada na introdução, mas modifica apenas um detalhe: a figura da esquerda, um português que cantava as glórias da terra, agora é a de um inglês que canta o lucro comercial. Uma mudança quase que imperceptível, Oh! my God!



Diferente do outro livro da mesma coleção, que não trazia nenhuma indicação bibliográfica, neste encontramos a citação de obras consultadas para a elaboração do livro.

Nos dois trabalhos, é marcante a preocupação em aproximar do leitor os personagens e os fatos históricos. Na tentativa de transformá-los em personagens de carne e osso, com comportamentos e com desejos próximos ao presente, não se vai além de ridicularizar personagens e seu tempo, sem apresentar novos enfoques historiográficos, novas abordagens metodológicas e sem romper com as interpretações tradicionais. Mais uma vez, resta impune o conservadorismo que permeia em tais publicações.

HISTÓRIA EM DOCUMENTOS - Coisas nunca vistas, nem mesmo sonhadas

A reprodução da gravura de Théodore de Bry, de 1595, é capa do primeiro livro - *Navegar é Preciso*²⁶ - da coleção História em Documentos.

Na coleção *História em Documentos*, o aspecto mais significativo — comum a todos os volumes — é a ampla utilização de documentos na organização e desenvolvimento dos assuntos de cada livro. "Documento" no sentido mais abrangente: desde os textos oficiais até os registros, em diferentes linguagens, de experiências humanas no período entocado: depoimentos, letras de música, textos literários, descrições de viajantes, artigos de jornal, pinturas, charges, fotos. Dessa forma, os leitores terão oportunidade de um contato mais direto e vibrante com o fazer histórico de cada época. Além disso, percebendo como o autor organiza e interpreta os documentos — e, mais ainda, realizando ele próprio os exercícios propostos —, o estudante terá condições de conhecer um pouco mais a linguagem e os princípios do trabalho do historiador.

Navegar é preciso

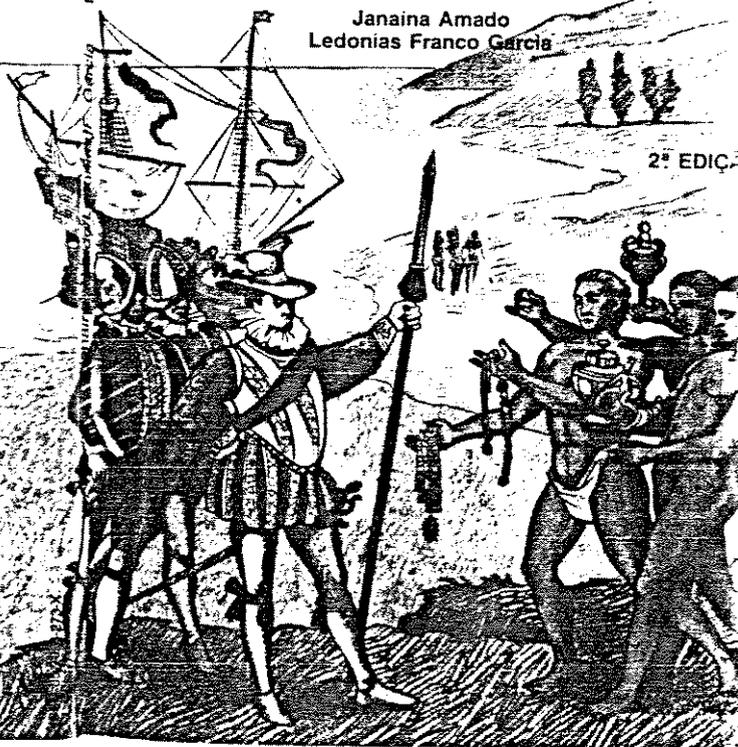


NAVEGAR É PRECISO

Grandes descobrimentos marítimos europeus

Janaina Amado
Ledonias Franco Garcia

2ª EDIÇÃO



²⁶ AMADO, Janaina, e GARCIA, Ledonias F. *Navegar é Preciso - grandes descobrimentos marítimos europeus*. São Paulo, Atual, 1989.

Théodore de Bry, ao desenhar a chegada da esquadra espanhola em Guanahani, o fez segundo referências culturais da época. Os espanhóis chegam com pompa e, em suas mãos, portam a lança, símbolo do poder e da força. Um grupo de homens que oferecem jóias e vasos de ouro se aproxima deles. O encontro entre os dois grupos é simbólico e imaginário. As imagens são mitológicas e universais.

A imagem da capa é inovadora, simboliza o encontro de duas civilizações bem distintas, a européia e a ameríndia. Pelo título do livro - *Navegar é Preciso* - delinea-se o tema tratado - os grandes descobrimentos marítimos europeus.

O recurso documental foi a proposta metodológica escolhida para o desenvolvimento do tema em questão; para contextualizá-lo, nas mudanças em processo no cenário europeu, as autoras usaram citações documentais desde o século XI.

Na primeira parte do livro é introduzido o assunto. Em linhas gerais, são apresentadas as características das novas terras descobertas da Ásia, América e África. Os europeus deparam com povos, costumes, ambientes exóticos.

A memória destes povos passa a ser conhecida e perpetuada na ótica dos europeus. Em seguida, são enfocadas as grandes mudanças operadas na sociedade: o comércio cresce e expande suas fronteiras, os conhecimentos se alargam e se ampliam, uma nova ordem social desabrocha.

Ao construir a realidade dos séculos XV e XVI, foram escolhidos inúmeros documentos de origem e natureza diversas. Os documentos cobrem parte dos acontecimentos dessa realidade; múltiplos

tiplos aspectos e eventos escapam ao historiador e outros tantos, nem sequer foram registrados.

O recorte usado para a explicitação do tema está fundamentado nas transformações que ocorreram na Europa e nas manifestações dos sentimentos das pessoas. Tal procedimento se pauta por princípios de natureza metodológica, transparentes na concepção de história que o norteou. O recurso metodológico consiste em criar espaços para a exposição das emoções - o medo, a esperança, os desejos de aventura e conquista, dando espaço para se conhecer o homem da época e romper com uma história árida, fundada em eventos políticos, administrativos e econômicos. É uma concepção que privilegia a transparência da alma humana.

O primeiro recorte trata das transformações sociais, econômicas e culturais ocorridas na Europa. Para abordar estes aspectos, foram usados pequenos trechos de documentos dos séculos XI, XII, XIII, XIV, XV e XVI²⁷. A título de enriquecer e melhor explicar o processo de mudança, acompanham o livro dois mapas que dão destaque às rotas comerciais da época.

²⁷ Os documentos consultados foram:

- Reginaldo de Durham: Viagem de Santo Godric, século XI;
 Jean Le Long: Crônica de S. Bertino, século XI;
Constituição da cidade de Lorris, na atual França, 1155;
Ordenança do Rei de França, 1439;
 Marino Sanuto: Vida dos duques de Veneza;
 Alvaro Velho: Roteiro da primeira viagem de Vasco da Gama,
 1497;
 Conde de Cheverny: Memórias, 1528;
 J. Levron: Os cortesãos, Memórias de Londres e da vida londrina, século XIV;
 Jacob Fugger: Carta a Carlos V, século XVI;
 São Tomás de Aquino: Suma Teológica, 1272.

O desconhecido causa medo, angústia. Estes sentimentos são ampliados quando alimentados por incertezas, lendas e alucinações. Este era o clima que navegadores viviam, ao se lançarem pelo mar a fora, compartilhado com a população que ficava em terra.

Dos documentos dos séculos XV, XVI e XVII, foram extraídos dados que permitiram construir o quadro de medo, ignorância e angústia²⁸. Para ilustrar este recorte, há reproduções de gravuras que apresentam uma concepção do universo segundo Aristóteles e Ptolomeu, uma representação popular do universo na Idade Média e uma de Copérnico. Os desenhos representam monstros marinhos, que atacavam as embarcações no oceano, tomado de quedas d'água. Para completar tais ilustrações, há, também, desenhos dos instrumentos de navegação da época.

Navegar pelo oceano e enfrentar animais e povos desconhecidos constituíam realmente uma aventura. Este é o tema do próximo recorte - A aventura. Ele aparece enriquecido com um mapa sobre as principais rotas dos grandes descobrimentos e com a citação de vários documentos dos séculos XV e XVI²⁹.

²⁸ Os documentos consultados foram:
 Matteo Ricci: História da expedição cristã ao reino da China, 1582-1610.
 Filippo Pigafetta e Duarte Lopes: Relação do reino de Congo e das terras circunvizinhas, 1591;
 Francisco Correia: Relato português, século XVII;
 Eusébio de Nuremberg: História Natural, Século XVI;
 Ganeau: Tratado de História natural, século XVII;
 Diogo Gomes: Relação do Descobrimento da Guiné e da Ilhas, 1462.

²⁹ Os documentos consultados foram:
 Antonio Pigafetta: Diário da expedição de Fernão de Magalhães, 1519-1522;
 Jean de Léry: Viagem à terra do Brasil, 1578;

A aventura é completada pelo espanto provocado pelo confronto com povos tão distintos em costumes, hábitos, manifestações religiosas e cosmologia. Para dar ênfase ao espanto, os dados foram extraídos dos documentos dos séculos XIV, XV, XVI e XVII³⁰.

Os europeus chegaram à nova terra insuflados pelo século da conquista, em nome do rei e da igreja. Conquistar significa dominar, destruir, fazer valer seus princípios. Os documen-

Valentim Fernandes: 1507;
 Gomes Eanes de Zurara: Crônica de Guiné, 1452;
 Manuel de Faria e Souza: Ásia português, século XVI;
 Vasco da Gama: Diário da viagem, 1498;
 Cristovão Colombo: Primeira carta aos reis de Espanha, 1492;
 Pero Vaz de Caminha: Carta ao rei de Portugal, 1500; Declaração real de Valladolid, 1518.

- ³⁰ Os documentos consultados foram:
- Cadamosto: Relação das viagens à costa ocidental da África, 1455-57;
 Frei Bernardino de Sahagun: História Geral das coisas da Nova Espanha, 1555;
 Américo Vespuccio: Carta a Francisco de Médici, 1500;
Atlas Catalão, 1375-80;
Relatório Chinês, Século XVII;
 C. Jannequim, Viagem à Líbia e ao reino de Senegal, 1643;
 Pero M. Gandavo: História da província de Santa Cruz, 1576;
 Gabriel Soares de Sousa: Tratado Descritivo do Brasil, 1587;
 Jean de Léry: Viagem à terra do Brasil, 1578;
 Frei Vicente do Salvador: História do Brasil, 1618;
 Antonio Navarro: Carta, 1553;
 Antonio Pigafetta: Diário da Expedição de Fernão de Magalhães, 1519;
 Hans Staden: Viagem ao Brasil, 1557;
 Hernán Cortéz: Segunda carta ao rei de Espanha, 1519;
 Tomé Pires: Suma Oriental, 1515;
 Cristovão Colombo: Diário de Viagem, 1492;
 Montaigne: Ensaio, 1577-80.

tos que denunciam a conquista europeia sobre o novo mundo são os relatos de viagens, as mensagens aos reis³¹.

Com a finalidade de facilitar a compreensão do tema, são levantados vários recursos: vocabulário, com o significado das palavras menos usuais hodiernamente, como por exemplo: *bombarda*, *cantaria*, *crisol* e outras; um quadro cronológico, com as informações sobre as conquistas espanholas e portuguesas; indicação de outros livros que ampliarão a compreensão do tema e, finalmente, uma indicação bibliográfica.

As autoras, quando pretenderam organizar um livro que tivesse como tema as grandes viagens marítimas, selecionaram documentos sobre o assunto. De posse das fontes e das informações neles contidos, classificaram-nos segundo critérios historiográficos de periodização e tema. Este procedimento metodológico, que faz parte da construção do conhecimento histórico, facilita a

³¹ Os documentos consultados foram:
 Antonio Pigafetta: Diário da expedição de Fernão de Magalhães, 1519-1522;
 D. Manuel: Carta aos reis de Espanha, 1499;
 Frei Bernardino de Sahagun: História Geral das coisas da Nova Espanha, 1555;
 Hernán Cortéz: Terceira Carta ao rei de Espanha, 1522;
 Frei Bartolomeu de las Casas: Brevíssima relação da destruição das índias, 1562;
 Cadamosto: Relação das viagens à costa ocidental da África, 1455-57;
 Bernal Diaz del Castillo: História verdadeira da conquista da Nova Espanha, 1519;
 Martins de Jesus de la Coruña: Relatório de Michoacán, 1540;
 Frei Montolinia, historiador espanhol, século XVI;
 Durán: Relato do século XVI;
 F. Lopez de Gomara: História das índias, 1568;
 Simão Botelho: Carta ao rei de Portugal, século XVI;
 Hernán Cortez: Segunda carta ao rei da Espanha, 1520;
 F. Colombo, historiador espanhol, século XVI.

contextualização e a interpretação do tema numa visão multidisciplinar e multitemporal.

Os documentos citados no livro foram retirados de outras fontes e reorganizados. Na prática, as autoras não foram às fontes. Muitos dos documentos citados foram compilados de Gustavo de Freitas, Leo Huberman, Ruggiero Romano e C. R. Boxer³².

Como paradigmático, este livro rompe com o tradicionalismo reinante no uso dos documentos e, principalmente, no tratamento do tema, apesar de não ser original. A originalidade aparece nos recortes que permitiram estudar as grandes viagens de forma globalizada, rompendo com a linearidade e a seqüência cronológica das conquistas territoriais.

Embora a periodização do tema tenha seguido ditames de natureza psicológica e antropológica, todos os documentos focalizados foram escritos por europeus e, portanto, os pontos de referência de análises e comparações são europeus. Mantém-se portanto o predomínio da visão europocêntrica no processo da construção do conhecimento histórico.

Em outro livro desta coleção - *Os Sonhadores de Vila Rica*³³ - a proposta temática é estudar a Inconfidência Mineira. A capa traz um desenho de uma das ladeiras de Vila Rica, atual Ouro

³² FREITAS, Gustavo. *900 Textos e Documentos de História*. Lisboa, Plátano, 1977, primeiro e segundo volumes; HUBERMAN, Leo. *História da Riqueza do Homem*. Rio de Janeiro, Zahar, 197, 612ª ed.; BOXER, C. R. *O Império Colonial Português (1415-1825)*. Lisboa, Ed. 70, 1969; ROMANO, Ruggiero. *Mecanismos da conquista colonial*. São Paulo, Perspectiva, 1973.

³³ BARROS, Edgar Luiz. *Os sonhadores de Vila Rica - A Inconfidência Mineira de 1789*. São Paulo, Atual, 1989.

Preto, com casas em estilo colonial; ao fundo, surge uma igreja típica da região e três homens que, na calada da noite, caminham separadamente. Eles têm os seus rostos encobertos pelo chapéu e pela manta. A imagem sugere mistério e trama, apropriadamente apanhada pelo título *Os Sonhadores de Vila Rica*.

Na coleção *Historia em Documentos*, o aspecto mais significativo — comum a todos os volumes — é a ampla utilização de documentos na organização e desenvolvimento dos assuntos de cada livro. "Documento" no sentido mais abrangente: desde os textos oficiais até os registros, em diferentes linguagens, de experiências humanas no período enfocada, depoimentos, letras de música, textos literários, descrições de viajantes, artigos de jornal, pinturas, charges, fotos. Dessa forma, os leitores terão oportunidade de um contato mais direto e vibrante com o fazer histórico de cada época. Além disso, percebendo como o autor organiza e interpreta os documentos — e, mais ainda, realizando ele próprio os exercícios propostos —, o estudante terá condições de conhecer um pouco mais a linguagem e os princípios do trabalho do historiador.



HISTÓRIA
DOCUMENTOS

OS SONHADORES DE VILA RICA

A Inconfidência Mineira de 1788

Edgard Luiz de Barros



O livro é pequeno, não passa de 62 páginas, e encontra-se dividido em três partes:

1ª) - Contextualiza, em linhas gerais, o panorama da Inconfidência Mineira, na área de Vila Rica, até a morte de Tiradentes. As informações contidas no texto são generalizantes e sua argumentação de idéias é muito pobre. Por exemplo, no item denominado **Traição e Repressão**³⁴, temos a seguinte afirmação: "o povo pressentia que algo iria mudar em suas vidas". Não há dados que nos permitam concordar ou discordar de uma afirmação semelhante.

O autor, ao fazer uma afirmativa sem uma argumentação necessária, transmite uma informação já pronta e com estigma de verdade. Para colegiais, em processo de formação, esse procedimento é danoso, pois não desenvolve o raciocínio e a argumentação.

Outro desempenho notado no texto são as afirmações que pouco auxiliam na compreensão do processo da Inconfidência, pautadas por uma busca de suspense que gera certo misticismo. Por exemplo: "Apesar da vigilância dos guardas, registrou-se um novo ato de desobediência ao governo de Portugal: misteriosamente a cabeça de Tiradentes foi roubada e nunca mais apareceu..."³⁵. Este tópico, denominado **Panorama da Inconfidência**, se caracteriza por uma narrativa linear e os fatos são colocados em uma seqüência religiosamente cronológica.

³⁴ Idem, Ibidem, p. 9.

³⁵ Idem, Ibidem, p. 12.

2a) - Esta parte, *Documentos para a história do movimento*, está sub-dividida em vários temas. Inicia contextualizando a região de Minas Gerais, no final do século XVIII, e usa várias fontes³⁶ como recurso expositivo. Outro sub-tema é *Plano dos inconfidentes*. Nesta temática, não há informações que se acrescentem às já existentes nos livros didáticos. A construção do texto é muito semelhante ao texto didático, com a diferença de ser mais compacta. Não é propriamente uma narrativa, onde a trama vai sendo construída à medida que são tecidas as relações entre as informações. A construção do texto é muito próxima à descrição dos planos dos inconfidentes. Os documentos usados não são elementos geradores no texto, pois se limitam a uma função secundária, de ilustração; o mesmo acontece com a reprodução da tela *Tiradentes*, de Portinari, e com a bandeira do Estado de Minas Gerais. Mesmo a citação de um trecho do *Auto da Devassa da Inconfidência Mineira* e um trecho do *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles, não mudam a estrutura do texto.

Nos dois últimos subtemas, *Tiradentes* e *Justiça da Coroa*, há citações do *Auto da Devassa da Inconfidência Mineira* e reproduções das telas de Portinari e de José Washington Rodrigues.

As informações contidas nestes dois últimos subtemas reforçam a imagem de Tiradentes, herói e mártir, por ter sido traído pelos seus amigos.

³⁶ BOXER, C. R. *A idade de ouro do Brasil*; MAWE, John. *Viagens ao interior do Brasil*; PINTO, Virgílio N. *O ouro brasileiro e o comércio anglo-português*; Alvará de 1785, CRITILO. *Cartas chilenas*.

3a) - A terceira parte constitui um relato sobre o destino dos inconfidentes. As informações mais inéditas do livro estão nesta parte; as demais não se distanciaram do já conhecido.

Para finalizar, como no livro anterior, há um pequeno vocabulário com explicações das palavras menos conhecidas pelos alunos, um quadro cronológico dos principais acontecimentos e uma orientação bibliográfica sobre o assunto.

Comparando os dois livros, *Navegar é Preciso e Sonhadores de Vila Rica*, há diferenças sensíveis entre um e outro. Se a proposta da coleção é focalizar a história em documentos, enquanto o primeiro livro usa o documento como um suporte do texto, o segundo, usa-o apenas como ilustração.

Outro aspecto a considerar são os recortes temáticos. O fio condutor que norteou a divisão do tema os **grandes descobrimentos** foi a emoção, o desejo da aventura, o impacto causado pelo confronto de duas culturas, rompendo com o tradicionalismo que vigora no tratamento deste assunto. No livro sobre a Inconfidência Mineira, a divisão do tema segue os parâmetros da linearidade, da seqüência cronológica, não rompendo com a visão conservadora vigente nos trabalhos didáticos. Não chegaram a este livro as mais recentes reflexões e avanços da pesquisa historiográfica. Há, apenas, uma aparente modernidade. A conduta metodológica impressa neste trabalho não contribui para que o aluno perceba o "ofício" do historiador e nem lhe dá referenciais para romper com o tradicionalismo.

Os organizadores da coleção *O Cotidiano da História* tiveram o cuidado em manter, em todos os seus fascículos, as mesmas

características. Para analisá-los, escolhemos apenas um exemplar: *O Engenho Colonial*³⁷.

A mancha gráfica é muito bem cuidada, colorida, atraente. Os textos, com uma linguagem narrativa-ficcional, são bem escritos, ilustrados com desenhos produzidos especificamente para este fim e com um outro, extraído de alguma obra clássica de história, embora a fonte não seja mencionada. Os textos que contêm alguma informação histórica são ilustrativos e não há referência sobre eles no corpo textual.

Na parte final do fascículo há uma ligeira indicação bibliográfica sobre o assunto; os livros apontados são tradicionais e nota-se, neste proceder, uma atitude de coerência, visto que os temas focalizados são os permanentes nas propostas curriculares.

Com a intenção de apresentar uma visão inovadora, modernizante, a editora lançou mão do recurso ficcional. Para cada tema é montada uma trama de relações que vai se explicitando à medida que a narrativa vai crescendo. Os seus princípios norteadores são as informações históricas.

As histórias, sem nenhuma originalidade, acontecem em circuitos muito estreitos e limitados. Por exemplo, dentro de um engenho, ou no interior de uma determinada família. Pode ser a história de um bandeirante, de um senhor de terras, ou de um pintor holandês, ou até mesmo da viagem de Cabral. A pretensão do

³⁷ TEIXEIRA JÚNIOR, Luiz Alexandre. *O Engenho Colonial*, São Paulo, Ática, 1983. Este fascículo foi usado como teste piloto nas escolas e modelo para os demais.

organizador desta coleção é transformar estas histórias em Histórias e generalizar os fatos narrados, criando estereótipos de situações e personagens. Nem se permite tratar esta coleção como inovadora ou mesmo conservadora, porque ela não se encaixa nos parâmetros de uma obra de história.

CAPÍTULO 3

A TEIA DO CONSERVADORISMO: MÚLTIPLAS FACES DO PODER

"Onde há poder, ele se exerce. Ninguém é propriamente falando, seu titular: e, no entanto, ele sempre se exerce em determinada direção, com uns de um lado e outros do outro; não se sabe ao certo quem o detém; mas se sabe quem não o possui."

Michel Foucault¹

Ao se debruçar sobre os sinais deixados pelos homens no tempo e no espaço, o historiador, na tentativa de reconstruir as relações sociais, de refletir e analisá-las, coloca-se face a uma série de possibilidades de reconstrução do passado.

Ao reconstruí-lo, o historiador o faz com os olhos do presente e postos no presente, e não raras vezes com a intenção de atingir um determinado público. São as preocupações do hoje que o orientam na seleção das fontes, nos questionamentos aos documentos. As fontes não contém em si toda a representação de uma determinada época ou situação, mas a representação de momentos particulares.

Como todo ato de reconstrução do passado, aqui também trata-se de uma relação de poder. Ora a ocultação, ora o enaltecimento de fontes documentais asseguram constituir um controle

¹ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*, Trad. Roberto Machado, Rio de Janeiro, Edições Graal, 6ª ed., 1986 p. 75.

exercido pelas instituições para a preservação, ou não, de um diferenciado tipo de passado.

"El poder controla todavía el pasado de manera mucho más activa y directa. Funda su práctica política, su decisión, sus opciones, en el pasado, sobre todo el más reciente, tal como lo conoce por medio de su policía, sus oficinas de investigación y sus informes administrativos."²

Os autores dos materiais de divulgação do conhecimento histórico, assim como as editoras, exercem também formas de poder, seja na escolha dos temas, seja nas fontes pesquisadas, como também nas imagens publicitárias criadas para divulgar o conhecimento.

Na leitura desse material de divulgação, nota-se uma acentuada ênfase sobre a questão do Poder, em alguns momentos de forma dominante, e em outros, subsidiária. A percepção da ação do poder é clara, concreta, palpável quando se trata do poder que vem de cima para baixo, de fora para dentro, como o poder da metrópole sobre a colônia; é mais sutil a sua percepção quando se pretende analisá-lo no dia-a-dia das pessoas, nas relações entre iguais, em processo de interação.

Com o objetivo de facilitar a análise das informações a respeito do poder é minha intenção abordá-lo em dois níveis de manifestação: a organização política e a interação social.

O primeiro engloba as manifestações oriundas do poder constituído, expresso através de alvarás, leis e determinações. É o poder institucional do Estado Português, representado pela fi-

² CHESNEAUX, Jean. *Hacemos Tabla Rasa del Pasado?* Trad. Aurelio Garzón del Camiño, 5ª ed. Argentina, 1984. p. 33.

gura do Rei, pelas ações da nobreza, da Igreja, da burguesia e da burocracia.

O segundo nível compreende as manifestações de poder presentes no dia-a-dia, seja entre dominantes e dominados, seja no interior de cada uma dessas categorias. Trata-se do poder que se desdobra, se ramifica através de preconceitos, de atitudes "chauvinistas" presentes nas posturas, nas falas, com a clara intenção de manter privilégios. É a manifestação de poder que não aceita a diferença.

1. O Poder Real

A primeira instância do poder a ser analisada é a do Rei, cuja origem estatutária encontra-se no Direito Romano. Em torno dele criou-se um corpo jurídico que lhe dá legitimidade e soberania. Faoro já se referia a essa forma de poder:

"Há um sistema organizado de direito, leis, centrado na figura do Rei. O Rei encarna a figura do Estado, abaixo a ele há só súditos e subordinados."³

No livro *Navegar é Preciso*⁴, as autoras apontam, através dos recortes documentais dos séculos XIV a XVI, para a orga-

³ FAORO, Raymundo. *Os Donos do Poder: Formação do Patronato Político Brasileiro*. 2ª ed. rev. e aumentada. Porto Alegre, Globo, São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1975, 1v. p. 11.

⁴ AMADO, Janaina, e outra. Obra citada. O assunto, no livro, está dividido em três partes, na primeira, os autores expõem superficialmente as grandes transformações científicas que está ocorrendo na Europa, o desenvolvimento do comércio, as viagens para o oriente. Na segunda parte, focalizam as transformações sócio-políticas que a Europa está atravessando, a centralização monárquica, a

nização dos Estados Nacionais, a centralização do poder real, e chamam a atenção para as transformações ocorridas na Europa Ocidental. Apresentam também documentos que explicitam o exercício do poder real na posse e colonização das novas terras.

O trabalho das autoras não se restringiu à seleção documental; elas procederam a uma tradução dos trechos documentais com a intenção de facilitar a compreensão, por parte dos alunos, daquelas transformações históricas. Os aspectos abordados foram: o surgimento de uma ordem social⁵; as relações do rei com a burguesia⁶; a Corte Real e os emissários⁷.

À guisa de mostrarmos alguns dos recortes documentais mais significativos, selecionamos alguns que explicitam o exercício do poder real:

"(...) E, em matéria de Estado, ele (Filipe II) não poupava ninguém que tivesse falhado, fosse grande, fosse pequeno (...) por sua mão, e o fazia

organização do comércio, o mundo desconhecido, as lendas decorrentes da ignorância que os navegantes devem enfrentar, a aventura em conquistar novas terras, os contatos culturais com povos diferentes, as descrições das rotas de navegação, o choque de culturas entre brancos, índios e negros e as conquistas européias no novo mundo. A terceira parte faz uma síntese das partes anteriores.

- ⁵ REGINALDO DE DURHAM, Vida de Santo Godric, século XI; JEAN LE LONG, Crônica de São Bertino, século XI; Constituição da cidade de Lorris, na Atual França, 1155.
- ⁶ Ordenança do Rei da França, 1439; MARINO SANUTO, Vida dos Duques de Veneza; SANTO TOMAS DE AQUINO, Suma Teológica, 1272.
- ⁷ CONDE DE CHEVERNY, Memórias, 1528-99; J. LEVRON, Os Cortesãos; Ordenação do Rei de França, 1439; Memórias de Londres e da Vida Londrina, século XIV; JACOB FUGGER, Carta a Carlos V, século XVI.

punir (...) nenhuma pessoa viva lhe falava senão de joelhos (...)⁸.

Os cortesãos (...) não servem para nada. Se Sua Majestade dá uma ordem, eles repetem a grandes gritos (...) e se ela [Sua Majestade] entreabre um pouco a boca para rir negligentemente, eles escancaram a boca à força de rir (...) sem saber por que! (...)⁹.

(...) o Rei proíbe a todos os capitães e homens de guerra que ataquem mercadores, trabalhadores, gado ou cavalos (...)¹⁰.

(...) Fincamos uma cruz em cima de uma montanha próxima, a qual chamamos Monte-Cristo, e tomamos posse desta terra em nome do rei de Espanha (...).

(...) O rei de Portugal já em 1499 intitulava-se (...) Senhor da Guiné e da conquista, navegação e comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia (...)"¹¹.

Os recortes documentais acima citados demonstram o poder do Rei que pessoalmente exerce a justiça, exige dos seus súditos total subserviência, protege os mercadores e toma posse das novas terras sob a proteção da cruz. Este procedimento está asentado, politicamente, nos cânones jurídicos do Direito Romano que embasam a centralização do poder na organização do Estado Absoluto.

O Estado orienta e dá apoio aos comerciantes - a nascente burguesia; em troca, o Rei recorre a eles em momentos de necessidade; se por ventura os representantes reais não encontram

⁸ AMADO, Janaina. e outra. *Navegar é Preciso*, citado, p. 19.

⁹ Idem, *Ibidem*, p. 19.

¹⁰ Idem, *Ibidem*, p. 19.

¹¹ Idem, *Ibidem*, p. 52.

neles apoio para a resolução dos problemas do Rei, lembrem-lhes suas obrigações como súditos e os favores comerciais recebidos.

Têm também eles (os representantes do Rei) o dever e o direito de tomarem posse das novas terras em nome do Rei.

No outro livro *Olha lá o Brasil ! e Finalmente Portugal nos Descobriu...*¹², o poder é abordado a partir da organização do Estado Português, no século XIV. A história começa com um "golpe" que destituiu a rainha Leonor, em 1383, e pôs fim às pretensões espanholas ao trono português. Utilizando-se de uma linguagem gráfica e verbal bastante satírica, o poder mostra-se frágil e desmoralizado.

"Os palacianos estavam ali como sempre. A rainha Leonor, já meio gordota, porém apetecível, fazia cara de enfado. Os puxa-sacos puxavam e João Fernandes, conde de Andeiro, guapo e jeitoso, pensava na vida. Ele e a rainha eram amantes, qualquer um que leu o Fernão Lópes sabe disso."¹³

As expressões no texto acima "os palacianos", os "puxa-sacos" referem-se à nobreza cortesã¹⁴ que cercava a rainha, prestava-lhe homenagens em troca de favores.

No século XIV, quando a burguesia aspirava ao mando político, ela se articula e usa o povo como força de pressão, para alcançar o que deseja.

¹² CHIAVENATO, J. J. e PAIVA, Miguel. Obra citada.

¹³ Idem, Ibidem, p. 9.

¹⁴ Vimos no livro *Navegar é Preciso* algumas citações documentais referentes às relações entre a nobreza cortesã e a burguesia com o rei. Aqui, as relações entre eles aparecem de uma outra forma, explicitando situações.

Fala do narrador:

- "Tudo estava mais ou menos preparado. E o povo foi mesmo socorrer o João, que pálido, assustado, ameaçava um ataque epiléptico, escondido atrás de uma cortina. O povo ajuntou em frente ao palácio e começou o berreiro: Viva o João. Ele está vivo. João é o nosso rei."¹⁵

Um dos articuladores do golpe diz para D. João:

- "Olhai o povo como está alucinado. Vamos aclamá-lo Rei.
- Pera lá. Eu não quero ser rei coisa nenhuma. vou me mandar para a Inglaterra - Vai nos abandonar ó João. Não sejas burro! O que os ingleses podem lhe dar a mais que Portugal? Deixa de ser besta: Bom, Londres é Portugal. Assim, o Mestre de Avis, dom João I, fundou uma dinastia e foi o seu primeiro rei. Portugal mandou Castela às favas e a história do Brasil começou a ser gestada."¹⁶

As citações acima estão baseadas nas informações contidas nas Crônicas de D. João I escritas por Fernão Lopes. Nesse trecho os autores fizeram uso de uma linguagem cotidiana, coloquial: "Não sejas burro", deixa de ser "besta", cuja conotação é um reforço a atitudes oportunistas. O povo é tratado como povi-léu¹⁷, uma expressão pejorativa, sinônimo de ralé, capaz de intervir nos acontecimentos quando levado por manobras políticas.

Problema também grave acontece frequentemente quando se apela para a indeterminação dos agentes:

"Tomaram posse da terra. Mas como a exploração ia custar uma nota, deixaram por conta dos judeus. Permitiram Fernando de Noronha, o homem que virou ilha, negociar com o pau brasil. Fernando ficou

¹⁵ Idem, Ibidem, pp. 10 e 11.

¹⁶ Idem, Ibidem, p. 13.

¹⁷ Idem, Ibidem, p. 9.

muito rico. Aí os portugueses botaram olho gordo nele."¹⁸

Este texto chama a atenção para vários aspectos. O uso dos verbos *permitiram*, *deixaram*, *tomaram*, na terceira pessoa do plural, com os sujeitos ocultos, não esclarece quem permitiu a Fernando de Noronha negociar com a madeira, quem deixou a sua exploração por conta dos judeus, e quem tomou posse da terra. Para completar a imprecisão das informações: "os portugueses botaram olho gordo". Que portugueses?

A construção das frases, como também as informações, são ou imprecisas ou incompletas, dificultando ao leitor a intelecção do texto. A imagem da coroa é reiteradamente desmoralizada, sem que saibamos os motivos reais que levam a essa visão preconcebida. Tal procedimento falseia e manipula o conhecimento¹⁹. Postura crítica de um livro que pretende agir na escola e divulgar o conhecimento histórico.

Se os judeus faturam com a exploração da madeira por que não os portugueses?, interrogam-se os autores. Esta pergunta vem acompanhada de uma resposta que completa a série de desinformações: "É que em Portugal não há mais homens com colhões"²⁰. Esta é mais uma das situações imaginárias criadas pelos autores. Sendo este um texto de história, o leitor incauto é levado a acreditar que o fato mencionado é verdadeiro. Em nenhum momento é

¹⁸ Idem, *Ibidem*, p. 68.

¹⁹ FERRO, Marc. *A Manipulação da História no Ensino e nos Meios de Comunicação - A História dos Dominados em Todo o Mundo*. Trad. Wladimir Araújo, IBRASA, São Paulo, 1983.

²⁰ CHIAVENATTO, J. J. *Obra citada*, p. 68.

mencionado que as situações são falsas, são articulações narrativas usadas para atrair o leitor.

Os autores usam diferentes informações históricas obtidas em fontes diversas para construir seus textos. Concomitante ao poder político do rei, citam fatos que denunciam o poder eclesiástico, através da inquisição e do nome dado à nova terra. O poder da Igreja é também enfatizado como complemento necessário ao poder do Rei e do Estado no livro *Caravelas no Novo Mundo*²¹.

A partida da expedição de Pedro Álvares Cabral, no dia 8 de março de 1500, é uma festa para o povo lisboeta, abençoada pela Igreja, como foram as viagens anteriores de Vasco da Gama, Bartolomeu Dias e outros. Todos os atos oficiais são abalizados por Ela. A união da Igreja, da Nobreza e da Burguesia se faz presente por ocasião da celebração da missa:

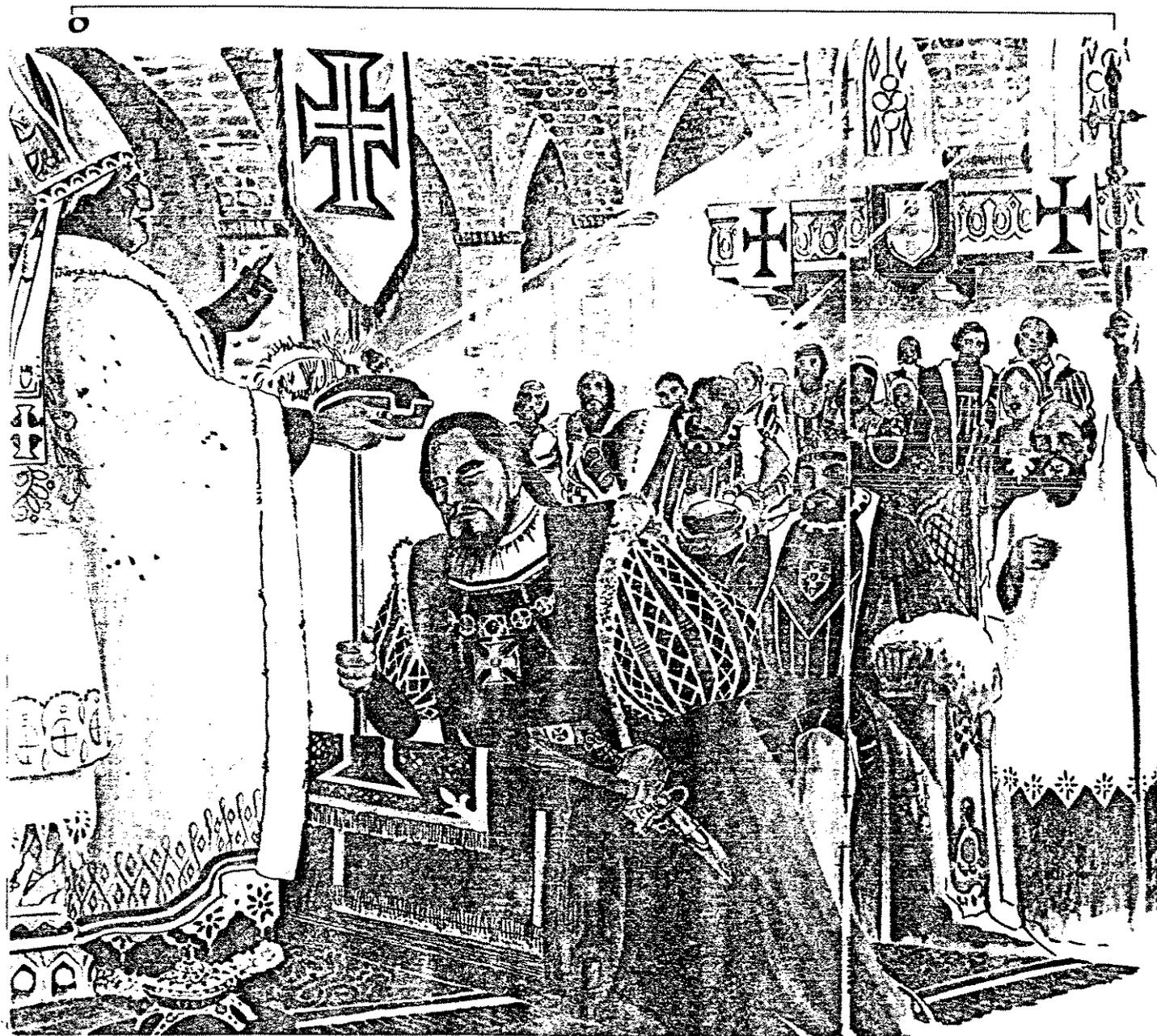
"O rei e a corte ocuparam seus lugares. D. Diogo Ortiz, bispo de Ceuta, ia celebrar a missa. Estavam presentes também, além da comitiva real e dos principais comandantes, os opulentos banqueiros que investiram muito dinheiro na expedição, esperando com isso obter grandes lucros."²²

Os rituais religiosos são a marca do Estado português. A Igreja promete perdão aos navegantes e o paraíso como re-

²¹ FARIA, Antonio Augusto. *Caravelas no Novo Mundo*, São Paulo, Ática, 1984, Coleção Cotidiano da História. A narrativa está dividida em cinco partes e em cada uma delas há nota poética na introdução, insinuando ao leitor a temática do capítulo. Os títulos de cada uma das partes são os seguintes: "Adeus, Portugal", com introdução de um texto de Pessoa, "Mar Português", escrito em 1922, em um momento em que Pessoa, cancionista, exalta os feitos portugueses. As partes seguintes são: "A Viagem", "Os Primeiros Contatos", "Visão do Paraíso", "Rumo ao Cabo das Tormentas".

²² Idem ibidem, p. 7.

compensa. Boschi afirma que a religiosidade portuguesa se expressava mais por atos externos e rituais do que por reflexões dogmáticas²³.



²³ BOSCHI, Caio César. *Os Leigos e o Poder*. São Paulo, Ática, 1986, p. 37.

A figura principal, localizada ao centro, é a de D. Pedro Álvares Cabral. Ele se acha entre o poder eclesiástico e o poder real. Das mãos da Igreja recebe o barrete, que lhe confere poder para conquistar terras em nome de Deus e do Rei. Cabral, ajoelhado em atitude de submissão e respeito à hierarquia do Rei e da Igreja, se parece a um cruzado, tendo em sua mão esquerda, a espada - símbolo da força e da coragem. No peito, a cruz portuguesa. É símbolo do Estado Português.

O destino glorioso e heróico de D. Pedro faz dele um herói e, como tal, a sua imagem de homem altivo e forte não poderá ser jamais assemelhada a um homem comum²⁴. A apresentação de Pedro Álvares Cabral manifesta a intenção de criar a figura gloriosa do "descobridor" do Brasil.

Usos como este da pessoa de Cabral em destaque são opostas às intenções da coleção, que têm como objetivo enaltecer o homem comum, o povo na história. Portanto, contraditoriamente, o texto acaba por reforçar as relações do poder político e econômico, tais como o discurso de poder se expressa oficialmente, como nas palavras de Caminha:

"A cruz e o cifrão, novamente juntos. Nas grandes navegações a Igreja jamais se dissociou do poder do dinheiro e, se a união não é perfeita, até este momento tem dado muito bons frutos. Mas não ousa-

²⁴ No livro *Olha lá o Brasil! e Finalmente Portugal nos Descobriu*, Pedro Álvares Cabral é apresentado como um pastor de cabras. Sua imagem é ridicularizada e falsa. Além da incorreção histórica, acredito ser importante chamar a atenção para que as imagens dos personagens históricos serem construídas segundo as intenções e a imaginação dos autores, podendo, portanto, comprometer o nível de informação e levar a uma visão incorreta do passado histórico.

rei expressar esse pensamento em público, para o bem de minha saúde."²⁵.

2. O Poder Metropolitano

O tema da Inconfidência Mineira tratado em *Os Sonhadores de Vila Rica*²⁶ está centrado nas medidas administrativas promulgadas pela metrópole com a intenção de controlar o comportamento da população. Os atos judiciais que penalizaram os inconfidentes foram medidas exemplares, por parte da coroa, de manifestação de força e poder.

O autor chama atenção para um dos maiores atos de violência econômica da metrópole sobre a colônia: o Alvará de 1785, que proibia a abertura de qualquer manufatura no Brasil. A população deveria manter-se envolvida com a mineração de ouro e diamantes. As mercadorias que o povo precisasse deveriam ser importadas.

A força do poder não se limitava a questões legais. A própria denominação imposta ao movimento - **Inconfidência Mineira** - é expressão de um poder ideológico, usado como recurso de repressão e dominação:

"É importante esclarecer que o termo "inconfidência", usado pelo dominador, significa quebra de fidelidade, traição à confiança da Coroa portuguesa. (...) Neste livro, porém, o uso da palavra "inconfidência" adquire valor positivo, realçando a consciência e ruptura pretendida pelos partici-

²⁵ FARIA, A. A. C. Obra citada, p. 7.

²⁶ BARROS, Edgar L. de. *Os Sonhadores de Vila Rica*, São Paulo, Atual, 1989.

pantes do movimento, que se negavam a viver sob a repressão portuguesa."²⁷

O aperto da política fiscal da Coroa atingia indiretamente a todos, mas incidia particularmente sobre aqueles que haviam gozado com a exploração da riqueza antes da crise da produção. Não havia outra saída senão compor com o poder metropolitano:

"no passado, durante muito tempo, tinham sido eles próprios os opressores, os arrecadadores e agentes da autoridade real. Agora, ameaçados por uma cobrança enorme e generalizada, uma rebelião seria fundamental para lhes resolver essa delicada situação e lhes proporcionar uma fachada respeitável, com o povo ao seu lado."²⁸

Mas romper com a Coroa significava conquistar o poder, instaurar uma nova ordem que se mostrasse benéfica a todos, ainda que, na verdade, viesse a atender particularmente os interesses dos mais privilegiados:

"Uma vez conquistado o poder e instaurado o novo regime político, todas as dívidas para com a Coroa seriam imediatamente perdoadas."²⁹

O isolamento moral e físico a que os inconfidentes ficaram submetidos levou-os a relatarem os planos que existiam, e outros que, possivelmente, foram inventados para se safarem dos castigos a que estavam submetidos. O cárcere e o isolamento agiram psicologicamente sobre os envolvidos e levaram-nos a se tornarem dóceis e úteis ao sistema. Faltava apenas uma vítima exemplar, Tiradentes:

²⁷ Idem, Ibidem. p. 3.

²⁸ Idem, Ibidem. p. 9.

²⁹ Idem, Ibidem. p. 29.

"Para a Coroa ele seria um perfeito exemplo para outros colonos descontentes e tentados a rebeldias. Um julgamento - exibição, seguido pela execução pública de Tiradentes, proporcionaria, como advertência, um grande impacto na Colônia, ao mesmo tempo que minimizaria e ridicularizaria os objetivos do movimento.³⁰ (...) Depois, dramaticamente, como fora planejado pela Coroa, foi lida pelos juizes uma carta de clemência da rainha (...)." ³¹

Como afirma Maquiavel³², o Príncipe deve ser temido pela sua força e poder, mas também amado pelo seu povo. Apresentar o poder da rainha como benevolente causou um impacto emocional sobre a população. Portanto, somente o responsável pelo crime contra a coroa foi submetido à pena máxima - a morte. A carta de clemência da rainha reforçou o poder e o tornou mais suave. A face dura e repressiva do poder consegue, portanto, através da própria política de temor, manipular a mente dos colonos, produzindo estados de espírito próprios aos fins da política metropolitana. A concepção positiva (e produtiva) de poder de Foucault ronda por perto.

O domínio do poder permanece circunscrito ao âmbito da monarquia, mas recebe, no livro de Mota³³, uma atenção maior sobre as formas como é exercido.

Na intenção de informar o leitor sobre o exercício do poder praticado pelos representantes da coroa, expresso através

³⁰ Idem. Ibidem. p. 11.

³¹ Idem, Ibidem. p. 12.

³² MAQUIAVEL, N. *O Príncipe*. Trad. Roberto Grassi, 7ª. ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1982, pp. 105-115.

³³ MOTA, Carlos Guilherme. *Tiradentes e a Inconfidência Mineira*, São Paulo, Ática, 1986.

da corrupção e da violência fiscal, o autor criou diálogos imaginários entre figuras também imaginárias.

Para expressar a força coercitiva da coroa, há algumas passagens no texto que destacam as torturas físicas e psicológicas praticadas sobre os inconfidentes. Ou então, quando chama a atenção sobre os bastidores do poder:

"D. Luís de Vasconcelos e Sousa estava no final de seu mandato e logo seria substituído pelo novo vice-rei, D. José Luís de Castro, conde de Resende. Para o bem de seus negócios, D. Luís tinha que agradar à Corte e, principalmente, ao todo-poderoso ministro da rainha Martinho de Melo e Castro. Assim, o vice-rei determinou que Barbacena agisse."³⁴

Para aplicar as penalidades devidas às pretensões de liberdade, a corte portuguesa, no exercício de seu poder, envia ao Brasil um grupo de magistrados. Na ausência física do rei, funcionários legitimados por ele exerceram o poder e praticaram a justiça. A legitimidade do poder real, como instituição política, estava fundamentada em uma constituição jurídica de origem divina e humana.

É essencialmente da figura do rei que emanam todas as determinações tomadas no Novo Mundo. Embora haja uma distância de praticamente três séculos entre a conquista do Brasil e a Inconfidência Mineira, a força do poder é tão marcante em uma situação como em outra. As formas de manifestação são distintas, pois as situações e o momento são outros.

Não bastava às nações européias, Espanha e Portugal, chegarem à nova terra; era preciso assegurarem a posse das mes-

³⁴ Idem, Ibidem. p. 18.

mas, conhecerem seus habitantes, suas línguas, suas religiões, seus usos e costumes. O conhecimento destes traços culturais facilitou aos europeus o exercício pacífico do poder e o domínio sobre os povos americanos com a destruição da sua identidade cultural. O domínio e a destruição também se fizeram presentes através do uso da força.

Vários foram os mecanismos usados para subjugar e dominarem os povos: a religião e a catequese, a presença dos degredados, a força militar, as doenças, as imposições culturais da nova língua e as mudanças no processo de produção. O combate à religião dos povos "primitivos" foi efetivamente uma ação de poder e de dominação. No momento em que os povos ibéricos se achavam no direito de impor aos habitantes da América uma determinada fé e um corpo doutrinal, exerceram um ato de violência sobre os ameríndios. A destruição de seus deuses ditos pagãos foi um ato de subjugação. Um processo tão doloroso e tão significativo tem recebido pouca ou quase nenhuma consideração entre os paradidáticos. *Navegar é Preciso* felizmente faz referências a alguns documentos que mostram a defesa da fé como um processo de dominação e poder:

"(...) Depois de terem deixado a capela, esses homens jogaram as imagens (cristãs) ao solo, cobriram-nas com um punhado de terra e urinaram sobre elas; vendo isto, Bartolomeu, irmão de Colombo, decidiu puni-los de modo bem cristão (...) levou alguns homens maus à justiça e, uma vez definido o crime, fez com que fossem queimados em público (...)." ³⁵

³⁵ F. COLOMBO, historiador espanhol, século XVI, In: AMADO, Jainaina e GARCIA, Ledonias F. obra citada, p. 59.

O domínio através da via religiosa foi um mecanismo de dominação e manifestação de uma cultura (no caso a européia) que não aceitava a diferença e se colocava como referência única e exclusiva. É interessante observar na citação acima o uso de adjetivos que marcam a ótica de quem o escreveu: "puni-los de modo bem cristão", "levou alguns homens maus à justiça". A igreja, no exercício do seu poder, deu sustentação à força política. Uma dominação complementa a outra.

Tal processo de dominação apenas recebe consideração em apenas um dos livros analisados. Nos demais essa postura expressa uma visão de história cujo conceito de poder é restrito, desatento às diferenças e à diversidade de verdades em jogo.

Nos livros analisados não há dados sequer que chamem a atenção do leitor para o universo religioso dos povos indígenas. Os rituais de fé são apanhados somente através de suas excentricidades. Esta postura traduz uma concepção de cultura que possui apenas um único referencial; as outras culturas são inferidas através da comparação e da negação simples.

3. O Poder no Cotidiano das Relações Sociais

O trabalho de análise relativo às manifestações do poder no dia-a-dia caminhará via explicitação das relações sociais presentes no espaço público e privado. Tal procedimento só tem sentido numa dimensão contextual - espaço/temporal onde a questão se coloca; caso contrário, transforma-se em mera abstração. Portanto, iniciaremos as reflexões no contexto das relações familia-

res, distinguindo as diferentes camadas sociais em que elas estão inseridas.

Ao nos propormos esta abordagem reportamo-nos aos trabalhos de Caio Prado Júnior³⁶, Fernando Novais³⁷, Varnhagem³⁸ e Vera Ferlini³⁹. Consultas necessárias seja pelo teor clássico de suas obras, nos primeiros casos, seja pela constituição recente da autora citada.

O cuidado em analisar os papéis femininos e masculinos e suas relações de poder presentes nos paradidáticos exige que se façam algumas considerações a níveis historiográfico, conceitual e pedagógico.

Na historiografia brasileira, somente a partir da década de 70 as pesquisas sobre família, mulher e relações de gênero conquistam um espaço definido. Até então, as informações mais divulgadas sobre estes temas estavam fundamentadas nas teses de Gilberto Freyre, Caio Prado Júnior, Oliveira Vianna⁴⁰. Eles

³⁶ PRADO JUNIOR, Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo*, São Paulo, Brasiliense, 5ª. ed., 1957.

³⁷ NOVAIS, Fernando. *Estrutura e Dinâmica do Antigo Sistema Colonial (séculos XVI-XVIII)*, in *Caderno Cebrap*, 17, São Paulo, 1974, conferir também em *Evolução da Sociedade Brasileira: Alguns Aspectos do Processo Histórico da Formação Social do Brasil* in *Anais do Museu Paulista* tomo XXIX, São Paulo, 1979, pp. 51-63.

³⁸ VARNHAGEM, F. A. *História Geral do Brasil*. 4ª ed., São Paulo, Melhoramentos s/d.

³⁹ FERLINI, Vera L. A. *Terra, Trabalho e Poder*, São Paulo, Brasiliense, 1988.

⁴⁰ FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*, 9ª ed. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Edit., 1958, 2 vols. *Sobrados e Mocambos*, 5ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1977. PRADO, Caio. *História Econômica do Brasil*, 10ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1967. VIANNA, J. F. de Oliveira. *Populações Meri-*

concebiam como modelo de família existente na colônia a família patriarcal, do nordeste açucareiro.

Nesta estrutura familiar, a mulher tinha existência real quando casada e mãe de família, mas, frequentemente, nas narrativas históricas, a sua imagem é opaca. A mulher como categoria social foi considerada pela historiografia "idealidade abstrata e universal, necessariamente a-histórica"⁴¹, nas palavras de Maria Odila. Era-lhe reservado o espaço da cozinha e do lar; entretanto há exceções de comportamento quando foi necessário defender-se⁴².

A família patriarcal brasileira teve a sua origem no modelo português, aceito durante décadas por historiadores e sociólogos, como exemplo válido para toda a sociedade colonial⁴³, e assim foi difundido nos meios escolares através do material de ensino.

É comum encontrarmos, nas obras paradigmáticas, modelos de estrutura familiar e de mulher que são verdadeiras estereotípicas da família patriarcal. A vulgarização desta estrutura familiar incorreu em alguns equívocos, pois generalizou para toda a

dionais do Brasil, 4ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1973, 2 vols.

⁴¹ SILVA DIAS, Maria Odila L. da. *Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX*, São Paulo, Brasiliense, 1984, p. 7.

⁴² (...) mulheres pernambucas tomaram parte na retirada para Alagoas deixando os engenhos e as casas-grandes em ruínas. in FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*, Rio de Janeiro, José Olympio Edit., 9ª ed., 2ª v., p. 600.

⁴³ SAMARA, Eni de M. *As Mulheres, o Poder e a Família*, São Paulo Século XIX, São Paulo, Ed. Marco Zero, 1989, p. 17.

colônia um modelo de família específico do nordeste açucareiro do século XVII, e reforçou preconceitos sociais, como a submissão feminina, o papel sexual das escravas e a autoridade do homem sobre a mulher e os filhos.

Todavia, não se percebe o cuidado dos autores e editores em modificar os seus textos e acrescentar neles dados oriundos das pesquisas hoje existentes sobre os papéis femininos e sobre a família.

Nos livros escolares de história e estudos sociais⁴⁴ a marca feminina está presente no espaço privado da casa e no cuidado doméstico, executando tarefas "ditas" de mulher: o cuidado dos filhos, do marido, da alimentação, cabendo-lhe também a responsabilidade pela fé religiosa da família. São nestas atividades que permeia a sua relação com o marido, os filhos e o espaço externo. Servi-los é o papel que lhe cabe, numa postura de inferioridade diante dos homens. Ela corporifica a imagem de Nossa Senhora que aceitou humildemente ser a mãe de Deus⁴⁵.

Esta imagem de mulher-mãe sem sexualidade, criada pela religião católica, encontrou nas atividades docentes terreno fértil para a sua expansão. Expressivamente, a escola sempre foi

⁴⁴ FARIA, Ana L. G. *Ideologia no Livro Didático*, Cortez Autores Associados, 1984; TELLES, Norma. *Cartografia Brasilis: História espaço-profundidade-gentes*, São Paulo, Ed. Loyola, 1984; SILVA, J. L. W. O Ensino Secundário, o Livro Didático em História, in *Boletim de História*, Rio de Janeiro, 3(6):161-71, jan. 1961; Cuidado! O Livro que Você Adotou Pode Estar Cheio de Preconceitos Contra a Mulher, *Nova Escola*, São Paulo, 1(1):54-6, mar. 1986.

⁴⁵ BOXER, C. R. O Culto de Maria e a Prática da Misoginia, in *A Mulher na Expansão Ultramarina Ibérica*. Trad. Saúl Barata, Coleção Horizonte, pp. 121-141.

controlada e dominada pelas mulheres. Este controle não foi obra do acaso e nem o foi por salário. Tradicionalmente, o educar e o zelar pelos bons costumes têm sido obrigação feminina, assim como o homem deveria prover o sustento familiar. Nesse contexto de valores e divisão de papéis, o magistério expandiu as atividades educativas para além do espaço privado da casa.

Nos livros de Estudos Sociais, de primeira a quarta séries, os textos referentes à família e ao papel da mulher são ilustrados com gravuras, que reforçam aqueles estereótipos. Esta estereotipia é acentuada pelas características psicológicas das professoras, pela natureza das exigências feitas aos alunos e, basicamente, pela falta de profissionalismo, pois se deixa de lado o papel de docente para se assumir a condição de "tia".

Uma análise do material paradidático produzido na década de 80 implica em relacionar o tratamento dispensado à figura feminina, diante do que era o tradicional e o convencional, com as teses atualmente aventadas sobre a mulher nas áreas da história, da sociologia, da antropologia e da psicologia, enriquecidas com todas as reflexões produzidas pelos movimentos feministas.

Nos livros, por nós analisados, a construção das imagens femininas pertencem ao universo da mulher branca, índia e negra. As mulheres brancas são as da casa grande do nordeste açucareiro, as que habitam na vila de São Paulo e a viúva que mora só, no Rio de Janeiro. Através do olhar dos viajantes, dos jesuítas e da carta de Caminha, os autores construíram a imagem da mulher indígena. A mulher negra é a escrava que serve nos afazeres

domésticos da casa grande e é objeto de cobiça dos homens brancos.

As proposições dos paradidáticos estão centradas em fatos políticos e em epopéias, campos privilegiados para o enaltecimento da figura masculina. Entretanto, o pretexto da construção dos temas são predominantemente situações domésticas e nelas o destaque é a figura feminina. Na relação tema e pretexto identifica-se a construção das relações sociais, explicitam-se os papéis masculinos e femininos e o conceito de família.

A figura feminina da mulher branca é abordada sempre no interior da casa, sem diferenciação de camada social, a serviço do marido e dos filhos, e a sua existência é justificada neles e por eles, com total ausência de individualidade.

O nexos entre o papel desempenhado pela mulher, no interior da casa, e a ausência de individualidade, como afirmamos, deverá ser construído afim de tornar inteligível o tratamento dado a esta questão pelos paradidáticos.

Inicialmente, é preciso extrair destas publicações passagens que mostrem a presença feminina e sua relação com o mundo, e em seguida, expressar o sentido dos discursos. Nota-se neles homogeneização de tratamento em relação à mulher branca, não a diferenciando por camada social e nem por região. Considero importante estabelecer tais diferenças por uma questão básica: buscar uma possível fidelidade histórica. Tentar homogeneizar o passado é não reconhecer as diferenças. É no respeito às desigualdades que o historiador constrói a historicidade dos fatos.

Entre as categorias femininas, a mulher da família patriarcal do nordeste açucareiro é quem ocupa o maior espaço nos textos, e com base neles, traçarei algumas considerações:

"De repente, Remiro ouviu a voz de sua mulher, Dona Zita: - Aí vem eles.

Dona Zita ordenou às mucamas que pusessem a mesa e preparassem as bebidas.

Matias elogiou o doce de bananas que viu na composita, bem dourado, cortado em rodela. Tomou um longo gole de vinho (...)."46

Neste pequeno texto há vários aspectos que ajudam a explicitar o papel da mulher como responsável pela administração interna da casa: é ela quem avisa a chegada de alguém, quem dá ordem às mucamas, quem recebe os elogios. Sua atitude enaltece o marido pois, como afirma Antonil, a hospitalidade e a cortesia são atributos que um senhor de engenho deve dispensar aos seus hóspedes47.

Uma outra passagem mostra o relacionamento entre a mulher e o marido:

"- Mas o que lucram, afinal, ficando por aqui esses holandeses? - perguntava Dona Zita em uma de suas longas conversas com o marido após o jantar.

- Por enquanto não lucram nada, senhora. Não lucram nada, só impedem que tenhamos paz para produzir nosso açúcar e viver nossa vida! - respondeu o senhor de engenho, já exasperado com a situação local."48.

46 LADEIRA, J. de Godoy. *Recife dos Holandeses*, São Paulo, Ática Edit., 1987, p. 4.

47 ANTONIL, André João. *Cultura e Opulência do Brasil*. São Paulo, Edit. Nacional, 2ª ed., s/d, p. 167.

48 LADEIRA, J. Obra citada, p. 8.

A natureza das relações que a mulher mantém com as escravas e o marido é distinta. Na primeira, perpassa uma relação de autoridade e poder, e na segunda, de aparente igualdade. O marido a deixava alheia a tudo quanto se passava no mundo exterior, acentuando a sua infantilidade e a impossibilitando de conhecer o que ocorria fora do circuito familiar.

A família representava um abrigo, uma proteção em relação ao mundo exterior. As relações nesse espaço eram circulares e o único elemento que fugia desta circularidade era o homem. Ele tinha contato com o mundo exterior motivado pelos negócios e, preocupado em proteger a família, omitia informações da esposa, comandava a vida das filhas e providenciava-lhes um marido:

"É preciso arranjar já um noivo para essa menina! Deus me livre de ela se casar com esse protestante, artista, de vida desregrada e sem propriedades. É, vai ser uma pena, mas se a menina não casar logo com um bom católico, dono de terras por aqui, vou ter de expulsar esse sujeito, ou mandar matá-lo..."⁴⁹

A mulher passava do domínio do pai para o domínio do marido e, como afirma Samara, "o chefe tinha autoridade quase absoluta, restando à esposa um papel mais restrito"⁵⁰. A falta de alegria da mulher de elite, como foi notado por viajantes, expressava o estado de enclausuramento em que vivia, em oposição à relativa liberdade das mulheres das camadas populares⁵¹.

⁴⁹ Idem, *Ibidem*, p. 17.

⁵⁰ SAMARA, Eni M. Obra citada, p. 19.

⁵¹ VAINFAS, Ronaldo. *Trópico dos Pecados*, Rio de Janeiro, Ed. Campus, 1989, pp. 107-113.

"A verdade é que também Dona Zita pensava em Vincent e na cor daqueles olhos, tão azuis (...) Também se lembrava desse homem. Estremecendo, a mulher começou a rezar, tentando afastar qualquer pensamento que pudesse sugerir amores proibidos.

Dona Zita foi até o espelho, soltou os cabelos, imaginou-se sendo também pintada. Prestou atenção em si e achou-se ainda jovem. Havia se casado menina, quase criança (...) na casa ficou pensado no holandês vermelho."⁵²

Gilberto Freyre confirma ter sido costume as mulheres se casarem muito cedo. Aos quinze anos já era considerada solteirona e o envelhecimento feminino, muito rápido⁵³. O fato de as mulheres se casarem muito cedo e ficarem restritas ao ambiente familiar gerava tristeza e possivelmente amores frustrados e relações extra-conjugais.

"Dona Zita, após a morte do marido, vendeu a propriedade e foi viver com a filha e o genro. (...) Maria Luísa tinha dois filhos e muitas mucamas para satisfazer todos os seus desejos (...). Sua principal distração, cultivada secretamente quando não havia ninguém por perto, era ficar olhando, com um ar perdido e distante, o seu retrato exposto na sala principal. Gostava também de admirar o retrato do marido, colocado perto do seu. Mas do marido, mesmo, sentia apenas repugnância."⁵⁴

Para impedir que elementos externos perturbassem a ordem familiar, Antonil sugeria que os engenhos tivessem casas separadas para hóspedes⁵⁵. O poder de vida do senhor não se estendia apenas aos seus familiares e aos escravos. Mandava também matar quem colocasse em perigo algum membro da família, e impedia

⁵² LADEIRA, Julieta. Obra citada p. 18.

⁵³ FREYRE, Gilberto. Obra citada, 2ª v., pp. 482-487.

⁵⁴ LADEIRA, J. Obra citada p. 30.

⁵⁵ ANTONIL, A. J. Obra citada p. 167.

a circulação de pessoas e notícias que pudessem abalar a paz doméstica⁵⁶. O mundo masculino era o dos negócios, o da política, o do mando.

A apresentação da mulher, a maneira de se vestir, a qualidade de suas roupas, as jóias e o modo de se portar eram traços que demonstravam o status do marido e refletiam a sua força e o seu poder. A falta de filho homem envergonhava-o.

"(...) Você sabe o que D. Luís passou porque Da. Iaiá não paria macho! Foi preciso a sinhazinha, primeira filha, pôr gente no mundo para haver um bom homem para herdeiro."⁵⁷

"As senhoras que vieram de carro apeavam com a ajuda de mucamas. A maioria usava a costumeira mantilha (...) ostentavam cabelos encaracolados presos no topo da cabeça por diadema de prata e brilhantes, presentes raros que davam inveja às outras. Aquela que fosse casada com grande comerciante ou senhor muito rico podia se dar o luxo de usar modas européias, sedas e veludos."⁵⁸

Esta descrição de roupas femininas é bem contrastante em relação àquelas que usavam diariamente. Capistrano de Abreu afirma que a vestimenta caseira era camisa e saia e a dos homens, ceroula e camisa⁵⁹. A atenção dispensada à roupa feminina estava condicionada ao confinamento em que se encontrava a mulher na

⁵⁶ Conta Sérgio Buarque de Holanda que Bernardo Vieira de Melo, suspeitando do adultério de sua esposa, condenou-a à morte em conselho de família. SILVA DIAS, M. O. (org), *Sérgio Buarque de Holanda*, São Paulo, Ática, 1985, p. 180.

⁵⁷ TEIXEIRA JUNIOR. *O Engenho Colonial*, Ed. Ática, 1983, p. 12.

⁵⁸ Idem, *Ibidem*, p. 11.

⁵⁹ ABREU, J. Capistrano de. *Obra citada*, p. 238.

casa grande. Ao se apresentar ostensivamente vestida, não era ela que se projetava, mas o marido.

O dia-a-dia da mulher era dentro da casa, rodeada dos filhos e escravas, executando trabalhos manuais e rezando. Era o seu único espaço livre de circulação. Geralmente, havia nas casas capelas e lá se reuniam:

"(...) Despediu-se da mulher e da filha pequena e se pôs a caminho com a tropa. Dona Zita ficou olhando aquela gente guerreira sumir na estrada. Depois reuniu as mucamas, cobriu-se com a mantilha e foi para a capela puxar o terço."⁶⁰

A respeito da posição feminina, no mundo do engenho, outros exemplos poderiam ser mencionados; acredito que os citados são suficientes para mostrar o nexos existente entre a senhora da casa grande e as suas relações com as escravas, com os filhos e com o marido. Tinha total dependência do marido e mesmo as novidades da moda era ele que trazia. Não tinha opinião própria e não lhe restava senão colocar em sua boca as palavras do marido.

Para o historiador Sérgio Buarque de Holanda, "o quadro familiar torna-se tão poderoso e exigente, que sua sombra persegue os indivíduos mesmo fora do recinto doméstico (...) era um setor onde o princípio de autoridade é indisputado"⁶¹.

Um depoimento ilustra esta posição de opressão que vivia a mulher de elite, neste contexto familiar:

"uma mulher já é bastante instruída, quando lê corretamente as suas orações e sabe escrever a re-

⁶⁰ LADEIRA, J. Obra citada, p. 5.

⁶¹ HOLANDA, Sérgio B. *Raízes do Brasil*. 15ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio Ed., 1982, p. 50.

ceita de goiabada. Mais do que isso seria um perigo para o lar."⁶²

Os marcos que separavam o espaço familiar da mulher da elite do espaço externo eram muito espessos, resultantes do poder do homem sobre toda a sociedade colonial.

Esta mesma evidência não foi observada nas famílias das camadas populares. Na vila de São Paulo, durante os séculos XVII e XVIII, era freqüente os habitantes do sexo masculino saírem sertão afora, em grupos organizados à procura de índios e minério de ouro. Na vila permaneciam basicamente mulheres, velhos e crianças. As mulheres viviam só ou com filhos, cuidavam da sua própria subsistência, saíam à rua vendendo produtos do seu trabalho e ou prestando serviços.

Com relação à mulher, esposa de um homem livre, pobre, há uma citação que merece considerações:

"Uma mulher franzina atendeu, dizendo:

- Boa noite, senhor Bicudo. Entre, que o Sebastião está na cozinha."⁶³

"(...) Susana, mesmo com o coração apertado de preocupação, ajudou-o em tudo, de acordo com o que pensavam as mulheres; o marido era quem decidia e quem devia saber o que estava fazendo. Ela não deixava de sentir-se orgulhosa, afinal de contas. (...) Era uma mulher dedicada, sabia coser, lavar e cozinhar, além de ser uma das poucas mulheres - três ou quatro em toda a vila de São Paulo - que sabiam ler e escrever. A preocupação do barbeiro aumentava quando ele pensava nas histórias que havia ouvido à respeito de bandeiras anteriores(...) Quando retornavam, sempre havia quem encontrasse sua mulher com outro marido e às vezes até com ou-

⁶² LEVI, Darrell E. *A Família Prado*, Trad. José Eduardo Mendonça, São Paulo, Cultura 70, 1977, p. 25.

⁶³ YAZBEK, Mustafa. *Os Bandeirantes*, São Paulo, Edit. Ática, 1985, p. 4.

tros filhos. Ninguém podia acusá-las de se cansarem de esperar por homens que podiam estar mortos(...)."64

A valorização das qualidades secularmente ditas femininas não tem nada de extraordinário no texto. O inusitado é o conhecimento de Suzana da leitura e da escrita pois, somente no censo de 1798 foi notificada a presença, na vila de São Paulo, de um professor de primeiras letras⁶⁵.

Se nos reportarmos ao provérbio "a mulher é bem instruída quando lê corretamente suas orações e as receitas, o mais seria um perigo para o lar", nos perguntamos: a leitura deixa a mulher mais livre? poderia questionar os papéis tradicionais que lhe foram impingidos?

O que sabemos é que as qualificações atribuídas a Suzana, nesse momento do século XVII, representam uma imagem criada - a idealização da mulher burguesa, da dona de casa.

Entretanto, pesquisas atuais referentes à família brasileira dos séculos XVII, XVIII e XIX contestam a generalização desta imagem para toda a sociedade brasileira. A historiadora Maria Odila afirma que as ocupações levavam os homens a se ausentarem da vila de São Paulo e, conseqüentemente, as mulheres assumiram muitas atividades fora da área doméstica e muitas chegaram a improvisar papéis masculinos, fazer carretos com carros de boi, trabalhar em construção pública e em consertos de estradas⁶⁶.

⁶⁴ Idem, Ibidem, p. 7.

⁶⁵ ABUD, Katia. *As Profissões em São Paulo na Primeira Metade do Século XIX (1798-1836)*, mimeo, 1981.

⁶⁶ SILVA DIAS, M. O. Obra citada pp. 34 e 35.

Possivelmente, esta situação decorria de uma condição social peculiar em São Paulo em relação às demais regiões da colônia.

A figura de Suzana encarna de tal forma os valores burgueses que a mesma conduta de submissão, de repressão aos próprios sentimentos, de prestação de serviço, notada no comportamento das mulheres das famílias patriarcais é aqui pontuado: "Suzana, mesmo com o coração apertado de preocupação, ajudou-o em tudo...", "era uma mulher dedicada". Com relação ao comportamento, as mulheres acabam se pautando por dois modelos: ou é Nossa Senhora, submissa, humilde ou é Eva, provocadora, sedutora. O primeiro modelo é válido para a mulher branca casada, e o segundo para as negras, índias e mulatas. Na expressão: "Ninguém podia acusá-las de se cansarem de esperar por homens que podiam estar mortos (...)" estão contidos um julgamento moral e a explicitação de expectativas com relação ao comportamento feminino.

O desconhecimento de uma literatura recente favoreceu a que predominassem nos fascículos a construção de estereótipos a respeito das mulheres e da família, generalizantes para toda a colônia. Esta postura presente nos autores impede-os "de pensar através das `especificidades`"⁶⁷, isto é, pensar na mulher, na estrutura familiar e no homem fora dos papéis tradicionais.

⁶⁷ LOBO, Elisabeth Souza. *A Igualdade Imaginada*, in *São Paulo em Perspectiva*, 4(3,4):16-19, jul/set 1990, p. 17.

4. As Relações Sociais - A Desigualdade Imaginada

Tal como foi feito com a figura feminina, é preciso desnudar as construções culturais que nortearam, nas publicações paradidáticas, os modelos de homens existentes, nos espaços público e privado da sociedade colonial.

O homem aparece no espaço público, independente da camada social a que pertença, diretamente incluído no sistema de produção como senhor de engenho, capataz, escravo, mascate, e no sistema político como governante, representante da Igreja, administrador e revolucionário. A produção historiográfica, neste contexto do espaço público, criou alguns heróis que enriqueceram o imaginário popular como *os Bandeirantes* e *Tiradentes*.

No espaço privado o homem aparece como pai, marido, amante, preocupado com a valorização de sua potência sexual e atento às partes sexuais femininas e masculinas, como se estivesse à procura de si, através dos órgãos sexuais, como afirma Sennett⁶⁸. É no espaço privado que explicitarei as relações dos homens com as índias, com as negras e com as esposas.

A explicitação das relações dos homens no espaço privado se faz necessária porque somente as mulheres negras e indígenas eram objeto dos desejos sexuais, e não há referência em relação às mulheres brancas.

"As moças de serviço entravam na sala com seus babados, mostrando o colo de pele negra onde os colares balançavam. Os senhores, acostumados a obri-

⁶⁸ SENNETT, Richard. *O Declínio do Homem Público*, Trad. Lygia Araújo Watanabe, São Paulo, Cia. das Letras, 1988 pp. 20.

gar as escravas a prestar também serviços sexuais, dirigiam uma gulosa atenção a elas...⁶⁹

- Veja aquela delícia ali - cochichou um dos rapazes para o que estava a seu lado, apontando para uma jovem negra. - Só D. Luís é que não tem onde pôr tanta mulher.⁷⁰

Aproximou-se dele uma mucama forte e bonita, negra de quem já havia ganho a simpatia em outra ocasião (...)

- Quer provar um bolinho ? - perguntou Ana (...). Aprendi a fazer com a velha Zefa. (...)

João se estendia em conversa fiada, mais eloqüente pela cachaça, agradando a escrava e admirando seus encantos.⁷¹

O mascate João (...) resolveu voltar à cozinha, para ver se conseguia mais um copo de cachaça e uns carinhos de Ana."⁷²

A expressão popular de gosto duvidoso e vulgar, muito freqüente nas falas masculinas, "vou comer fulana" está presente no texto acima, de modo capcioso e disfarçado, em várias passagens: "gulosa atenção", "aquela delícia", "provar um bolinho". Tais comportamentos constituem a manifestação de atitudes e linguagens chauvinistas. Subliminarmente reforçam a imagem do homem como vítima da sedução feminina. Este procedimento contém inspiração religiosa, pois compara a mulher a Eva, responsável pelos "pecados" que o homem possa vir cometer⁷³.

"Enquanto o seu parceiro ria maliciosamente, a mucama que admiravam passou rente à mesa, com um

⁶⁹ TEIXEIRA, Luis Alexandre, obra citada, p. 18.

⁷⁰ Idem, Ibidem, p. 19.

⁷¹ Idem, Ibidem, p. 9.

⁷² Idem, Ibidem, p. 31.

⁷³ BOXER, C. R. Obra citada, p. 125.

sorriso. Não passou despercebida às moças do outro lado da mesa:

- Negrinha safada! - disse uma delas, - Vai pegar chibata para largar de ser assanhada."⁷⁴

O texto acima reforça a afirmação anterior - a mulher é a sedutora do homem. Entretanto, a sedução e a sensualidade aparecem no Brasil colônia como atributos da mulher negra. As mulheres brancas, sentindo-se preteridas pelos homens, castigavam as escravas por sua pretensa falta de compostura e comedimento.

As colocações fundamentadas nas teses de Gilberto Freyre a respeito das relações homem/mulher não romperam com o senso comum e fortaleceram comportamentos moralistas quanto ao sexo. Vejamos primeiramente como são descritas as relações com as índias:

"- Olha lá Gaspar as vergonhas delas...

- Igual a tantas que comi.

- Mas não são fanadas e as cabeleiras delas bem rapadas e feitas. Olhe aquelas. Bem gentis com cabelos muito preto compridos pelas espáduas e suas vergonhas tão altas e tão saradinhas e tão limpas das cabeleiras...

- O Caminha, bota isso na sua carta que vai dar um tesão danado no Rei.

Na verdade os portugueses estavam deslumbrados. Índias em pêlo, com as vergonhas gorduchinhas à mostra (...)

(...) As mulheres eram esguias, porém mais cheinhas no trazeiro. E além disso pintavam a bunda de preto. Haja cotovelo do Padre Caminha para chamar Gaspar da Gama à razão.

De repente, uma visão do paraíso: três ou quatro moças, com cabelos muito pretos e compridos, pelas espáduas, apareceram aos olhos dos portugueses. O escrivão, grande admirador do sexo feminino, não pode deixar de exclamar:

- Meu Deus, como são belas essas criaturas! Estou com uma peninha doida do nosso jovem Afonso Ribeiro por ter que ficar nesta terra. Só espero que não cometa excessos e que saiba representar bem e dignamente a nobre raça lusitana."⁷⁵

⁷⁴ TRIXEIRA JUNIOR, L. A. Obra citada, p. 19.

⁷⁵ CHIAVENATTO, J. J. e PAIVA, Miguel. Obra citada, pp. 61 e 62.

Dados sobre as índias, contidos na carta de Caminha ao rei Don Manuel, transformaram-se em diálogos coloquiais e imaginários entre o autor da missiva e Gaspar da Gama. Como em outras publicações paradidáticas, nota-se o uso de um vocabulário chulo e pouco respeitoso em relação à figura feminina, assim como se descaracteriza abertamente o documento que fundamentou o texto.

Os costumes indígenas a respeito da corvéia e as considerações fálicas foram citados como apelativos sexuais⁷⁶. Os livros encontram-se repletos de passagens que expressam desrespeito à cultura de outro povo, desconhecendo as diferenças.

O apelativo sexual contido no texto é sempre construído sob a ótica machista, aparentemente com a intenção de quebrar normas e padrões, podendo até provocar risos⁷⁷. A reiterada comichidade esperada tem finalidade definida - comercial.

O conteúdo dos livros desrespeita a cultura indígena e reafirma preconceitos em relação ao comportamento sexual masculino. Os autores usam as informações históricas para criarem situações hilariantes. Uma das características da cultura popular é piar à respeito da genitália masculina e feminina.

A super valorização dos órgãos genitais está intimamente ligada às forças vitais: ao prazer, à vida e à morte, tão

⁷⁶ Idem, *Ibidem*, p. 71.

⁷⁷ Acho importante chamar atenção para esse tipo de "paródia" que nada tem a ver com a outra paródia analisada por Bakhtin; neste trabalho a ironia, o riso, o uso de um vocabulário liberal constituem expressões satíricas de crítica sobre a cultura dominante. Cf. BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento - O Contexto de François Rabelais*. Trad. Yara F. Vieira, São Paulo, Edit. Hucitec, 1987.

poderosas ao homem, na expressão de Bakhtin, a força do "baixo ventre". Não tendo controle sobre elas, pensa-se ser mais fácil fazer piadas.

5. Entre os Livres

Foi nos engenhos açucareiros do século XVII que se estruturou uma sociedade colonial, alicerçada na grande propriedade, na monocultura, no trabalho escravo e na produção do açúcar cujo destino era o mercado europeu.

O autor do fascículo *Engenho Colonial*⁷⁸ explicita a estrutura agro-social deste período, através de uma narrativa ficcional baseada em situações do cotidiano. Os personagens criados vivem em uma trama de relações sociais fundamentadas em situações de produção que caracterizam a estrutura de poder e de funcionamento da grande propriedade agrária, monocultora e escravocrata do Brasil colonial.

A estória tem início com a presença do mascate no engenho. Uma situação imaginária é contraposta a um texto de informação sobre a *Civilização do Açúcar*. A presença de um texto dessa natureza inserido na obra lhe dá credibilidade e disfarça a natureza ficcional do fascículo. A segunda parte, *Conversa na Cozinha*, conta como o mascate penetra no interior da casa grande através da cozinha e das escravas. Sua entrada no *gineceu* é permeada de um jogo de sedução e conquista com uma determinada es-

⁷⁸ TEIXEIRA JUNIOR, L. A. *O Engenho Colonial*, São Paulo, Ática, 1983.

crava. Os títulos **A Festa Vai Começar**, **Senhores, Sinhás e Sinhozinho**, **A Comilança**, narram os usos, os costumes, as relações que se estabelecem entre os proprietários territoriais. Nas roupas, nas jóias, no número de escravos cada um demonstra o seu poder econômico e prestígio social. Ficam evidentes, no interior da relações domésticas, a relação que os homens estabelecem com suas mulheres, assim como o tratamento dado às escravas e aos escravos domésticos. Na parte denominada **Trabalha, Trabalha, Negro, João**, o mascate, penetra no interior da área de produção. Através dessa técnica narrativa é mostrado todo o processo de produção do açúcar, as relações do feitor com os escravos durante a fabricação do produto. Para finalizar a estória, a escrava doméstica Ana, sensível aos agrados do mascate João, na calada da noite vai consolar o escravo chicoteado e preso ao tronco. O mascate desapontado segue o seu caminho. Esse texto fortalece algumas idéias relativas à questão de poder existentes na época, ao tratamento dispensado à mulher, a relação dos homens livres no engenho. A narrativa começa com a chegada do mascate no engenho com uma tropa de burros, transportando mercadorias com o objetivo de servir e agradar ao senhor D. Luís Teixeira e termina com a saída do próprio mascate. Ele representa o fio condutor de toda narrativa, o fio pelo qual se promove o mundo de "dentro" do engenho.

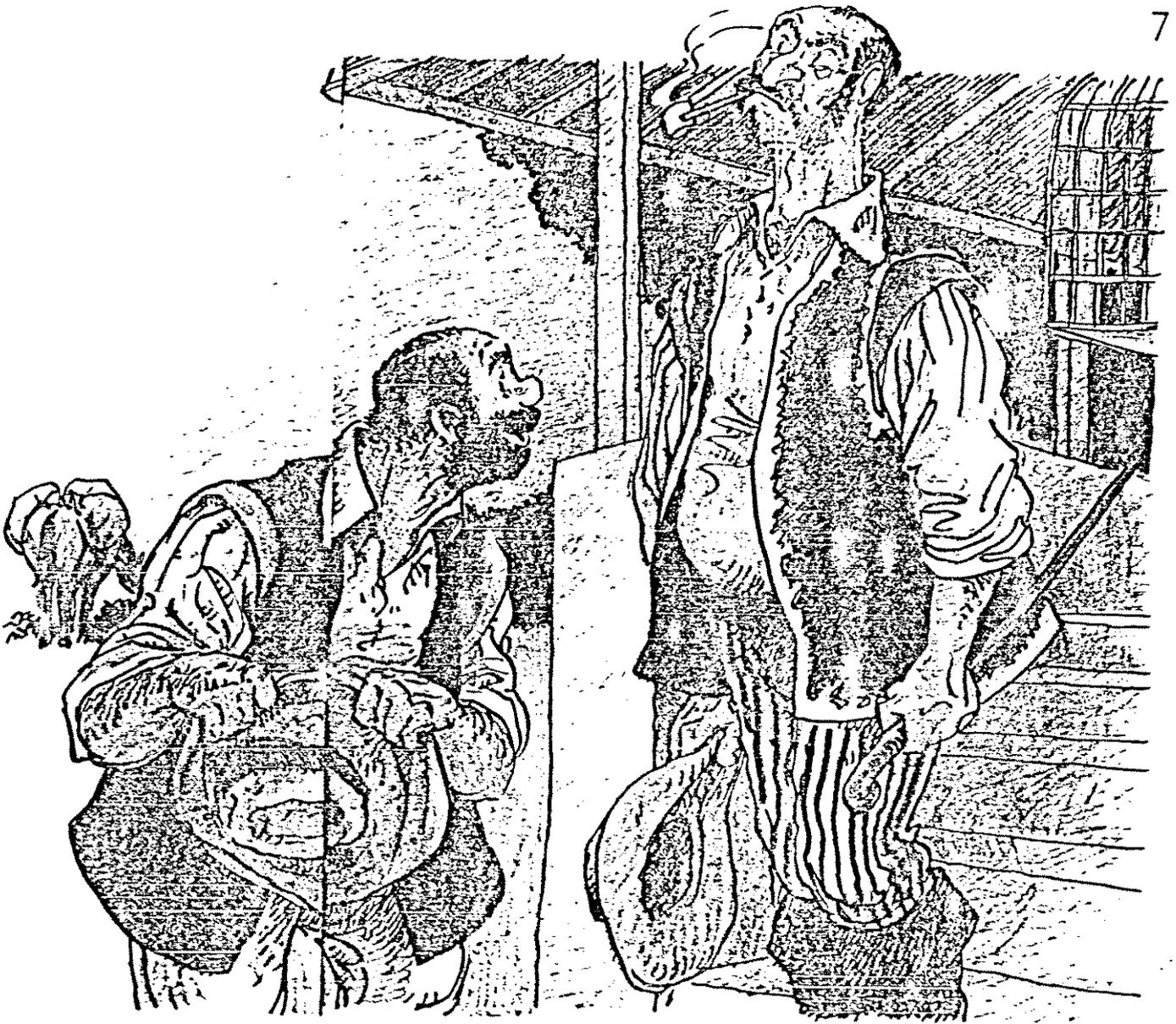
Para cada um dos sujeitos que representam categorias sociais nas relações de produção da sociedade colonial, o autor criou características físicas e psicológicas que os identificam e os individualizam na sociedade da época, manifestos nas represen-

tações gráficas. É no processo de produção que ocorrem as tramas de relações sociais mais significativas.

O mascate, na qualidade de homem livre, devia manter atitudes de subserviência e oferecer mercadorias para servir e agradar aos senhores de engenho. Os produtos que oferecia (tecidos, bebidas, especiarias) eram trazidos do porto. Cobrava juros altíssimos pelas mercadorias que vendia.

"Parou aos degraus da escada que conduzia à varanda, amassando em suas mãos o chapelão de pano grosseiro... O mascate obedeceu depressa, fazendo reverências. Como todos que se aproximavam do senhor, perguntou humildemente pela saúde dos familiares, desejando a graça divina para eles."⁷⁹

⁷⁹ Idem, *Ibidem*, p. 6.



D. Luís é apresentado como uma figura alta, magra, com olhar altivo, mãos grandes e fortes. Sua postura firme expressa distanciamento. A mão esquerda porta um cajado que representa força e poder, representando o distanciamento físico e social do senhor com relação às pessoas que possam servi-lo. O mascate, parado junto aos degraus, não ousa subi-los, permanece abaixo, em posição de inferioridade.

A autoridade do grande proprietário de terras não é questionada e, no texto a imagem de poder é reforçada em diversos momentos:

"O mascate obedeceu depressa, fazendo reverências. D. Luís concordou com um gesto de cabeça, mandando descarregar as mulas.

(...)

Passe mais tarde para receber o que devo, despediu-se o senhor, acenando para o mascate."⁸⁰

D. Luís em conversa com outros fazendeiros a respeito do mascate e o valor cobrado pelas mercadorias afirma que, se não precisasse dele, o expulsaria a pontapés de suas propriedades.

As expressões de autoridade de D. Luís são firmes e fortes: "pagarei à hora que eu quiser". São manifestações presentes naqueles em que o poder está interiorizado e os demais estão postos para servi-lo.

As falas do senhor na primeira pessoa: "eu o expulso", "eu o mando" denotam força e autoridade. A expressão "eu o expulso a pontapés" demonstra, com relação ao mascate, uma posição

⁸⁰ Idem, Ibidem, p. 6.

utilitária, um tratamento de escárnio e falta de consideração. O outro não é nada, está para servi-lo.

No interior do engenho a atitude do mascate é bem distinta, goza de privilégios, não precisa ser subserviente. Comparado a outros trabalhadores, como os feitores e os capatazes, ele é mais livre, tem liberdade de movimento. Não tarda surgir entre os mascates e os senhores rurais a clássica divisão do mundo rural e urbano que se concretizou no conflito "guerra dos mascates".

Os homens livres que moram no engenho, os feitores e os capatazes estão diretamente ligados à produção do açúcar e à lida directa com os escravos. Sobre estes mostram força, autoridade e superioridade.

A literatura a respeito dos capatazes, dos feitores, dos técnicos do açúcar não é exaustiva. Algumas informações resultantes de pesquisas mais recentes ainda não foram assimiladas. O autor limita-se a reproduzir as informações disponíveis sem se preocupar com as pesquisas que ora são desenvolvidas sobre a escravidão e o conjunto das relações sociais existentes neste contexto.

Feitores e mascates trocavam sentimentos de igualdade entre si, trocavam informações. O feitor queria saber novidades e o mascate tinha muito interesse em conhecer as propriedades e a produção do engenho.

Nessa relação, o mascate perde o ar humilde e servil que apresentou diante do senhor. Está tratando com um seu igual, homem livre e sem terra. Na área de produção, o capataz, o feitor

e o mascate são os superiores, e "os escravos não passavam de animais com forma Humana."⁸¹

Como categoria de homens livres em uma ordem escravocrata, capatazes, feitores e mascates diferem-se distintamente. Os primeiros são diretamente ligados ao engenho, são técnicos, conhecem os procedimentos necessários à produção do açúcar⁸², vivem no engenho, com certa dependência do senhor. São a extensão da força e do poder, enquanto que o mascate não tem senhor e busca no comércio o seu próprio enriquecimento. Seu poder de manipulação restringe-se ao fluxo das mercadorias, a nível de mercado.

No plano mais geral das relações sociais, o mascate é excluído das relações inter-pares. Para demonstrar essa dimensão sócio-cultural, o autor escolhe o batizado do neto de D. Luís como o nó da trama narrativa. Na festa que oferece estão presentes seus pares. Aos poucos vão chegando os seus convidados.

Nas roupas, nas jóias, no número de escravos cada um vai mostrando o seu poder econômico e prestígio social. Todos querem agradar o anfitrião:

"... impaciente e orgulhoso, o rico senhor de engenho fez questão de carregar o menino e entrar com seu neto nos braços. Os homens se acomodaram no centro, sobre o chão em que repousavam os restos mortais do pai de D. Luís."⁸³

⁸¹ Idem, Ibidem, p. 22.

⁸² FERLINI, Vera. Obra citada p. 105.

⁸³ Idem, Ibidem, p. 15.

Este detalhe da narrativa evidencia a importância para este clã de um herdeiro. São detalhes desta natureza que explicitam as características da família patriarcal, a autoridade de avô sobre os pais da criança. Sob o chão da capela estão enterrados os restos mortais do pai de D. Luís. A tradição está também fincada na terra, a propriedade familiar e hereditária.

Outro marco econômico de prestígio é a presença, no banquete, de iguarias vindas da metrópole e a existência de legumes e verduras, fugindo ao padrão alimentar. Esta é uma evidência para se avaliar a qualidade de alimentos consumidos nas propriedades rurais, como também os hábitos alimentares da população. O poder está em todo o organismo social do engenho.

O relacionamento de D. Luís com seus iguais demonstra como as pessoas da mesma camada social estavam preocupadas em demonstrar poder e prestígio:

"Naquele dia, como nas festas mais importantes, alguns senhores chegavam a tirar até 15 ou 20 negros dos seus afazeres para lhes servir de corte, realçando seu poder e riqueza. Mesmo os mais ricos inventavam riquezas, faziam questão de trazer a mulher em uma bela rede carregada por negros.⁸⁴

Aquela que fosse casada com grande comerciante ou senhor muito rico podia se dar ao luxo de usar modas européias, sedas e veludos."⁸⁵

Pode-se notar que não há um único poder, muito menos uma única expressão do mesmo. Com relação aos lavradores - também eles aparecem submissos e gratos a seus senhores:

⁸⁴ Idem, Ibidem, pp. 10 e 11.

⁸⁵ Idem, Ibidem, pp. 10 e 11.

"D. Luís lhes tinha cedido, há anos terras baratas em troca de fornecimento obrigatório de cana para seu engenho. A prosperidade geral fez deles homens ricos ou remediados, e também agradecidos e submissos ao senhor. D. Luís que Deus todo poderoso o guarde... Deus salve o batismo de seu neto."⁸⁶

numa partida de gente chegada de Angola, um deles foi tomado do Diabo e bateu no homem que tomava conta...

Chegou um convidado atrasado. Era Inácio do Monte, que não sabia direito o que fazer para cumprimentar os outros. Parecia muito contente, tinha jeito de quem via a festa como sua, e foi logo explicando:

— D. Luís, que Deus Todo-Poderoso o guarde. Deus salve o batismo de seu neto, que coincidiu com a chegada das naus de Lisboa, trazendo o que precisávamos. As peças de cobre e ferro de meu engenho, que o ferreiro não sabe mais consertar, agora já não me darão mais dor de cabeça.

— Pois é — disse D. Luís. — João me deu a notícia na frente, junto com as coisas que trouxe.

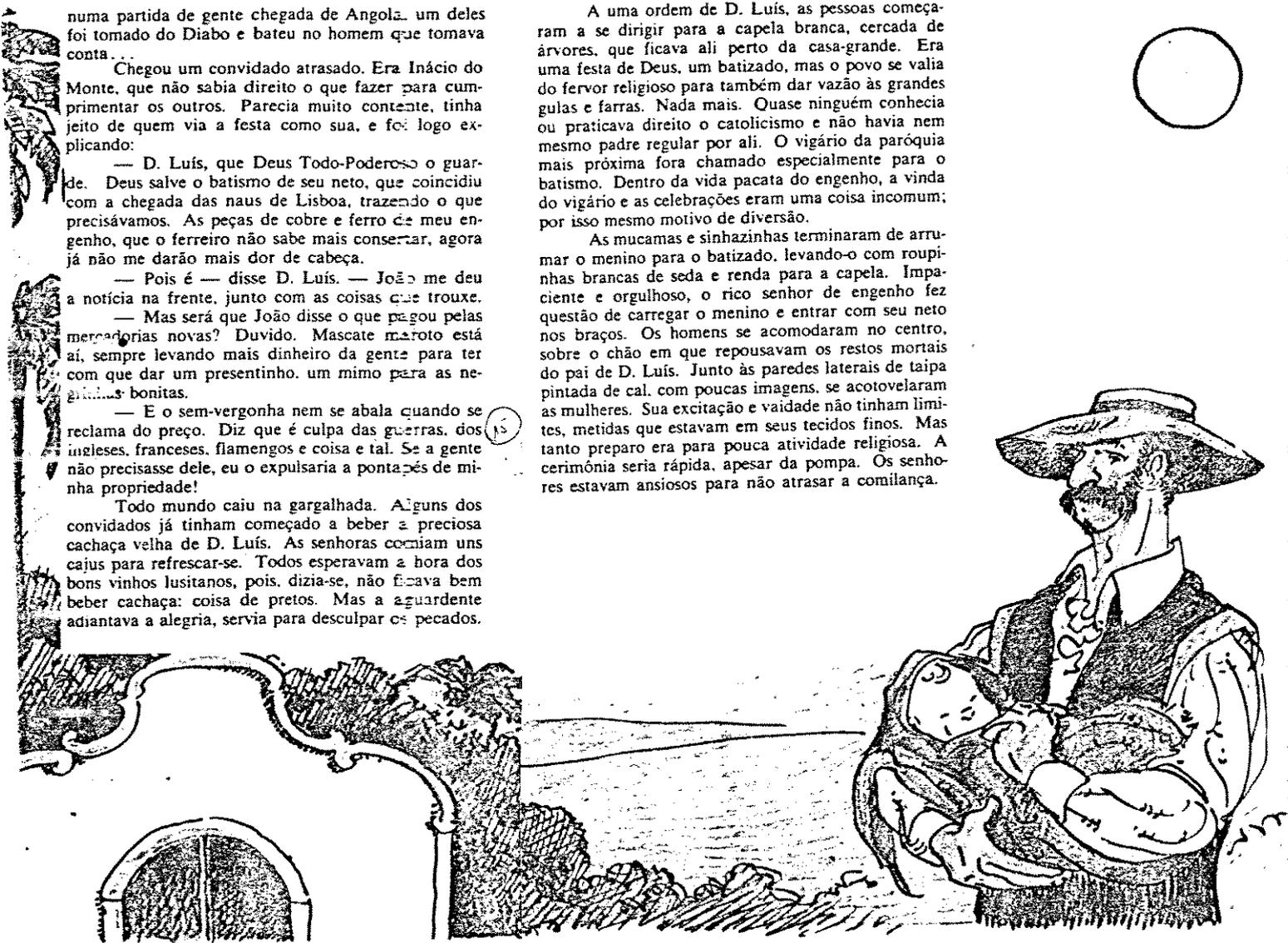
— Mas será que João disse o que pagou pelas mercadorias novas? Duvido. Mascate maroto está aí, sempre levando mais dinheiro da gente para ter com que dar um presentinho, um mimo para as netinhas bonitas.

— E o sem-vergonha nem se abala quando se reclama do preço. Diz que é culpa das guerras, dos ingleses, franceses, flamengos e coisa e tal. Se a gente não precisasse dele, eu o expulsaria a pontapés de minha propriedade!

Todo mundo caiu na gargalhada. Alguns dos convidados já tinham começado a beber a preciosa cachaça velha de D. Luís. As senhoras comiam uns cajus para refrescar-se. Todos esperavam a hora dos bons vinhos lusitanos, pois, dizia-se, não ficava bem beber cachaça: coisa de pretos. Mas a aguardente adiantava a alegria, servia para desculpar os pecados.

A uma ordem de D. Luís, as pessoas começaram a se dirigir para a capela branca, cercada de árvores, que ficava ali perto da casa-grande. Era uma festa de Deus, um batizado, mas o povo se valia do fervor religioso para também dar vazão às grandes gulas e farras. Nada mais. Quase ninguém conhecia ou praticava direito o catolicismo e não havia nem mesmo padre regular por ali. O vigário da paróquia mais próxima fora chamado especialmente para o batismo. Dentro da vida pacata do engenho, a vinda do vigário e as celebrações eram uma coisa incomum; por isso mesmo motivo de diversão.

As mucamas e sinhazinhas terminaram de arrumar o menino para o batizado, levando-o com roupinhas brancas de seda e renda para a capela. Impaciente e orgulhoso, o rico senhor de engenho fez questão de carregar o menino e entrar com seu neto nos braços. Os homens se acomodaram no centro, sobre o chão em que repousavam os restos mortais do pai de D. Luís. Junto às paredes laterais de taipa pintada de cal, com poucas imagens, se acotovelaram as mulheres. Sua excitação e vaidade não tinham limites, metidas que estavam em seus tecidos finos. Mas tanto preparo era para pouca atividade religiosa. A cerimônia seria rápida, apesar da pompa. Os senhores estavam ansiosos para não atrasar a comilança.



O poder de D. Luís, como se pode ver, está posto também em sua postura e ela é necessária para o funcionamento do engenho. O corpo é a expressão de poder, naturalmente, não é qualquer corpo e nem qualquer postura. Um corpo rijo, ereto, ampliado como o de D. Luís Teixeira, expressa domínio sobre cada uma de suas partes como também do engenho. É a expressão do poder local. A postura física é necessária ao funcionamento do engenho.

A posição de D. Luís estar em pé, olhando de cima para baixo para o mascate, é expressão de mando como também o é quando ele segura, em seus braços, o seu herdeiro, continuador do seu trabalho, e quando pune o escravo desobediente. O estar em pé expressa coragem, o ser temido e respeitado.

"- E com vai sua moenda, Inácio?- perguntou D. Luís.

- Vai muito bem! - respondeu Inácio do Monte. - Imagine o senhor que chego a moer uns 20 carros de cana por dia! Estou mandando caixas de açúcar sem parar para o porto do Recife."⁸⁷

O poder requer perguntas, esclarecimentos, dirigidos a alguém mais fraco, aquele que os faz tem e procura o controle da situação e ratificá-la. Quando não os faz, ouve narrativas de seus convidados sobre diferentes situações sem precisar se colocar. Do lugar onde está se permite não falar. Os demais elementos do grupo não têm controle do processo produtivo, de todo o circuito dos negócios, assim como do que pensa o senhor, e quais as diretrizes do seu comportamento.

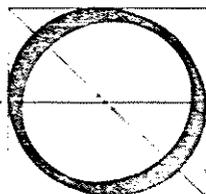
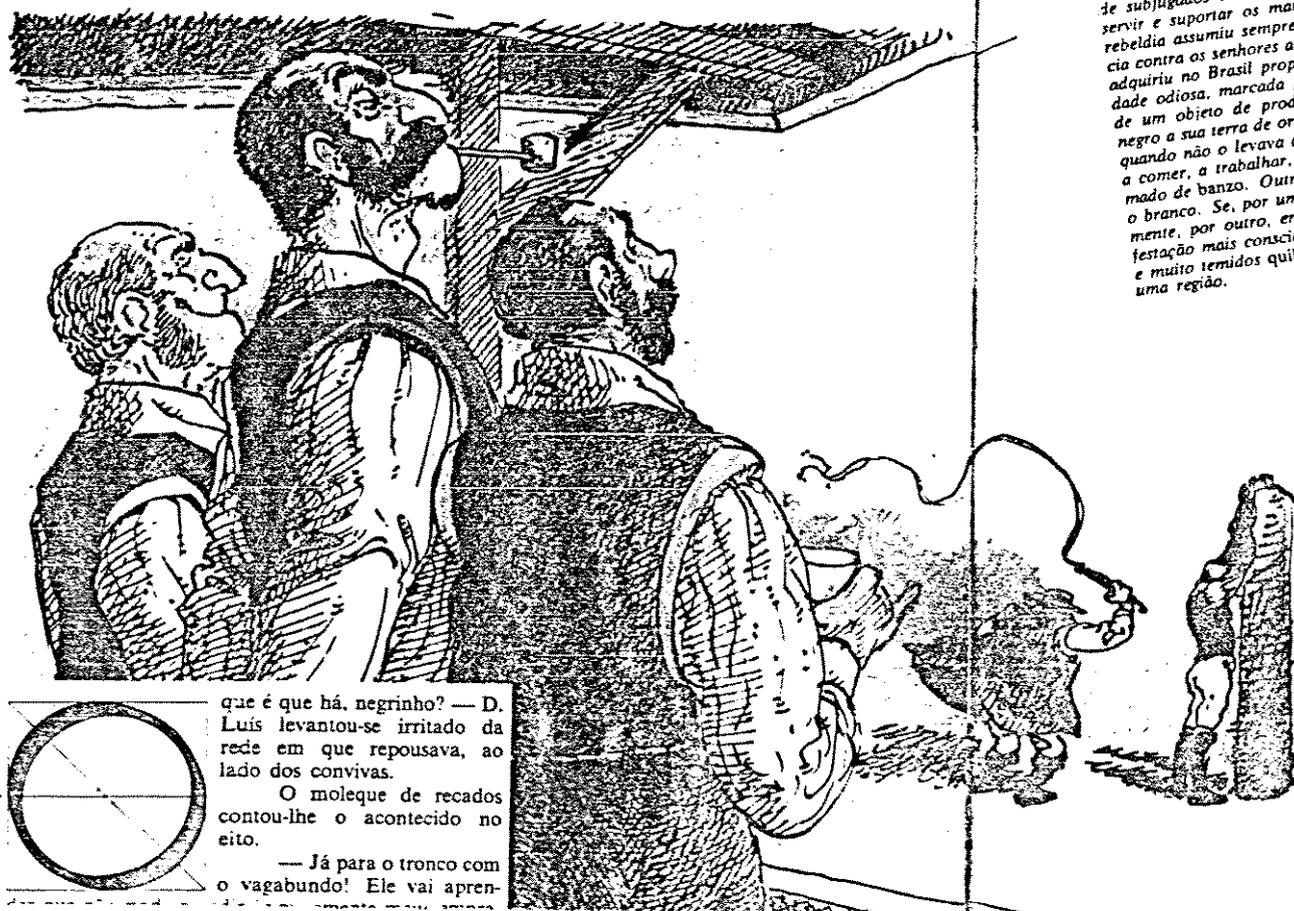
⁸⁷ Idem, Ibidem, p. 17.

O poder e a autoridade lhe dão substrato de determinar situações e ordens. Não consulta ninguém ao tomá-las, age de imediato, sem pestanejar.

Como não poderia faltar em estória romanceada, e para dar maior vida e interesse à narrativa, um escravo é açoitado, por ordem de D. Luís Teixeira - expressão do seu poder e de sua força. Esse ato é assistido pelos outros senhores que se divertem com o acontecido.

"Já para o tronco com o vagabundo, ele vai aprender que não pode agredir impunemente meus empregados. Para começar, aplique 150 chibatadas no lombo do negro."⁸⁸

28 os senhores se divertem



que é que há, negrinho? — D. Luís levantou-se irritado da rede em que repousava, ao lado dos convivas.

O moleque de recados contou-lhe o acontecido no eito.

— Já para o tronco com o vagabundo! Ele vai aprende

Os
de subjugados e duramente
servir e suportar os maus-tr
rebelião assumiu sempre for
cia contra os senhores ao be
adquiriu no Brasil proporçã
dade odiosa, marcada pelo
de um objeto de produção
negro a sua terra de origem
quando não o levava ao s
a comer, a trabalhar, e n
mado de banzo. Outra fe
o branco. Se, por um la
mente, por outro, era fr
festação mais consciente
e muito temidos quilom
uma região.

Da literatura mais tradicional⁸⁹ existente sobre a economia açucareira do Brasil Colonial, os autores coletaram dados que lhes permitiram traçar o perfil psicológico de sujeitos presentes em um engenho colonial e criaram, com uma lógica linear, um tipo ideal, arquétipo de senhor, capataz, mascate e escravo. Esse procedimento tem clara intenção de induzir o leitor a pensar que existia apenas um único modelo de engenho, de relação social no seu interior, pretendendo dar aos sujeitos criados uma existência real. Assim procedendo, os autores fizeram generalizações com relação ao engenho colonial, realçando no texto uma forte marca positivista.

6. Domínio sobre o escravo

A escravidão foi uma das instituições fundantes da sociedade colonial, cuja importância é correlata desproporcionalmente à sua ausência nos livros didáticos. Ela aparece como um elemento de trabalho no processo de produção agrícola nas fazendas de cana de açúcar e de café, mas padece de ralas informações a respeito do tráfico, da vida na senzalas, do cotidiano e do quilombo dos Palmares.

A temática escravidão costuma ser mais abordada quando ligada à abolição. Nos livros, há referências a respeito da pressão inglesa sobre o tráfico, as leis abolicionistas e o enal-

⁸⁹ FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1966. ANTONIL, André João. *Cultura e Opulência no Brasil por suas Drogas e Minas*. São Paulo, Melhoramentos, 1923.

tecimento da princesa Isabel por ocasião da abolição da escravatura.

Como os paradidáticos têm a sua matriz ligada aos livros didáticos, nota-se o mesmo procedimento. Não há nenhum fascículo que aborde tal temática. Referências mais explícitas sobre os escravos aparecem em *Engenho Colonial, Recife dos Holandeses* e no livro *Da Colônia ao Império, um Brasil para Inglês Ver... e Latifundiário Nenhum Botar Defeito*. Ainda assim, também aqui o nível de informações sobre o assunto é secundário.

Nota-se nos três paradidáticos uma distinção entre o trabalho realizado pelo escravo e pela escrava. A ela foram atribuídas as atividades domésticas e a ele os afazeres na área de produção do açúcar. Entretanto, esta divisão sexual de trabalho não é correta. O próprio Antonil, em 1711, chamou atenção para as atividades das mulheres no preparo da cana e do açúcar⁹⁰.

Segundo o que consta nos textos analisados, as atitudes de violência dos feitores e capatazes sobre os escravos foram causadas mais pelo excesso de bebida do que efetivamente pela rudeza de tratamento. A literatura clássica sobre a escravidão escamoteou os maus tratos que os escravos recebiam nas unidades de produção.

Nas décadas de 60 e 70, sociólogos e historiadores como Otávio Ianni, Emília Viotti, Jacob Gorender e Fernando H. Cardoso já haviam posto em questão os bons tratos que os escravos rece-

⁹⁰ ANTONIL, J. A. Obra citada p. 189.

biam⁹¹. Atualmente, o mito da bondade dos senhores é enfaticamente questionado por novos estudos e pesquisas realizadas na área da história social.

A coroa portuguesa raramente interferiu em prol dos escravos. Na realidade, os regulamentos reais criavam formas de controle social que beneficiavam os escravocratas e deixavam os escravos na dependência dos senhores.

No livro *Engenho Colonial*, a reação de um escravo aos maus tratos de um feitor é causa de 150 chibatadas que recebe em público por ordem do senhor de engenho⁹². O prazer que os senhores sentem pelo espetáculo evidencia a sua falta de sensibilidade em relação aos sofrimentos e castigos dos escravos. Em contrapartida, na calada da noite uma das escravas sai da senzala e se dirige ao tronco onde se encontra o escravo, quase sem forças. Ela passa sobre suas feridas; unguentos que aprendera com as mulheres mais velhas.

Como o texto se encontra articulado, transmite ao leitor a seguinte mensagem: nas senzalas os negros viviam em promiscuidade e a escrava seria amante da vítima. Este procedimento tem fundamento em uma literatura clássica, contestada por Robert W. Slenes em seu trabalho *Lares Negros, Olhares Brancos: História da Família Escrava no Século XIX*. Segundo este historiador, Gilberto Freyre, Emília Viotti, Oracy Nogueira e Roger Bastide afirmam que

⁹¹ CARDOSO, F. H. *Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional*. São Paulo, DIFEL, 1962. IANNI, O. *As Metamorfoses do Escravo Meridional*, VIOTTI, Emília. *Da Senzala à Colônia*, São Paulo, DIFEL, 1966.

⁹² TEIXEIRA JUNIOR. L. A. Obra citada, p. 28.

os escravos viviam em licenciosidade, que as mulheres eram sexualmente livres e era notória a ausência de família⁹³.

Não há informações, nos paradidáticos, a respeito de conflitos entre escravos e senhores. Quando há alguma referência, os senhores são as vítimas dos negros, como aparece no fascículo *Recife dos Holandeses*:

"Voltando para o seu engenho, num final de tarde, Remiro sentia-se velho e cansado, mas alegrava-se com a perspectiva de ainda poder participar de mais batalhas importantes. Junto com eles seguiam apenas dois de seus empregados, dois feitores bem armados. De repente, numa curva do caminho, deram de encontro com um grupo de negros, armados com lanças e espadas tomadas dos holandeses, vindos de uma das aldeias de Palmares. Remiro gritou e ordenou a seus homens que atirassem contra aqueles escravos, que estavam perigosamente próximos de sua propriedade. O combate foi duro. Preparados para a luta, os negros conseguiram dominar os feitores e um garoto forte e decidido cravou a lança no peito de Remiro."⁹⁴

Neste relato, o conflito existente entre o escravo e um senhor de engenho partiu de escravos que estavam fora das fazendas. O enfoque que os fascículos imprimem à escravidão pode levar-nos a inferir que tal procedimento não teria ocorrido no interior dos engenhos. Historiograficamente, esta postura fundamenta-se em procedimentos teóricos de Gilberto Freyre, que sustentou a tese de um sistema escravocrata sem conflitos, reforçando-o como mito, e negando a existência de uma consciência nos negros.

⁹³ SLENES, Robert. *Lares Negros, Olhares Brancos: Histórias da Família Escrava no Século XIX*, in *Revista Brasileira de História*, São Paulo, ANPUH/Marco Zero, v. 8, nº 16, agosto/1988, pp. 189-203.

⁹⁴ LADEIRA, Julieta. Obra citada p. 27.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma porta entreaberta...
Um sorriso em descrença...
Fernando Pessoa

Nestas considerações finais, nossa preocupação foi chamar atenção para dois aspectos do conteúdo que deixamos propositalmente de contemplar: os *Bandeirantes* e a figura de *Tiradentes*. Tais construções historiográficas são perpetuadas na memória social através do ensino de história, dos monumentos públicos, das festas cívicas e momentos de comoção social.

A imagem da força, da coragem, do espírito de aventura está presente em *Os Bandeirantes*¹, transmitida via texto e representação gráfica. Na apresentação do fascículo, o autor denomina o movimento das bandeiras de epopéia, sinônimo de ações heróicas, plenas de violência, cobiça, crueldade desse grupo de homens - os bandeirantes - que penetraram pelo sertão afora². É um movimento controvertido³, visto como heróico, sôfrego, brutal e violento.

O pretexto da história é do domínio da imaginação como o são os seus personagens. As bandeiras têm o seu início no sé-

¹ YAZBEK, Mustafa. *Os Bandeirantes*, Coleção Cotidiano da História, São Paulo, Ática, 1985.

² Idem, *Ibidem* p. 2.

³ O movimento das bandeiras é descrito pelos jesuítas espanhóis como uma ação de extrema crueldade a serviço da camada dominante. Alguns historiadores do século XVIII consideram os bandeirantes como criadores de uma nacionalidade e responsáveis pela dimensão territorial do Brasil. Conferir ABUD, Kátia. *O Sangue Intimorato e as Nobilíssimas Tradições (A Construção do Símbolo Paulista; O Bandeirante)*, Tese de doutoramento, mimeo, USP, 1985, pp. 14-60.

culo XVII na vila de São Paulo, quando dois amigos se preparam para integrar a Bandeira de Fernão Lobo Leme. Um deles é barbeiro e prático de medicina, o outro, escrivão da Câmara Municipal de São Paulo. A intenção desta empreitada é "caçar" índios nos territórios jesuíticos do sul, vendê-los como escravos, ganhar dinheiro e romper com o estado de contenção e miséria em que viviam. Tais movimentos representavam para os paulistas a oportunidade de vencerem as agruras do meio.

Durante o percurso da viagem, atacam uma aldeia guarani que estava sob a jurisdição de missionários jesuítas.

Fernão Lobo Leme, fazendeiro paulista, é descrito como um homem forte, corajoso, empreendedor, destemido como só poderia ser um bandeirante. Ele organiza e prepara a bandeira como um general que planeja e dirige o seu exército. É todo poderoso na condução do grupo, com poder de vida e morte sobre cada um dos membros e sobre a presa conquistada. A constituição de uma bandeira era uma atividade para poucos, exigia do organizador a qualidade da chefia, recursos econômicos, tenacidade e hábitos de vida simples e vigorosa.

A imagem do líder Fernão Lobo Leme é assim apresentada ao longo do texto:

"... um homem alto, corpulento, de olhar sempre autoritário..."⁴

"... com jeito de profeta bíblico, era o homem mais respeitado da região..."⁵

⁴ YAZBEK, Mustafa. Obra citada p. 8.

⁵ Idem, Ibidem, p. 9.

Sua fama corria entre o povo graças à invasão que fizera a uma aldeia indígena; em conseqüência, recebera, posteriormente, uma carta de excomunhão da Igreja. A sua reação causara admiração popular:

"Eu já sou excomungado de nascença. Por favor, retirem-se de minhas propriedades. Eu não preciso da aprovação de vocês para ser cristão. Deus me conhece melhor que qualquer padre(...) um verdadeiro patriarca, homem de espírito duro..."⁶

Outra reação que causava admiração da população era a sua não aceitação das ordens vindas de Lisboa, e sua verve ao contar as façanhas no apresamento de indígenas e na destruição de aldeias jesuíticas.

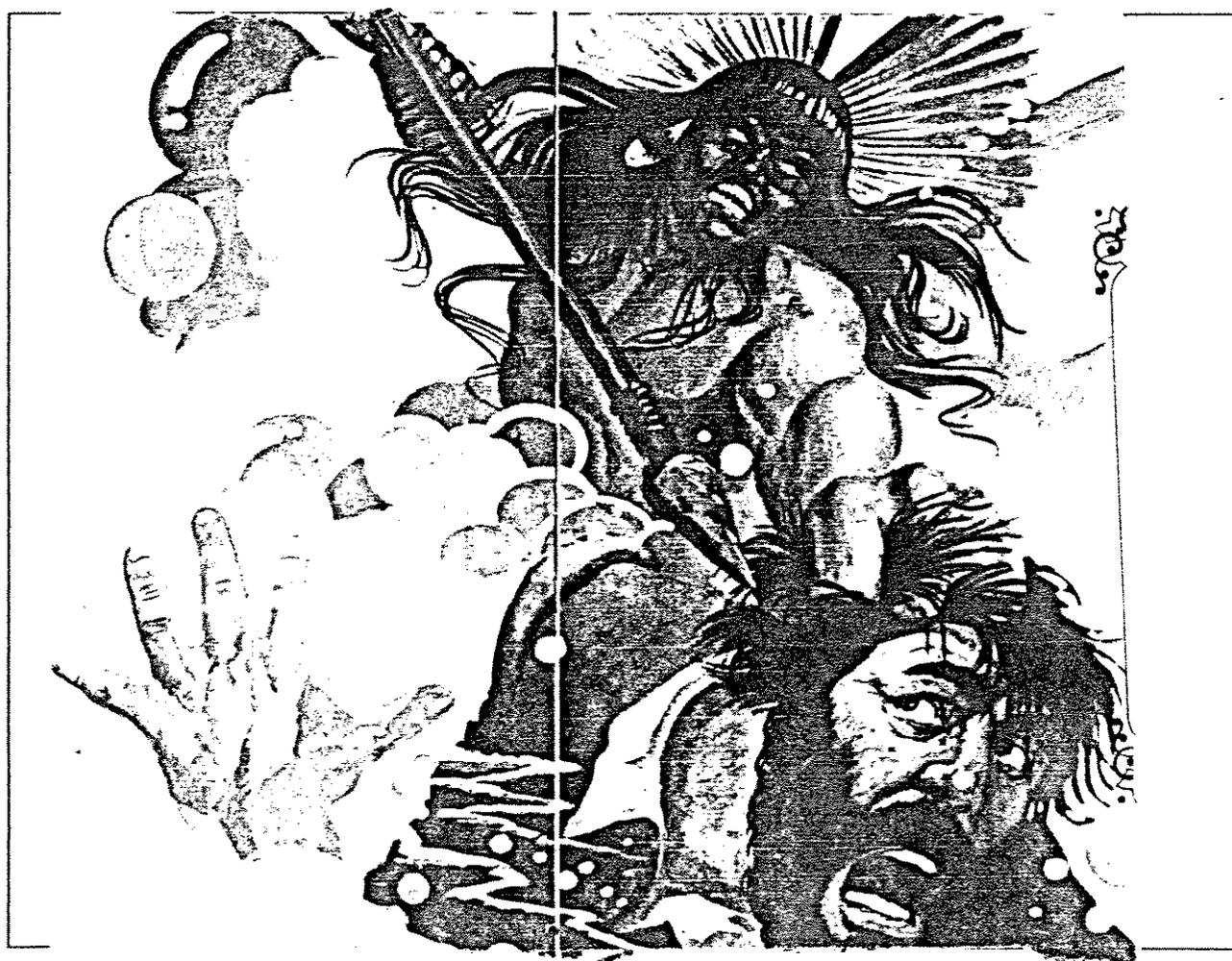
As características físicas do bandeirante não se assemelhavam a qualquer homem, eram as de herói; criou-se a imagem idealizada de um homem forte, corpulento, sábio e com um ar de profeta bíblico. Esta adjetivação atribuiu-lhe sabedoria e conhecimentos fora da alçada dos homens comuns. É-lhe atribuído, também, uma outra força, a coragem em enfrentar o poder da igreja. Por desrespeitar determinações eclesiásticas, sofre a pena máxima a um cristão, a excomunhão. Mas nada lhe importa, pois sente ter "aprovação de Deus". Desta forma se coloca em um plano superior, não se compara ao comum dos mortais. É um patriarca.

As adjetivações patriarca e profeta, sinônimos de sabedoria, força e maturidade, sintetizam as imagens necessárias para a construção de um herói. A força e a arrogância de sua postura e palavras reforçam a expressão de seu poder: "sou excomungado

⁶ Idem, *Ibidem*, p. 10.

por natureza", "as autoridades de Lisboa não estão preocupadas conosco". A ênfase se esgota na dimensão heróica de sua figura.

O ataque às aldeias jesuíticas poderia, por exemplo, ser apresentado como brutal, violento e transmitir uma visão negativa do bandeirante; entretanto, ela é anulada pela imagem gráfica, que se limita à figura do bandeirante.



Nesta figura, o bandeirante, apresentado como um homem forte, mãos expressivas, é dominado pela selvageria indígena, presente na força dos braços, na expressão do rosto, no tamanho da seta, nas mãos que prendem a sua cabeça. Embora esta imagem seja a representação de um sonho de um dos acompanhantes da expe-

dição, a mensagem que ela transmite é contrária à proposta do fascículo, pois reforça a dimensão heróica dos bandeirantes.

A descrição do ataque a uma das reduções de Guairá é tingida com cores fortes e violentas, cinematográficas. Fernão Lobo comanda o assalto com determinação, força e sem piedade. Em meio a essa brutalidade, um jesuíta espanhol - Padre Montoya - pede clemência a Fernão Lobo.

Todos os nomes citados no texto são imaginários, exceto o do padre Montoya que, juntamente com outros sacerdotes espanhóis, denunciaram os horrores praticados pelos bandeirantes paulistas nas missões espanholas.

A vertente do bandeirantismo tratado no fascículo diz respeito ao aspecto predatório das bandeiras nas missões jesuíticas do sul. A outra corrente dirigida às regiões centro-oeste e norte, com a finalidade de procurar minérios, não foi abordada. A escolha de tal vertente possivelmente diz respeito à tentativa do autor em imprimir ao tema um tratamento mais crítico, menos ufano. Entretanto, as imagens contidas no texto e a caracterização da figura do bandeirante contradizem a proposta do livro e imprimem ao bandeirante as nuances de sua condição mítica.

As bandeiras desafiaram os perigos e deram ao Brasil a atual configuração geográfica. Elas se destacaram de outras iniciativas da colonização metropolitana, tendo a sua própria dinâmica e não respeitando os limites territoriais.

"A expansão dos pioneiros paulistas não tinha suas raízes do outro lado do oceano, podia dispensar o estímulo da metrópole e fazia-se frequentemente contra a vontade e contra os interesses imediatos desta. Mas ainda esses audaciosos caçadores de in-

dios, farejadores e exploradores de riqueza, foram, antes do mais, puros aventureiros - só quando as circunstâncias o forçavam é que se faziam colonos. Acabadas as expedições, quando não acabavam mal, tornavam eles geralmente à sua vila e aos seus sítios da roça."⁷

O movimento das bandeiras é sinônimo de expansão territorial, da força, da coragem e do desprendimento de um grupo de homens identificados com o paulista. Esta imagem foi criada pela historiografia do século XVIII nos trabalhos de Frei Gaspar de Deus e de Pedro Taques, e reafirmada, posteriormente, nas primeiras décadas da república pelos historiadores Ellis Júnior, Taunay, Paulo Prado, Alcântara Machado⁸. Tal como se apresenta, o texto não consegue quebrar a tessitura que leva a identificação da figura do bandeirante à do paulista.

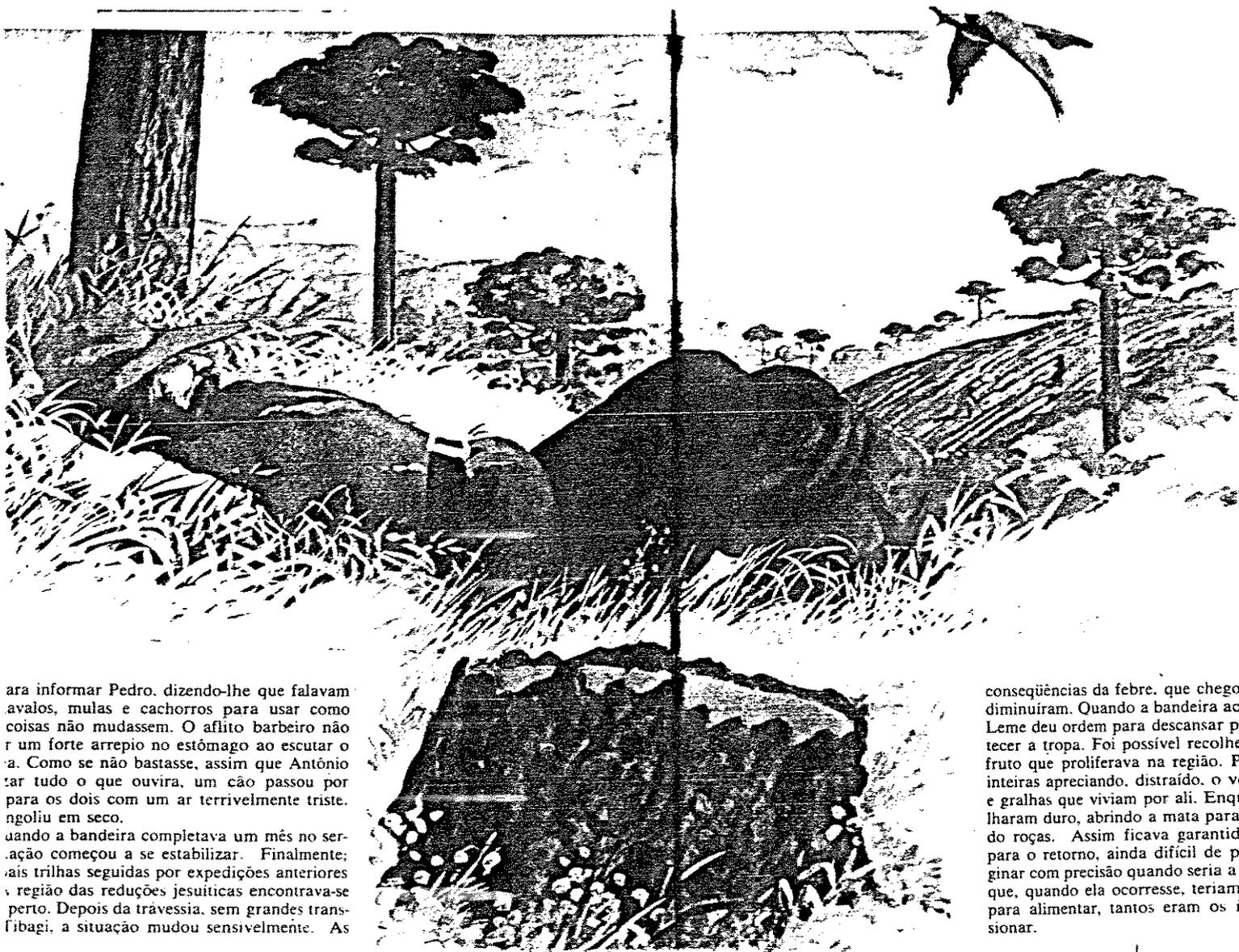
"O que temos a fazer é cuidar de nossos interesses, nada mais. Se o único remédio que temos está em trazer índios para cá, é isso que devemos fazer. Assim pensavam os paulistas."⁹

A independência atribuída ao paulista é correlata às iniciativas dos bandeirantes. O gosto pela aventura e pela conquista os faziam livres, decididos e individualistas, não se importando com as ordens oriundas da coroa portuguesa e muito menos com o poder local. O mito do paulista capaz, autônomo e empreendedor encontra-se sintetizado na imagem abaixo:

⁷ HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1982, p. 68, 15ª ed.

⁸ ABUD, Katia. Obra citada, p. 4.

⁹ Idem, *Ibidem*, p. 10.



ara informar Pedro, dizendo-lhe que falavam
avalos, mulas e cachorros para usar como
coisas não mudassem. O aflito barbeiro não
r um forte arrepio no estômago ao escutar o
a. Como se não bastasse, assim que Antônio
tar tudo o que ouvira, um cão passou por
para os dois com um ar terrivelmente triste.
ngoliu em seco.

uando a bandeira completava um mês no ser-
ação começou a se estabilizar. Finalmente,
ais trilhas seguidas por expedições anteriores
região das reduções jesuíticas encontrava-se
perto. Depois da travessia, sem grandes trans-
fíbagi, a situação mudou sensivelmente. As

conseqüências da febre, que chegou
diminuíram. Quando a bandeira aca-
Leme deu ordem para descansar po-
tecer a tropa. Foi possível recolher
fruto que proliferava na região. Pe-
inteiras apreciando, distraído, o vô-
e gralhas que viviam por ali. Enque-
lharam duro, abrindo a mata para p-
do roças. Assim ficava garantida
para o retorno, ainda difícil de pre-
ginar com precisão quando seria a ve-
que, quando ela ocorresse, teriam o
para alimentar, tantos eram os in-
sionar.

A imagem do homem ocupando toda a página é próxima à de um gigante e está posta entre duas representações: a transformação do meio pelo trabalho e a destruição da natureza. Em primeiro plano, vê-se um tronco de árvore cortado e ao fundo um campo sendo cultivado. E a imagem do paulista é a de um construtor, modificador, empreendedor, merecedor do descanso ^{LEVA} face de sua labuta. "São Paulo não pode parar!..."

O Bandeirante como analogia do "paulista" foi amplamente explorado no ideário da revolução de 1932, símbolo de heroísmo e do desprendimento para com a luta¹⁰. Toda a propaganda do Estado Novo, direcionada à "Marcha para o Oeste", encontrava-se apoiada na obra empreendedora do bandeirante¹¹, assim como Juscelino Kubitschek¹² não deixara de lado essa figura mítica já conhecida nos livros escolares e na memória¹³. E continua sendo. Na cidade de São Paulo e no Estado, há monumentos, avenidas, rodovias em homenagem aos bandeirantes. Todos esses sinais constituem um conjunto de símbolos cuja finalidade é tocar a sensibilidade do povo e perpetuar uma memória oficial, baseada na eterna recordação dos feitos heróicos localizados no passado, mas que devem ser reproduzidos numa releitura interminável.

Outra construção historiográfica presente com força no ensino é Tiradentes, herói e símbolo nacional incontestado¹⁴.

¹⁰ Idem, *Ibidem*, p. 7. Conferir também CAPELATO, Maria Helena. *O Movimento de 1932. A causa paulista*. Coleção Tudo é História, 15, São Paulo, Brasiliense, 1981.

¹¹ LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*, Campinas, Papirus, Editora da Unicamp, 1989, 2ª ed.

¹² "Juscelino, o grande bandeirante do século" - cartaz da campanha eleitoral de 1960, para a presidência da República. Conf. *Nosso Século 1945-1960*, São Paulo, Abril Cultural, 1980.

¹³ A figura do Bandeirante foi usada em campanhas ufanistas - "Brasil, ame-o ou deixe-o", "Brasil, conte comigo", durante o governo Médici, 1971. Conf. *Nosso Século 1960-1980*, São Paulo, Abril Cultural, 1980, p. 222.

¹⁴ Paulo Miceli, com o intuito de conhecer quem são os heróis da atual juventude, pesquisou 267 alunos de primeiro e segundo graus, de uma escola pública de Atibaia, Estado de São Paulo. Entre os inúmeros heróis escolhidos, entre pais, tios, princesa Isabel, D. Pedro e outros mais, Tiradentes obteve sozinho 25% dos votos. Uma preferência alta. A segunda es-

A historiografia tradicional já trabalhara a figura de Tiradentes de modo a fazer dele um herói nacional. Bittencourt afirma:

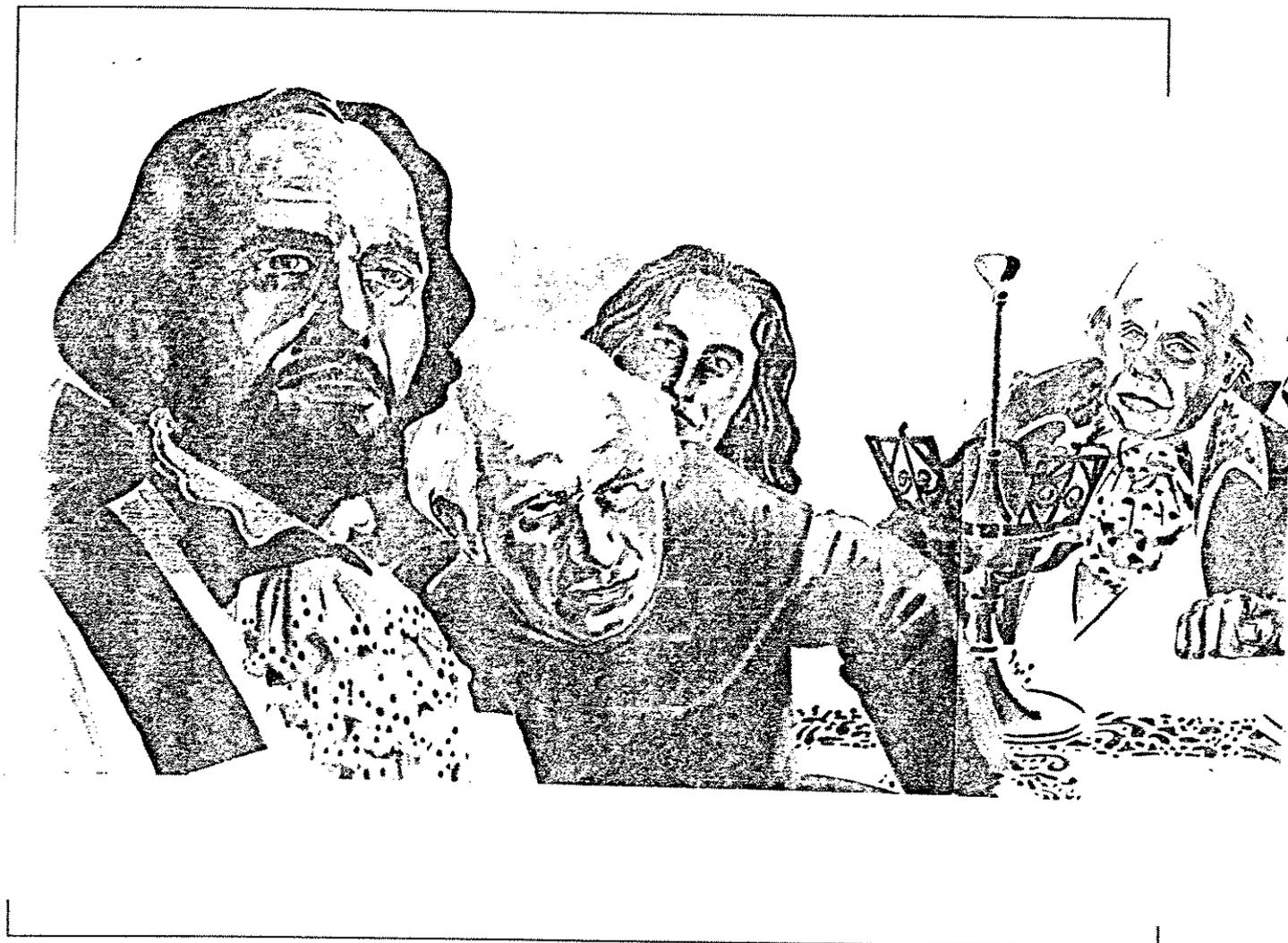
"A figura de Tiradentes, recuperada pelos militares no final do século XIX, passou a se constituir em símbolo nacional, procurando-se com a comemoração do evento associar república e liberdade."¹⁵

Os fascículos referentes à Inconfidência Mineira¹⁶, de modo geral, canalizam a abordagem para a figura de Tiradentes. Ele é apresentado como um homem alto, destemido, belo, diferente dos demais.

colha recai sobre D. Pedro I, in MICKLI, Paulo. *O Mito do Herói Nacional*. São Paulo, Contexto, 1988, p. 19.

¹⁵ BITTENCOURT, Circe M. *Pátria, Civilização e Trabalho - O Ensino de História nas Escolas Paulistas (1917-1939)*. Dissertação de Mestrado, USP, 1988, p. 262.

¹⁶ MOTA, Carlos Guilherme. *Tiradentes e a Inconfidência Mineira*. São Paulo, Ática, 1986.



Mesmo a historiografia mais recente continua a se referir a Tiradentes como um símbolo de liberdade; no imaginário popular, está posto como herói, entre os heróis, segundo atesta a pesquisa de Miceli.

Não há nenhum retrato seu. As imagens perpetuadas nos livros didáticos, paradidáticos e cartazes foram extraídas da imaginação de pintores e escritores. Segundo testemunhos contemporâneos, ele não tinha nenhuma das adjetivações com que foi perpetuado. Todavia, como um símbolo de liberdade, precisa surgir como uma figura com porte físico especial.

No livro *Da Colônia ao Império um Brasil para inglês ver... e latifundiário nenhum botar defeito*, Tiradentes não é focalizado como líder do grupo mas, como alguém que recebe as ordens dos demais. É uma posição crítica e distinta se comparada aos outros paradidáticos. A imagem que aparece de Tiradentes nas demais obras didáticas e paradidáticas é a de líder e a de herói. Esta imagem é reforçada no calendário com o destaque de um dia especial dedicado a ele, 21 de abril. Samba-enredo também já foi dedicado à sua memória.

Se Tiradentes aparece como um herói, na maioria dos materiais didáticos, é importante verificar como este símbolo vem sendo construído na trama narrativa, através da ótica do narrador.

Particularmente os *Autos da Inconfidência Mineira*, têm inspirado os autores a traçar um perfil do "herói", segundo a visão dos seus contemporâneos: "Ele é um louco, fala contra a Coroa e o governo publicamente e propaga as idéias de revolução"¹⁷. A imaginação sobre o modo como pensava e agia Tiradentes não se libera pois os contornos de sua personalidade encontram-se rígidos, pelos reiterados usos que a memória oficial vem fazendo de sua figura mítica.

Em virtude de sua disponibilidade para executar as tarefas mais difíceis, é construída a auréola de herói. O texto de Mota percorre contornos desta imagem associada de alguma forma ao povo brasileiro:

¹⁷ Idem, *Ibidem*, pp. 12, 14 e 21.

"Brasileiro, sem família importante e sem contatos políticos, jamais foi promovido. Em 1787, irritado com sua situação na tropa e sempre parteado por problemas de dinheiro, licenciou-se do regimento e foi para o Rio de Janeiro tentar um sonho de empresário. (...) seus planos nunca saíram do papel."¹⁸

O esforço maior dos paradidáticos concentra-se em demonstrá-lo como aparentemente igual a uma pessoa comum, vivendo as mesmas dificuldades. No cotidiano, foi superior aos demais mortais porque foi valente, altruísta, perseverante, lutador, capaz de dar a sua vida para bem de todos. A aparente igualdade de maneira de viver facilitou a identificação das pessoas do presente com Tiradentes e ^{com} qualquer outro herói.

O herói constituiu-se enquanto tal na medida em que toca o coração e a mente das pessoas. Sintomaticamente, Tiradentes é identificado aos mártires cristãos que morreram na arena contra o poder dos romanos. O julgamento, a prisão e a morte de Tiradentes se assemelham a um martírio e sacrifício pela Pátria. Sobre esse sangue derramado é que germinaria a pátria de todos os brasileiros.

Em relação ao cumprimento das penas, Mota escreveu:

"- Meu Salvador morreu também assim, nu, por seus pecados!"¹⁹

"- Meu Deus, me ajude! Eu não aguento mais... murmurou quase inaudivelmente o condenado."²⁰

¹⁸ Idem, Ibidem, p. 12.

¹⁹ Idem, Ibidem, p. 26.

²⁰ Idem, Ibidem, p. 28.

"- Depressa, acaba com isso, irmão! como última graça de Deus... Depressa, a última, implorou o exausto condenado."²¹

Tal como Cristo, ele foi objeto de escárnio e negado por seus pares, assim como implorou a Deus que apressasse o seu fim. As palavras que o autor colocou em Tiradentes se assemelham àquelas proferidas por Cristo no Gólgota.

O discurso do poder instrumentaliza a sacralização da imagem e do caráter do herói, apoiando-se em convicções enraizadas no imaginário religioso da população. O historiador Lenharo²² pontuou tal procedimento utilizado pela propaganda em relação a Getúlio Vargas, durante o Estado Novo. A sacralização da pessoa do ditador visava a eficácia da dominação política. Esta é uma postura necessária à inculcação ideológica e ao domínio ideológico. Recentemente, os brasileiros participaram, estarrecidos alguns, comovidos a maior parte, da "farsa" criada e manipulada pelos partidos políticos, pelo exército e pelo governo por ocasião da morte de Tancredo Neves. Todo um "circo" foi armado para assemelhá-lo a Tiradentes. "O Tiradentes do Brasil Novo."

A memória oficial atribui aos bandeirantes a responsabilidade pela expansão e pela unidade territorial; a Tiradentes coube o legado da verdadeira nacionalidade²³.

Um conjunto de símbolos identificados - músicas, gestos, movimentos, bandeiras, festas são usados pelo Estado, na in-

²¹ Idem, *Ibidem*, p. 29.

²² LENHARO, Alcir. *Obra citada*, pp. 169 a 197.

²³ ARRUDA, Maria A. do Nascimento. *Mitologia da Mineiridade*. São Paulo, Brasiliense, 1990.

tenção de tocar o coração e a sensibilidade populares. Este universo simbólico dá concretude a algo que já foi inculcado nas pessoas, é a reafirmação do poder cívico. Foi um recurso particularmente muito utilizado durante os governos militares. Neste período, eram promulgadas orientações para a comemoração de datas chamadas "cívicas" aos professores de Educação Moral e Cívica, pelo Diário Oficial. Os alunos deviam fazer monografias sobre determinados personagens "históricos" e ou temas nacionais como: a estrada perimetral norte, Tiradentes, usinas hidrelétricas e outros mais. Neste contexto, as festas exercem grande função social pois mobilizam o corpo e a alma pelo controle dos movimentos, dos desfiles, das ginásticas e dos hinos.

Acreditamos que a análise aqui realizada, nos permite concluir que apesar da ênfase com que é veiculada a relação entre paradidático e inovação pedagógica, ela não se concretiza em termos reais. Isto por que o simples emprego de uma técnica discursiva (seja história em quadrinhos, documentos ou narrativa ficcional) considerada a priori como inovadora, seja no sentido de não usual, seja no sentido de facilitadora da percepção, não define a produção da mudança cultural, no caso, o livro paradidático, como objeto inovador. De outro^{lado}, porque a compreensão do movimento histórico (do devir das sociedades) exige a capacidade sintetizadora entre a forma e o conteúdo.

Assim, é impossível pensar historicamente ou seja, empregando os conceitos próprios da elaboração historiográfica, sem que tenhamos desenvolvido nossa capacidade de pensar a trama histórica em suas múltiplas concretudes, durações, composições e relações entre os diversos agentes sociais.

Podemos afirmar também que a compreensão das relações sociais situadas num complexo temporal/espacial determinado impõe a explicitação dos mecanismos de poder, ou seja, da dominação.

Portanto, o emprego da forma isolada, por mais inovadora que seja, impossibilita o alcance de inovações que apontem para a transformação, que somente será alcançada com mudanças substanciais nas abordagens do conteúdo proposto. E isto, como acreditamos ter explicitado, não ocorreu, pois, no final a história veiculada continuou sendo aquela exaltadora de heróis, excluída das minorias, reforçadora dos laços de dominação.

Os três paradidáticos analisados apesar de empregarem recursos discursivos diferentes, cada qual com sua especificidade, constituíram-se, na verdade, em mais um exemplo-tipo, no qual, a mudança foi aparente. Em mais um exemplo de que expressava a "modernização conservadora" tão conhecida nos processos escolares.

BIBLIOGRAFIA

LIVROS

- ABREU, J. Capistrano. *Capítulos de História Colonial*. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/EDUSP, 1988, 7ª ed. revista.
- ABUD, Katia M. *As Profissões em São Paulo na Primeira Metade do Século XIX (1798-1836)*. Mimeo, 1981.
- _____. *O Sangue Intimorato e as Nobilíssimas Tradições (a Construção de um Símbolo Paulista: O Bandeirante)*. Tese de doutoramento, mimeo, USP, 1985.
- AMADO, Janaina e GARCIA, Ledonias Franco. *Navegar é Preciso - Grandes Descobrimientos Marítimos Europeus*. São Paulo, Atual, 1989.
- AMALVI, Christian. *De L'Art e la Manière d'Accommoder les Héros de l'Histoire de France - Essais de Mythologie Nationale*. Paris, Ed. Albin Michel, 1988.
- ANDERSON, P. Modernidade e Revolução. Trad. Maria Lúcia Montes, in Novos Estudos Cebrap, nº 14, fev/1986.
- ANSELMO, Zilda Augusta. *História em Quadrinhos*. Petrópolis, 1975.
- ANTONIL, André João. *Cultura e Opulência do Brasil*. São Paulo, Edit. Nacional, 2ª ed., s/d.
- _____. *Cultura e Opulência no Brasil por Suas Drogas e Minas*. São Paulo, Melhoramentos, 1923.
- ARENDDT, Hannah. *A Crise da Cultura*, in Entre Passado e o Futuro. São Paulo, Perspectiva, 1972, 2ª ed.
- ARRUDA, M. A. do Nascimento. *Mitologia da Mineiridade*. São Paulo, Brasiliense, 1990.
- BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento. O Contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Frateschi Vieira, São Paulo/Brasília, Hucitec/Ed. UnB, 1987.
- BARROS, Edgar L. de. *Os Sonhadores de Vila Rica*. São Paulo, Atual, 1989.
- BARTHES, Roland. *A Mensagem Fotográfica*, in Teoria da Cultura de Massas, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982, 3ª ed.
- BEARD, Charles A. *That Noble Dream*, in The American Historical Review, New York, 41(1):74-87, out/1935.

- BENJAMIN, Walter. *A Obra de Arte na Época de Suas Técnicas de Reprodução*, in *Os Pensadores*, v. XLVIII, São Paulo, Abril Cultural, 1975, 1ª ed.
- _____. *Obras Escolhidas*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet, São Paulo, Brasiliense, 1983, 3ª ed.
- BITTENCOURT, Circe. *Pátria, Civilização e Trabalho - Ensino de História nas Escolas Paulistas (1917-1939)*. Dissertação de Mestrado, USP, 1988.
- BLOCH, Marc. *Apologie pour l'Histoire ou Métier d'Historien*, in *Cahiers des Annales*, 3, Paris, Librairie Armand Colin, 1949.
- _____. *Introdução à História*. Trad. Maria Manuel e Rui Grácio, Portugal, Publicações Europa América Ltda., 4ª ed.
- BOMENY, Helena B. *Cidade, República, Mineiridade*, in *Revista de Ciências Sociais*, v. 30, nº 2, Rio de Janeiro, IUPERJ, 1987, pp. 187-206.
- BORJA, Wagner *et alli*. *Linguagem e Canção: uma Proposta para o Ensino de História*, in *Revista Brasileira de História*, v. 7, nº 13, set/86, e fev/87, São Paulo.
- BCSCHI, Caio César. *Os Leigos e o Poder*. São Paulo, Ática, 1986.
- BOSI, Ecléa. *Cultura de Massa e Cultura Popular - Leituras Operárias*. Petrópolis, Vozes, 1981, 5ª ed.
- BOURDÉ, Guy e MARTIN, Hervé. *Les Écoles Historiques*. Ed. du Seuil, 1983.
- BOXER, C. R. *O Culto de Maria e a Prática da Misoginia*, in *A Mulher na Expansão Ultramarina Ibérica*, Trad. Saúl Barata, Coleção Horizonte.
- BRACZKO, Bronislaw. *L'Utopia - Immaginazione Sociale e Rappresentazioni Utopiche nell'Età dell'Illuminismo*. Trad. Margherita Botto e Dario Gibelli, Torino, Einaudi Editore, 1979.
- BRAUDEL, Fernand. *História e Ciências Sociais*, in *Biblioteca Ciências Humanas*, Editorial Presença, 1972.
- BURGUIÈRE, André. *Dictionnaire des Sciences Historiques*. Paris, Press Universitaires de France, 1986.
- CANETTI, Elias. *Massa e Poder*. Trad. Rodolfo Krestan, São Paulo/Brasília, Melhoramentos/Ed. UnB, 1983.
- CAPELATO, Maria Helena. *O Movimento de 1932. A Causa Paulista*. Coleção Tudo é História, 15, São Paulo, Brasiliense, 1981.

- CARDOSO, Ciro F. *et alli. Os Métodos da História*. Trad. João Maria, Rio de Janeiro, Graal, 1979.
- CARDOSO, F. H. *Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional*. São Paulo, Difel, 1962.
- CARR, E. H. *Que é História?* Trad. Lúcia M. Alverga, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.
- CERTEAU, Michel. *L'Invention du Quotidien*. Paris, Union Générale d'Éditions, 1980.
- CHALHOUB, Sidney. *Trabalho e Botequim - O cotidiano no Rio de Janeiro da Belle Époque*. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- CHARTIER, Roger. *A História da Cultura - Entre Prática e Representação*. Trad. Maria M. Galhardo, Lisboa, DIFEL, 1988.
- CHAUÍ, Marilena. *Cultura e Democracia - O Discurso Competente e Outros Fatos*. São Paulo, Cortez, 1989, 4ª ed.
- CHESNEAUX, Jean. *Hacemos Tabla Rasa del Pasado?* Trad. Aurelio Garzón del Camiño, Argentina, Siglo XXI, 1984, 5ª ed.
- CHEVALIER, Jean Claude. *A língua: Linguística e História*, in *História - Novos Objetos*, trad. Terezinha Marinho, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976.
- CITRON, Suzanne. *Enseigner l'Histoire Aujourd'hui*. Paris, Les Éditions Ouvrières, 1984.
- COHN, Gabriel. *Comunicação e Indústria Cultural*. São Paulo, Editora Nacional, 1977.
- CORREIA, Viriato. *A Bandeira das Esmeraldas*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1957.
- COSTA, Emilia Viotti. *Da Senzala à Colônia*. São Paulo, DIFEL, 1966.
- CUNHA, Luis Antonio. *Educação e Desenvolvimento Social no Brasil*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1980, 6ª ed.
- DARNTON, Robert. *O Grande Massacre de Gatos*. Trad. Sonia Coutinho, Rio de Janeiro, Graal, 1986.
- DIAS, Maria Odila L. da Silva. *Quotidiano e Poder em São Paulo no Século XIX*. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- DOSSE, François. *L'Histoire em Miettes*. Paris, Éditions la Découverte, 1987.
- DUBY, Georges e LANDREAN, Guy. *Diálogos Sobre a Nova História*. Trad. Teresa Meneses, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1989.

- ECO, Umberto e BONAZZI. *Mentiras que Parecem Verdades*. Trad. Giacomina Faldani, São Paulo, Summus, 1980.
- ECO, Umberto. *Apocalípticos e Integrados*. Trad. Geraldo Gerson de Souza, São Paulo, Ed. Perspectiva, 1970.
- FAYE, Jean Pierre. *Théorie du Récit*. Paris, Hermann, 1972.
- FAORO, Raymundo. *Os Donos do Poder: Formação do Patronato Político Brasileiro*. Porto Alegre/São Paulo, Globo/EDUSP, 1975, 2ª ed. rev. e aumentada.
- FARIA, Ana L. G. *Ideologia no Livro Didático*. Cortez Autores Associados, 1984.
- FARIA, Antonio Augusto. *Caravelas no Novo Mundo*. Coleção Cotidiano da História, São Paulo, Ática, 1984.
- FEBVRE, Lucien. *Combats pour l'Histoire*. Paris, A. Colin, 1965, 2ª ed.
- FERLINI, Vera L. A. *Terra, Trabalho e Poder*. São Paulo, Brasiliense, 1988.
- FERRO, Marc. *A Manipulação da História no Ensino e nos Meios de Comunicação - A História dos Dominados em Todo o Mundo*. Trad. Wladimir Araújo, IBRASA, São Paulo, 1983.
- _____. *L'Histoire sous Surveillance*. Paris, Calmann Lévy, 1985.
- FINLEY, M. I. *Uso e Abuso da História*. Trad. Marylene Pinto Michael, São Paulo, Martins Fontes, 1989.
- FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves, Rio de Janeiro, Forense, 1987, 3ªed.
- _____. *Microfísica do Poder*. Trad. Roberto Machado, Rio de Janeiro, Graal, 1986, 6ªed.
- FREITAG BARBARA. *Política Educacional e Indústria Cultural*. São Paulo, Cortez Autores Associados, 1987.
- Foucault Michel. *Vigiar e Punir*. Trad. Lígia M. Pondé Vassalo, Rio de Janeiro, 1977.
- FREITAG, Bárbara. *Escola, Estado e Sociedade*. São Paulo, Moraes, 1980, 4ª ed. revisada.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio, 1958, 9ª ed., 2 vols.
- _____. *Sobrados e Mocambos*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1977, 5ª ed.

- FREITAS, Gustavo. *900 Textos e Documentos de História*. Lisboa, Plátano, 1977, 3 vols.
- FURET, François. *A Oficina da História*. Trad. Adriano Duarte Rodrigues, Lisboa, Gradiva.
- GARDINER, Patrick. *Teorias da História*. Trad. Vitor Matos e Sá, Lisboa, Fundação Caourte Gulbenkian, 1984, 3ª ed.
- GAY, Peter. *O Estilo da História*. Trad. Denise Bottmann, São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas e Sinais: Morfologia e História*. Trad. Frederico Caroti, São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- _____. *O Queijo e os Vermes*. Trad. Antonio da Silveira Mendonça, São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- GIOLITTO, Pierre. *L'Enseignement de l'Histoire Aujourd'hui*. Paris, Arman Colin Éditeur, 1986.
- GLEZER, Raquel. *Novos Livros e Velhas Idéias*, in *Revista Brasileira de História*. 4/7, nov/1984, São Paulo, Ed. Marco Zero.
- GRAMSCI, Antonio. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Trad. Carlos N. Coutinho, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978, 2ª ed.
- HELLER, Agnes. *O Quotidiano e a História*. Trad. Carlos N. Coutinho e Leandro Konder, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1972.
- HOLANDA, Sérgio B. (org), *História Geral da Civilização Brasileira. A Época Colonial*. São Paulo, Difel, 1968, 2 vols.
- HOLANDA, Sérgio B. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1982, 15ª ed.
- _____. *Visão do Paraíso*. São Paulo, Cia. Editora Nacional/EDUSP, Coleção Brasileira, v. 333, 1969.
- IANNI, Otávio. *As metamorfoses do Escravo Meridional*. São Paulo, Difel, 1962.
- _____. *Imperialismo e Cultura*. Petrópolis, Edit. Vozes, 1976.
- LADEIRA, J. de Godoy. *Recife dos Holandeses*. São Paulo, Ática, 1987.
- LE GOFF, Jacques et alli. *História e Nova História*. Trad. Carlos da Veiga Ferreira, Lisboa, Edit. Teorema Ltda., 1986.
- LE GOFF, Jacques. *O Maravilhoso e o Quotidiano no Ocidente Medieval*. Trad. José Antonio Pinto Ribeiro, Lisboa, Edições 70.

- _____. *Para um Novo Conceito de Idade Média*. Trad. Maria Helena da Costa Dias. Estampa, Ltda. 1979.
- _____. *Reflexões Sobre a História*. Lisboa, Edições 70, 1982.
- LEFEBRE, Henri. *Lógica Formal, Lógica Dialética*. Trad. Carlos N. Coutinho, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1983, 3ª ed.
- LEFORT, Claude. *As Formas da História*. Trad. Luis R. S. Fortes e Marilena de S. Chauí, São Paulo, Brasiliense, 1990. 2ª ed.
- LENHARO, Alcir. *Sacralização da Política*. Campinas, Papirus, 1986.
- LEVI, Darrell E. *A Família Prado*. Trad. José Eduardo Mendonça, São Paulo, Cultura 70, 1977.
- LIMA, Luiz Costa. (org), *Teoria da Cultura de Massa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982, 3ª ed.
- LOBO, Elisabeth Souza. *A Igualdade Imaginada*, in São Paulo em Perspectiva, 4(3,4):16-19, jul/set 1990.
- LOWY, Michael. *As Aventuras de Karl Marx Contra o Barão de Münchhausen*. Trad. Juarez Guimarães e Suzanne Felice Lévy, São Paulo, Busca Vida, 1987.
- MACHADO, Maria Helena P. T. *Em Torno da Autonomia Escrava: uma Nova Direção para a História Social da Escravidão*, in Revista Brasileira de História, São Paulo, ANPUH/Marco Zero, v. 8, nº 16, agosto de 1988.
- MAQUIAVEL, N. *O Príncipe*. Trad. Roberto Grassi, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1982, 7ª. ed.
- MICELI, Paulo. *O Mito do Herói Nacional*. São Paulo, Contexto, 1988.
- MOLES, Abraham A. *et alli. Civilização Industrial e Cultura de Massas*. Trad. de Maria Cecília Baeta Neves, Petrópolis, Vozes, 1973.
- MORIN, Edgar. *Cultura de Massas no século XX*. Trad. Maura R. Sardinha, Forense, 1967.
- MOTA, Carlos Guilherme. *Tiradentes e a Inconfidência Mineira*. São Paulo, Ática, 1986.
- MOTA, Carlos Guilherme. (org), *Lucien Febvre - História*. Trad. Adalberto Masson, Paulo Salles Oliveira e M. Elisa Mascarenhas, São Paulo, Ática, 1978.

- NADAI, Elza. *A Educação da Elite e a Profissionalização da Mulher Brasileira na Primeira República: Discriminação ou Emancipação?*, in *Revista da Faculdade de Educação*, USP, v. 17, nº 12, jan/dez/1991, pp. 5-34.
- NILDECOFF, M. T. *A Escola e a Compreensão da Realidade*. São Paulo, Brasiliense, 1979.
- NORA, Pierre. Ernest Lavisson Rôle dans la Formation du Sentiment National, in *Revue Historique*, julho 1962.
- NOVAIS, Fernando. *Estrutura e Dinâmica do Antigo Sistema Colonial (séculos XVI-XVIII)*, in *Caderno Cebrap*, 17, São Paulo, 1974.
- _____. *Evolução da Sociedade Brasileira: Alguns Aspectos do Processo Histórico da Formação Social do Brasil*, in *Anais do Museu Paulista*, tomo XXIX, São Paulo, 1979.
- OLIVEIRA, Alaíde. *O livro didático*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1986, 3ª ed.
- OPLANDI, Eni P. *Linguagem e o seu Funcionamento*. São Paulo, Brasiliense, 1982.
- _____. *Terra à Vista - Discurso do Confronto: Velho e Novo Mundo*. São Paulo, Cortez, 1990.
- PERO VAZ DE CAMINHA. *Carta a El Rey Dom Manuel (Versão Moderna de Rubem Braga)*. Rio de Janeiro, Record, 1981.
- PERROT, Michelle. *Práticas da Memória Feminina*, in *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 9, nº 18, ago/set/89.
- PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. *Dilemas e Desafios da Historiografia Brasileira: A temática da Vida Cotidiana*. Mimeo, São Paulo, 1990.
- PINSKY, Jaime. (org), *O Ensino de História e a Criação do Fato*. São Paulo, Contexto, 1988.
- PRADO JÚNIOR, Caio. *Evolução Política do Brasil e Outros Estudos*. São Paulo, Brasiliense, 1975, 9ª ed.
- _____. *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo, Brasiliense, 1957, 5ª ed.
- _____. *História Econômica do Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1967, 10ª ed.
- RAMOS, M. C. M. *O Paradidático, esse Rendoso Desconhecido*. Tese de doutoramento, mimeo, São Paulo, 1987.
- RIEDEL, Dirce Cortes. *Narrativa: Ficção & História*. R. J. Imago Edit., 1988.

- RIEUX, J. P. *Les Metamorphoses du Ernest Lavisse - Politique Aujourd'hui*. Dez/1975.
- ROMANO, Roberto. A Tirania do Olhar, in MARQUES NETO, José Castilho e DAHUERTA, Milton. (orgs), O Pensamento em Crise e as Artimanhas do Poder, São Paulo, UNESP, 1988, pp. 33-45.
- ROMANO, Ruggiero. *Mecanismos da Conquista Colonial*. São Paulo, Perspectiva, 1973.
- SAMARA, Eni de M. *As Mulheres, o Poder e a Família, São Paulo Século XIX*. São Paulo, Ed. Marco Zero, 1989.
- SCHAFF, Adam. *A Sociedade Informática*. Trad. Carlos Eduardo Machado e Luiz A. Obojes, São Paulo, Ed. UNESP/Brasiliense, 1990.
- _____. *História e Verdade*. Trad. Maria Paula Duarte, Lisboa, Estampa, 1977, 2ªed.
- SCHWARZ, Roberto. *O Pai de Família e Outros Estudos*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.
- SENNETT, Richard. *O Declínio do Homem Público*. Trad. Lygia Araújo Watanabe, São Paulo, Cia. das Letras, 1988.
- SILVA, J. L. W. Cuidado! O Livro que Você Adotou Pode Estar Cheio de Preconceitos Contra a Mulher, in Nova Escola, São Paulo, 1(1):54-6, mar/1986.
- _____. O Ensino Secundário, o Livro Didático em História, in Boletim de História, Rio de Janeiro, 3(6):161-71, jan. 1961
- SILVA, M. B. N. (org), *Teoria da História*. São Paulo, Cultrix, 1976.
- SILVA, Marcos A. da. (org), *Repensando a História*. São Paulo, Marco Zero, 1984.
- SILVA, Marcos A. da. Faces do Mesmo: Algumas Histórias na Indústria Cultural, in Revista Brasileira de História, São Paulo, Marco Zero, v. 8, nº 15, set/1987/1988.
- _____. *Prazer e Poder do Amigo da Onça*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989.
- SILVA, Zélia Lopes da. Asterix e a Dominação Romana, in Revista Brasileira de História, São Paulo, ANPUH/Marco Zero, v. 5, nº 10, mar/ago/1985, pp. 232-247.
- SILVA DIAS, Maria Odila L. da. *Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX*, São Paulo, Brasiliense, 1984.

- SILVA DIAS, Maria Odila L. da. (org), *Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo, Ática, 1985.
- SLENES, Robert. Lares Negros, Olhares Brancos: Histórias da Família Escrava no Século XIX, in *Revista Brasileira de História*, São Paulo, ANPUH/Marco Zero, v. 8, nº 16, agosto/1988.
- TEIXEIRA JUNIOR, L. A. *O Engenho Colonial*. São Paulo, Ática, 1983.
- TELLES, Norma. *Cartografia Brasilis: História Espaço-Profundidade-Gentes*. São Paulo, Ed. Loyola, 1984.
- THOMPSON, E. P. *A Miséria da Teoria*. Trad. Waltensir Dutra, Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- THUILHIER, Guy e TULARD, Jean. *Les Écoles Historiques*. Coleção Que sais je?, Paris, Presse Universitaire de France, 1990.
- VAINFAS, Ronaldo. *Trópico dos Pecados*. Rio de Janeiro, Ed. Campus, 1989.
- VARNHAGEM, F. A. *História Geral do Brasil*. São Paulo, Melhoramentos, s/d, 4ª ed.
- VESENTIN, Carlos Alberto. *A Teia do Fato*. tese de doutoramento apresentada ao Departamento de História, USP, 1982.
- _____. *Maria Quitéria de Jesus - História-Crime*, in *Anais do Museu Paulista*, Tomo XXIX, São Paulo, USP, 1979, pp. 25-49.
- VEYNE, Paul. *Comment on Écrit l'Histoire*. Paris, Éditions du Seuil, 1971.
- _____. *O Inventário das Diferenças - História e Sociologia*. Trad. Sônia Salzstein, São Paulo, Brasiliense, 1983.
- VIANNA, J. F. de Oliveira. *Populações Meridionais do Brasil*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1973, 4ª ed., 2 vols.
- VOVELLE, Michel. *Ideologias e Mentalidades*. Trad. Maria Júlia Goldwasser, São Paulo, Brasiliense, 1987.
- YAZBEK, Mustafa. *Os Bandeirantes*. São Paulo, Ática, 1985.

OUTRAS PUBLICAÇÕES

Coleção NOSSO SÉCULO, São Paulo, Abril Cultural, 1980, 6 vols.

O que Sabemos Sobre o Livro Didático: Catálogo Analítico, Campinas, Edit. Unicamp. 1989.

Folha de São Paulo, 5 de novembro de 1991, p. 3/10.

Isto é/Senhor, nº 1043, 13/set/1989

Revista Leia: jun/1985

jun/1986

jun/1987

ago/1990

CORPUS DOCUMENTAL

História em Documentos. São Paulo, Atual.

Cotidiano da História. São Paulo, Ática.

Redescobrimo o Brasil. São Paulo, Brasiliense.